

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS**

PAULO SÉRGIO DOS SANTOS JÚNIOR

**A FOTOGRAFIA NA PSICOLOGIA: METASSÍNTESE DE TESES E
DISSERTAÇÕES BRASILEIRAS**

**MACEIÓ
2018**

PAULO SÉRGIO DOS SANTOS JÚNIOR

**A FOTOGRAFIA NA PSICOLOGIA: METASSÍNTESE DE TESES E
DISSERTAÇÕES BRASILEIRAS**

Dissertação de Paulo Sérgio dos Santos Júnior apresentada junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adélia Augusta Souto de Oliveira.

MACEIÓ

2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Janis Christine Angelina Cavalcante

S237f Santos Júnior, Paulo Sérgio dos.
A fotografia na psicologia: metassíntese de teses e dissertações brasileiras /
Paulo Sérgio dos Santos Júnior. – 2018.
130 f.:il

Orientadora: Adélia Augusta Souto de Oliveira.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió,
2018.

Bibliografia: f. 113-123.
Apêndices: f. 124-130.

1. Fotografia. 2. Pesquisa em Psicologia. 3. Metassíntese. 4. Síntese
interpretativa. I. Título.

CDU: 159.9:77.039



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGP

TERMO DE APROVAÇÃO

PAULO SÉRGIO DOS SANTOS JÚNIOR

Título do Trabalho: "A fotografia na Psicologia: metassíntese de teses e dissertações brasileiras".

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:


Prof.^a Dr.^a Adélia Augusta Souto de Oliveira (PPGP/UFAL)

Examinadoras:


Prof.^a Dr.^a Neliane de Almeida Lins Leitão (PPGP/UFAL)


Prof.^a Dr.^a Andréa Vieira Zanella (UFSC)

Maceió-AL, 26 de fevereiro de 2018.



Self-Portrait,

registros da década de 1950.

Fotografia de Vivian Maier.

Acervo: © 2018 Maloof Collection, Ltd. < <http://www.vivianmaier.com/> >.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, pela confiança durante toda essa jornada. Muito obrigado por compartilhar sua experiência.

Aos meus companheiros de pesquisa, Lívia Canuto e Danillo Pinto, pela paciência e receptividade quando entrei no Grupo de Pesquisa. Luciano Bueno e Maria Laura Rocha, pelo auxílio na exaustiva tarefa de coleta de dados. Juliano Bastos, pelas inúmeras contribuições transmitidas com clareza e domínio, nas reuniões do grupo de pesquisa e em artigos de sua autoria.

À Professora Andréa Zanella e Professora Paula Miura, pela disponibilidade em avaliar meu projeto de pesquisa, na etapa da qualificação. Suas contribuições, correções e ajustes de caminho, foram essenciais para o aprimoramento deste trabalho.

Aos meus colegas de turma e professores do PPG-Psi/UFAL (em especial, Jefferson Bernardes, Heliane Leitão e Paula Miura), pelas boas discussões e compartilhamento.

À equipe administrativa do Instituto de Psicologia da UFAL, pela paciência.

Aos meus colegas acadêmicos, autores das teses e dissertações analisadas nesta pesquisa, meu mais sincero reconhecimento.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão de bolsa.

Aos meus amigos (em especial, Caio, Cecília, Mary e Morgana), pelo amor e carinho.

À minha família humana e felina, por tudo!

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas

RESUMO

Neste estudo realizou-se metassíntese sobre as formas de uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. Para tanto, teve como objetivos: explorar, sistematizar, descrever e configurar sua constituição histórica, geográfica e institucional; identificar os aspectos teóricos-metodológicos que subsidiam o conhecimento produzido com o uso da fotografia, e, por fim, interpretar as formas de uso da fotografia como instrumento de pesquisa na pós-graduação brasileira em Psicologia. Para o alcance desses objetivos, desenvolveram-se quatro etapas metodológicas sequencias e complementares, denominadas: Exploração, Refinamento, Descrição e Interpretação. Os dados foram coletados através do Banco de Teses & Dissertações da CAPES junto a Plataforma Sucupira com o uso dos seguintes descritores: fot* AND Psicologia. Na primeira parte da pesquisa, realizou-se a análise descritiva de 292 documentos (230 dissertações e 62 teses), sobre as categorias: nível acadêmico, série história, distribuição geográfica e institucional. Os dados foram então relacionados e comparados com informações a respeito da Pós-graduação brasileira, disponíveis na ferramenta de informações georreferenciadas da CAPES - GeoCAPES. Os resultados demonstram que, do ponto de vista quantitativo, são mais produções no nível do mestrado. Este avanço é proporcional ao maior quantitativo de programas de pós-graduação com oferta desse nível acadêmico, incluindo a área da Psicologia. As informações indicam também, crescimento contínuo e elevado da produção, o qual apresenta como justificativa, a ampliação da pós-graduação no Brasil, verificada no início da década passada (2000-2009). Além disso, identificaram-se produções distribuídas em todas as regiões brasileiras. O estado de São Paulo, em específico, a Universidade de São Paulo e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo apresentam maior valor quantitativo. Contudo, deve-se considerar o maior tempo de existência dos programas de pós-graduação nessas instituições, aspecto que pode ser indicativo do maior número de produções nesses espaços acadêmicos. No total, foram localizadas teses e dissertações oriundas de 19 unidades federativas, distribuídas em 42 instituições de ensino superior. A segunda parte desta pesquisa corresponde à efetivação da síntese interpretativa, momento em que se procedeu à análise qualitativa das 50 teses que foram localizadas na íntegra. Corrobora-se com a literatura tradicional, no que afirma que o objetivo da fotografia na Psicologia é a atribuição de significados. No âmbito dos trabalhos analisados, identificaram-se as formas de uso como registro, estímulo visual e autofotografia, somadas a função de acervo iconográfico, quando as fotografias são resgatadas como fontes de informações históricas e, também, a produção de conteúdos imagéticos, para a construção de bancos de dados autorais, tendo em vista a validação e atualização de instrumento projetivo ao contexto brasileiro ou devido aos direitos autorais conferidos as imagens produzidas por terceiros. E, por último, a função de objeto mediador, quando a fotografia é utilizada como fonte intermediária que auxilia pesquisadores e interlocutores no processo de construção do conhecimento. No âmbito desta forma de uso, pesquisadores e seus interlocutores tem à disposição um objeto (a fotografia) com diversas funcionalidades: suporte à memória, materialidade mediadora no atendimento individual e grupal, trabalho de tradução, entre outros. Conclui-se que a fotografia, de modo geral, é aplicada em conjunto a outras ferramentas de pesquisa, pois assim, permite aos pesquisadores o aprofundamento do conhecimento sobre o objeto de estudo. Além disso, a fotografia mostra-se um recurso multifacetado, podendo ser aplicada nos mais variados tipos de pesquisa: análise histórica (pessoal ou coletiva), pesquisa empírica, etnografia, cartografia, entre outros. Com relação às contribuições para o desenvolvimento da metassíntese, destaca-se o avanço obtido neste estudo, ao considerar a descrição histórica e pormenorizada do corpo analítico da pesquisa.

Palavras-chave: fotografia; pesquisa em psicologia; metassíntese; síntese interpretativa.

ABSTRACT

In this research metasynthesis was realized about the uses of photography in psychological research. The objective are: explore, systematize, describe and configure the historic, geographic and institutional constitution; identify theoretical and methodological aspects that subsidize the knowledge produced with the use of photography and interpret the uses of photography in psychological research produced in graduate programs brazilian in psychology. To reach these objectives, four methodological stages developed were, denominated: Exploration, Refinement, Description and Interpretation. For data search has used the Banco de Teses & Dissertações da CAPES and Plataforma Sucupira, from the descriptors: fot* AND Psicologia. In the first part of this study, realized descriptive analysis of 292 documents (230 dissertations and 62 theses) about the categories: academic degree, historic series, geographic and institutional distribution. The data been were related and compared with information about the brazilian graduate programs, available in the georeferencing tool of the CAPES – GeoCAPES. The results show, quantitatively, are more production on the level of the master degree, proportionally to greater quantitative of graduate programs with an offer of this academic degree, including in the area of Psychological. The information's also indicates that continuous growth and high of the production, whom presents as justification, the expansion of the brazilian graduate programs, verified during the beginning of the past decade (2000-2009). In addition, been identified productions distributed in all the Brazilian regions. The states of São Paulo, in particular, a University of the São Paulo and Pontifical Catholic University of the São Paulo presents greater number of the productions. However, should considered the greater time of the existence of the graduate programs these institutions, aspect that may indicative of the greater number of the productions in these academic venues. In total, been located theses and dissertations arising of the 19 federative units distributed in 42 institutions of the higher education. The second part of this study, realized the interpretative synthesis, moment whereby proceed the qualitative analysis of the 50 theses were been located in full. Corroborated with the traditional literature, when affirm that objective of the photography in Psychology is the attribution of meanings. At context in the works analyzed, identified use as recording, visual stimuli and auto-photographic. Added to these, the use as iconographic collection, when the photographs are redeemed as sources of historical information and, also, the production of imagery contents, for this purpose, aim construction databases, to the validation and update of the projective instrument to the brazilian context or due to third parties copyright images. Finally, the uses as mediator object, when photography is used as a facilitator of dialogue in the process of knowledge construction. At context this use, researchers and interlocutors has access to a multifaceted object: memory support, mediating materiality in the psychotherapeutic attendance and group context, translation work among others. We concludes that the photography, in general, is applied collaborative the other tools because it allows the researcher deepen the knowledge about the object of study. In addition, the photography shows a multifaceted feature can be applied to various types of search: historical analysis, empiric research, ethnography, cartography, etc. Regarding the contributions to the development the metasynthesis, its stands out the advance achieved in this study, into consideration of the historic description and detailed of the analytic corpus of the research.

Keywords: photography; psychological research; metasynthesis; interpretative synthesis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de trabalho identificado como ‘Trabalho Anterior a Plataforma Sucupira’ no Banco de Teses & Dissertações da CAPES.....	31
Figura 2 – Exemplo de trabalho com acesso a Plataforma Sucupira no Banco de Teses & Dissertações da CAPES.....	31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Configuração quantitativa do <i>corpus</i> analítico.....	32
Quadro 2 – Composição quantitativa dos documentos localizados no Banco de Teses & Dissertações – CAPES e Plataforma Sucupira.....	33
Quadro 3 – Nome do programa de pós-graduação e área de avaliação conforme Plataforma Sucupira.....	35
Quadro 4 – Distribuição dos Programas de Pós-graduação no Brasil por nível de formação.....	42
Quadro 5 – Distribuição regional e em Unidades Federativas (UF) por tipo de documento.....	43
Quadro 6 – Distribuição regional e em Unidades Federativas dos Programas de Pós-graduação em Psicologia no Brasil no período de 1998, 2008 e 2015.....	44
Quadro 7 – Distribuição da produção acadêmica entre as Instituição de Ensino Superior brasileiras em ordem decrescente.....	45

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Série histórica (frequência ano a ano de 1990 a 2016).....	40
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

AM	Amazonas
BA	Bahia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CE	Ceará
DF	Distrito Federal
ES	Espírito Santo
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GO	Goiás
IES	Instituição de Ensino Superior
MG	Minas Gerais
MS	Mato Grosso do Sul
PA	Pará
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PPG	Programa de Pós-graduação
PPGP	Programa de Pós-graduação em Psicologia
PR	Paraná
PUC/CAMPINAS	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
PUC/GO	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
PUC/MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC/PR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUC/RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro
PUC/RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
RO	Roraima

RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SE	Sergipe
SP	São Paulo
UCB	Universidade Católica de Brasília
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEPG	Universidade Estadual de Maringá
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UF	Unidade Federativa
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFERSA	Universidade Federal do Ceará
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFGO	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRO	Universidade Federal de Roraima
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFSJ	Universidade Federal de São João Del-Rei
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNESP/ASSIS	Universidade Estadual de São Paulo/Assis
UNESP/BAURU	Universidade Estadual de São Paulo/Bauru
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
UNICEUB	Centro Universitário de Brasília
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIFOR	Universidade de Fortaleza
UNIFRAN	Universidade de Franca
UNIMEP	Universidade Metodista de Piracicaba
UNISINOS	Universidade do Vale dos Sinos
UNIT	Universidade Tiradentes
UNIUBE	Universidade de Uberaba
UPE	Universidade de Pernambuco
USF	Universidade São Francisco
USP	Universidade de São Paulo
USP/RP	Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto
USP/SC	Universidade de São Carlos
UTP	Universidade Tuiuti do Paraná

SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
LISTA DE TABELAS	
LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE GRÁFICOS	
LISTA DE ABREVIACÕES	
1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Contextualização do método	18
1.2 Contextualização da história da fotografia	21
1.3 Aspectos técnicos da fotografia	25
1.4 Objetivos e questões	27
1.5 Estrutura da dissertação	28
2 MÉTODO	29
2.1 Descrição dos procedimentos	30
2.1.1 Exploração	31
2.1.2 Refinamento	35
2.1.3 Descrição	38
2.1.4 Interpretação	38
3 PANORAMA DESCRITIVO	40
3.1 Tipo de documento e série histórica	40
3.2 Distribuição geográfica e institucional	43
4 INTERPRETAÇÃO	48
4.1 Procedimentos para a condução da análise interpretativa	48
4.2 Breve apresentação do <i>corpus</i> analítico	50
4.3 As formas de uso da fotografia na pesquisa em Psicologia	66
4.3.1 O uso da fotografia para a produção de registro visual	68
4.3.2 O uso da autofotografia	74
4.3.3 O uso da fotografia para a produção de estímulo visual	80
4.3.4 A produção de acervo iconográfico	94
4.3.5 A fotografia como objeto mediador	96
4.3.6 A fotografia como fonte de informação	107
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICES	124

1 INTRODUÇÃO

A produção de pesquisas científicas, no cenário tecnológico contemporâneo, tem se transformado em função dos benefícios que a tecnologia disponibiliza a comunidade acadêmica, em especial, com a ampliação de meios virtuais de divulgação e promoção científica; a acessibilidade, facilidade de manuseio e disponibilização de recursos e ferramentas técnicas, mecânicas e computacionais que auxiliam nesse processo.

Nesse contexto, esta pesquisa acompanha dois objetos que têm suas possibilidades ampliadas em função da progressão tecnológica: as ferramentas de compartilhamento e disponibilização de informações científicas – bases de dados; e a fotografia, enquanto recurso visual utilizado para a produção do conhecimento.

No que diz respeito ao primeiro, cita-se a *internet*, como um importante meio de comunicação, promoção e disponibilização de informações científicas e acadêmicas. E, nesse sentido, responsável pelo grande fluxo de informações em bases de dados virtuais. Esse movimento apresenta duas consequências, qualifica-se, positivamente, como estratégia de acesso e democratização a esse segmento de informação, devido à amplitude do seu alcance. Mas, também, dificulta o reconhecimento de avanços e contribuições científicas, devido ao crescente volume de dados dispersos, armazenados em espaços virtuais, em consequência do constante aumento da produção científica global (BRASIL, 2010).

Já a fotografia, enquanto materialidade obtida por meio de dispositivos de capturas de imagens, tem sua principal relevância, na condição de fonte de informação, em sua importância como elemento visual capaz de registrar “ações temporais e [...] acontecimentos reais – concretos, materiais” (LOIZOS, 2002, p. 137). Essa qualidade do recurso imagético é cada vez mais empregada no espaço acadêmico, conforme popularização e avanço das ferramentas de captura fotográfica e de vídeo. Esse aspecto, reflete assim, uma demanda de um “[mundo] crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais [...] que desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica” (LOIZOS, 2002, p. 138). E, nesse contexto, as ferramentas imagéticas, principalmente, a fotografia, torna-se um dos principais recursos de comunicação na contemporaneidade (FERREIRA, 2009; LOIZOS, 2009; MEDINA FILHO, 2013).

Assim, tendo em vista os aspectos supracitados nesta seção introdutória, apresenta-se, primeiro, uma breve revisão do método aplicado na presente pesquisa, com ênfase nas contribuições possibilitadas em pesquisas do tipo metassíntese, especialmente, àquelas produzidas no contexto do Grupo de Pesquisa *Epistemologia e Ciência Psicológica*, que, em

síntese, constituem-se em estratégias para a sistematização e análise de avanços acadêmicos e científicos a respeito de um objeto de estudo. Em seguida, discute-se brevemente a constituição histórica da fotografia como dispositivo técnico-instrumental e progressivamente modificado ao longo do tempo.

1.1 Contextualização do método

Os pesquisadores que utilizam produções acadêmicas e científicas como fonte de dados, empregam tempo e esforços para a realização de estudos com objetivo de reunir, explorar, mensurar, sistematizar a produção acadêmica e científica sobre determinado objeto de estudo. E, através disso, conhecer a amplitude e alcance do conhecimento produzido em um determinado campo do saber científico a respeito desse objeto (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

Nesse cenário, incluem as pesquisas fundamentadas nos pressupostos metodológicos da Medicina Baseada em Evidências, movimento decorrente do crescimento de práticas e produções acadêmicas e científicas no âmbito da saúde (MATHEUS, 2009), as chamadas revisões sistemáticas. Estas configuram-se como importantes contributos metodológicos para o alcance de sínteses de resultados de estudos acadêmicos e científicos (SANDELOWSKI; BARROSO, 2003).

Nesse tipo de pesquisa, a fonte de dados compreende a literatura científica e acadêmica sobre determinado objeto de estudo ou campo do saber científico. O seu alcance consiste em produzir e disponibilizar sistematizações e sínteses a respeito do referencial investigado (SAMPAIO; MANCINI, 2007). Em suma, busca-se “conhecer o que já foi realizado, para buscar o que ainda não foi devidamente investigado” (OLIVEIRA; TRANCOSO; BASTOS; CANUTO, 2015, p. 147).

Segundo Lopes e Fracolli (2008, p. 772), a revisão sistemática de literatura apresenta como características “fontes de busca abrangentes, seleção dos estudos primários sob critérios aplicados uniformemente e avaliação criteriosa da amostra”. Ainda, esse tipo de estudo segue procedimentos metodológicos rigorosos para localização e identificação da amostra, análise crítica e síntese de estudos relevantes (LOPES; FRACOLLI, 2008). A depender do nível de tratamento que se dá aos resultados sintetizados, segue configuração quantitativa e/ou qualitativa; quando analisados estatisticamente configuram-se no campo da meta-análise, quando integrados e interpretados configuram-se revisão sistemática qualitativa (LOPES; FRACOLLI, 2008).

Os estudos do tipo Metassíntese, nesse sentido, enquadram-se na categoria de pesquisa denominada revisões qualitativas. No entanto, diferem entre si quanto à abordagem e seu nível de interpretação. Segundo Botelho e colaboradores (2011), essas pesquisas são divididas em quatro tipos: meta-estudo; *grounded theory*; meta-etnografia e metassíntese. Por outro lado, Lopes e Fracolli (2008) afirmam que essas denominações se referem ao mesmo tipo de método, no caso, a metassíntese, à medida que são outras nomenclaturas identificadas, na literatura em estudos, que utilizam os procedimentos que fundamentam a prática baseada em evidências qualitativas. Os autores supracitados propõem as seguintes denominações: “meta-estudo (*meta-study*), meta-etnografia (*meta-ethnography*), meta-análise qualitativa (*qualitative meta-analysis*) e *aggregate analysis*” (LOPES; FRACOLLI, 2008, p.774).

Indica-se que no âmbito de nosso Grupo de Pesquisa *Epistemologia e a Ciência psicológica*, a metassíntese tem sido desenvolvida em investigações com diferentes objetos de estudo, a saber, a produção de conceito e sua utilização em áreas distintas (TRANCOSO, 2012), ou em uma única área (CANUTO, 2016; SANTOS, 2016); a produção de determinado método (CANUTO *et al.*, 2013) e a configuração de uma área do conhecimento (BASTOS, 2014). Enfatiza-se, com isso, conforme Oliveira e colaboradores (2015, p. 148), que em pesquisas do tipo metassíntese “[...] os objetos de investigação são diversos e a precisão em sua delimitação é ponto crucial para o êxito na investigação, pois dela decorre uma série de procedimentos. A definição do objeto antecede a operacionalização de qualquer ação do pesquisador”.

O estudo de Trancoso (2012), em resumo, analisa a produção do conceito de juventude em artigos científicos, dissertações e teses brasileiras a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da teoria sócio-histórica de Vigotski. Para tanto, este autor busca analisar a produção do conceito de juventude nas áreas do conhecimento das Ciências Humanas. Utiliza como fonte de dados, 189 documentos, sendo 37 artigos coletados no *Scielo* e *Google Acadêmico*; 120 dissertações e 37 teses coletados no *Banco de Teses & Dissertações - CAPES*. Em síntese, conclui que:

[...] falar de juvenização torna-se mais apropriado como fator exógeno à juventude do que o contrário. Parece que não deveria fazer parte dos estudos específicos de juventude, mas de sociedade contemporânea. Considerando o processo de construção histórica e social, a juventude não ‘possui’ características, mas as desenvolve a partir dos distintos contextos, das distintas forças e influências que atravessam as pessoas, e dos processos de significação que cada um realiza. (TRANCOSO, 2012, p. 190).

[...]

Falar de juvenização implica em atribuir uma unicidade de características tanto à condição como à situação juvenil, especialmente a partir da escolha de alguns atributos biológicos do corpo jovem, como por exemplo, a aptidão para qualquer aventura mediante o vigor físico, a iniciação do uso da sexualidade como um dos mediadores dos relacionamentos com o outro. Essa ideia de juventude-signo nos leva à pergunta: os jovens ‘juvenilizam’ a sociedade, ou esta sociedade impõe sobre certa categoria social a exacerbação de um determinado modo de vida, pautado na vontade

de que o tempo pare e a existência seja ‘congelada’ nos anos de maior vigor físico? (TRANCOSO, 2012, p. 190).

A pesquisa de Bastos (2014), por sua vez, analisa a configuração da área do conhecimento da Saúde Mental e Trabalho. Para tanto, utiliza como ferramenta de busca o *Banco de Teses & Dissertações - CAPES* pela “relevância que apresenta na promoção e divulgação do conhecimento no contexto da pós-graduação brasileira” em diversas áreas do conhecimento (BASTOS, 2014, p. 39) e a Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia para “delimitar o *corpus* da pesquisa, pois, nesse banco, a produção disponível privilegia a área da Psicologia” (BASTOS, 2014, p. 47). Com isso, em síntese, indica os seguintes resultados:

A produção acadêmica da área da Saúde mental e trabalho, no recorte estudado, mostra-se inserida historicamente, portanto, contemporânea e voltada para as necessidades emanadas da sociedade trabalhadora frente aos novos fenômenos que caracterizam o mundo do trabalho. Essa produção pode ser reconhecida historicamente por buscar responder às demandas sociais. Nesse sentido assume o compromisso em apresentar respostas para às situações que afetam diretamente a população trabalhadora. Essa é uma das condições de sua emergência, que a caracteriza ainda como uma produção científica que amplia sua análise e, além de compreender, propõe ações para a transformação do trabalho. (BASTOS, 2014, p. 102).

[...]

Ao investigar os processos de organização do trabalho no âmbito das políticas públicas e evidenciar a existência de sofrimento / adoecimento psíquico entre os trabalhadores do Estado, a produção analisada impõe um desafio à área, pois localiza no poder público um duplo papel: o Estado enquanto agente protetor do trabalho digno e promotor do trabalho precário. Levanta-se então um questionamento: como investigar e intervir num agente com essa dupla função? Responder a essa questão abre várias possibilidades para futuras investigações (BASTOS, 2014, p. 102).

O trabalho de Santos (2016) investiga os sentidos de historicidade em artigos publicados na revista *Psicologia & Sociedade* de 1986 e 2015. Para tanto, coletou 369 artigos que, após processo de refinamento da amostra, resultou em 13 artigos a partir da identificação do descritor - historicidade. Em síntese, as conclusões desse trabalho indicam que:

Quando não definida, a historicidade nos leva a pensar que seu significado está previamente acordado pelos usos que resguardam a estabilidade que um conceito apresenta em sua generalização. Embora, os significados logo desestabilizem para serem ligados a outros referentes expressos nos sentidos, a ausência de definição nos trabalhos analisados nos indicou um significado (generalização) subjacente àquelas ocorrências. (SANTOS, 2016, p. 75)

[...]

Poucos indícios nos foram apresentados nos textos para identificarmos este possível significado, mas podemos vislumbrar uma resposta, em vista da especificidade do contexto em que a revista foi fundada. Tendo em vista que, dentre as respostas diversas que se deram à crise, no Brasil, a psicologia com inspiração vigotskiana e marxista foi tomada de maneira hegemônica, expressa no trabalho da pesquisadora Silvia Lane. Avaliamos que se fala da perspectiva de historicidade ligada a estes sistemas teóricos quando não a palavra não está definida diretamente. Perspectivas em que a historicidade é marcada pelo materialismo histórico e pelo materialismo dialético que, na psicologia, estão marcadas na chamada psicologia social crítica (SANTOS, 2016, p. 75).

Por fim, a metassíntese produzida por Canuto (2017), na qual analisou a constituição sócio-histórica do conceito de infância no Brasil, em artigos científicos na área da Psicologia. Nesse trabalho, a autora analisou 74 artigos publicados em periódicos com avaliação Qualis Capes 2015, nos dois estratos mais elevados: A1 e A2. Suas conclusões indicam que:

No que tange ao respaldo técnico da ciência na constituição do conceito de infância, aponta-se o reconhecimento da importância do papel da psicologia nesse processo, ressaltando, porém, uma análise crítica de sua participação. Considerando que o conhecimento científico reflete as condições e possibilidades de cada época e, muitas vezes, responde a demandas políticas específicas, a psicologia assim o fez no campo da infância e juventude. Sua entrada se deu pelo campo do desenvolvimento e a emergência de suas práticas se deu através de dois modelos: clínico, voltado à cura e tratamento das anormalidades; e o escolar, separando aptos e não aptos. (CANUTO, 2017, p.172).

[...]

No que diz respeito às permanências e rupturas do conceito de infância no Brasil, considera-se, a partir da análise empreendida nos artigos, que o aparato jurídico e as políticas públicas sociais voltadas à infância são de grande importância para analisar o conceito de infância no Brasil, sem desconsiderar que estão articuladas com todo o contexto social mais amplo (economia, política, cultura). Nessa direção, aponta-se que o ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente] representa um marco histórico resultante de um longo processo de mudanças no conceito de infância, que institui a doutrina de proteção integral no lugar da doutrina da situação irregular. (CANUTO, 2017, p.172).

[...]

As políticas públicas voltadas à infância se mostram, portanto, como um desafio para as práticas “psi”. Assim, a psicologia deve se colocar numa postura crítica às demandas que está atendendo e se posicionar visando à transformação social e a desnaturalização de conceitos que ela mesma ajudou a construir. (CANUTO, 2017, p.173).

Os estudos do tipo metassíntese supracitados (BASTOS, 2014; CANUTO, 2017; SANTOS, 2016; TRANCOSO, 2012) orientam a condução metodológica adotada nesta pesquisa. Seja na apropriação teórico-metodológica que subsidia a construção do método proposto ou, no rigor metodológico, na objetividade e clareza dos procedimentos de coleta e análise dos dados utilizados.

Dentre outras contribuições, esses estudos (BASTOS, 2014; CANUTO, 2017; SANTOS, 2016; TRANCOSO, 2012) demonstram a relevância desse tipo de pesquisa como estratégia para o desenvolvimento de pressupostos científicos e crítica interna a área do conhecimento específica desses estudos, a saber, Psicologia. À medida que esmiúça sua produção acadêmica e os subsídios teórico-metodológicos que conduzem a produção de conhecimentos, a qual, neste estudo, se volta para a fotografia.

1.2 Contextualização da história da fotografia

A primeira metade do século XIX marca a emergência da fotografia como técnica capaz do registro e fixação de imagens, através do processo químico. Em 1839, o Estado francês

tornou domínio público o instrumento conhecido como daguerreótipo, criado por Louis J. M. Daguerre (1787-1851). Essa ferramenta funciona mediante o processo químico da luz, em placas iodadas, em uma caixa escura (*câmara obscura*) que resulta em uma imagem cinza-pálida (BENJAMIN, 1940/1987).

Em pleno cenário da revolução industrial, os resultados obtidos por Louis J. M. Daguerre, possibilitaram a emergência das condições tecnológicas para o desenvolvimento da criação imagética mediada por dispositivos mais sofisticados que os conhecidos até então. Visto que em períodos anteriores da história, foram apresentados outros meios técnicos com a funcionalidade de fixar imagens, Benjamin (1940/1987), como exemplo, cita o uso feito por Leonardo da Vinci da *câmara obscura*. A respeito disso, Lopes (2004) conta que:

Esta descoberta [daguerreótipo] nos remete a invenções anteriores, a recursos tecnológicos criados nos séculos XV e XVI, como a câmara obscura, a perspectiva monocular e objetiva e ao modelo de imagem construído no período do Renascimento, que forneceram a pesquisa e o conhecimento básico no campo da ótica para a construção das tecnologias de produção “automática” de imagens. (LOPES, 2004, p. 96).

De acordo com Caixeta (2006), a história da constituição da fotografia remonta a período anterior ao Renascimento Cultural, considerando que os princípios óticos da *câmara obscura* são conhecidos desde Aristóteles, no século V a. C., segundo sustenta essa autora:

A fotografia não tem um único inventor, já que ela é resultado dos avanços científicos e tecnológicos de várias áreas do conhecimento: física, química, filosofia, artes, matemática, astronomia, entre outros, desde o século V a.C. A primeira descoberta importante para o processo fotográfico foi a câmara escura. Um dos seus modelos mais conhecidos e ensinados nas escolas consiste numa caixa escura com um pequeno orifício. Em poucas palavras, quando um objeto é colocado entre a fonte de luz e a câmara escura, os feixes de luz refletidos no interior da caixa formam uma imagem invertida do objeto em questão. Esse procedimento ótico começou a ser descrito no século XVI. Mas, foi no século XIX que, de fato, aconteceu o processo fotográfico. (CAIXETA, 2006, p. 50).

Já em tempos mais próximos a Louis J. M. Daguerre, verifica-se, na literatura especializada, que outros estudiosos¹ também desenvolveram experimentos com essa mesma finalidade. No Brasil, Kossoy (1977/2006), na obra *Hercule Florence: a descoberta isolada da fotografia no Brasil*, apresenta documentos que demonstram que Hercule Florence desenvolvia experimentos com métodos de impressão pela luz solar, a partir de 1833, no interior brasileiro. Afirma assim, que essa é uma descoberta independente da fotografia, em um experimento que Hercule Florence nomeou *Photographie*, em razão do papel central da luz (OLIVEIRA, 2006).

¹ Segundo Oliveira (2006, p. 5), “Willian Henry Fox Talbot (1800 - 1877), também pesquisava uma forma de gravar quimicamente a imagem no papel. Suas pesquisas fotográficas consistiam em obter cópias por contato de silhuetas de folhas, plumas, rendas e outros objetos”.

Desde os primórdios da invenção da fotografia até os tempos atuais, em decorrência das aplicações e inovações tecnológicas que se avolumam no cenário da sociedade contemporânea, houve uma completa reinvenção da criação fotográfica. Lopes (2004, p. 96) afirma que “observamos [desde a criação de Louis J. M. Daguerre] várias transformações e criações tecnológicas que permitiram o aperfeiçoamento das inúmeras possibilidades de registrar e fixar imagens”. Desde então, segundo Samain (2005, p. 14):

A imagem fotográfica foi, desde que surgiu, o ponto para onde convergiram múltiplos discursos: discurso técnico, estético, literário, filosófico, psicanalítico, semiológico, sociológico e antropológico; discurso sobre seus estilos, seus gêneros, seus possíveis usos; discursos daqueles que a faziam e debates que essa imagem suscitava nos meios artísticos. (SAMAIN, 2005, p. 14)

Nessa direção, no processo histórico, a imagem cinza-pálida alcançada pelo daguerreotipo e, posteriormente, o preto e branco das primeiras máquinas fotográficas, foram substituídos pelas cores realistas reproduzidas pelos dispositivos modernos. O longo tempo parado para se conseguir foco² adequado foi reduzido há poucos segundos, em decorrência dos mecanismos que focalizam e reproduzem imagens fidedignas a representação do objeto fotografado. O enquadramento limitado a um pequeno espaço foi substituído por quadros mais amplos e pela fotografia panorâmica. O peso e dimensão das primeiras máquinas fotográficas, que limitavam sua portabilidade, deram lugar a pequenos aparelhos capazes de serem transportados sem grandes esforços.

O progresso tecnológico, na constituição do dispositivo fotográfico, ainda nos primeiros anos do século XX, imprimiu suas contribuições, dentre outros aspectos, na popularização da máquina fotográfica, primordialmente, através de tecnologias que permitiram maior portabilidade dessa ferramenta e custos mais acessíveis³. Essa nova configuração situa a mudança de perspectiva sobre o uso da fotografia, especialmente, no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, conforme Segundo Reznik e Araújo (2007, p. 1018):

Foi na primeira metade do século XX que a utilização da máquina fotográfica tornou-se popular. Para além da crescente e veloz evolução tecnológica que a envolveu, a fotografia passou a figurar como um discurso da verdade, importante documento comprobatório de um acontecimento. Não foram poucos os dirigentes políticos que lançaram mão de sua utilização. Para muitos historiadores da fotografia, localiza-se entre as duas grandes guerras, mais do que qualquer outra época, o momento em que a imagem passou a ser explorada em todas as suas potencialidades. (REZNIK; ARAÚJO, 2007, p. 1018).

² Em razão disso, até os tempos atuais persiste a tradição de não permitir sorrisos em fotografias de documentos oficiais. Pois, no século XX, com a democratização da fotografia, iniciou-se o uso de fotos em documentos de identificação pessoal. Assim, devido ao longo tempo que a pessoa era obrigada a ficar parada para se conseguir um registro focado, não era comum que sorrissem, enquanto posavam para uma fotografia.

³ Em 1900, ocorreu o lançamento da câmera Kodak Brownie, equipamento vendido a \$1 e seu filme a 15 cents. [<http://www.kodak.com/corp/aboutus/heritage/photography/default.htm>]

Esse momento emblemático para a popularização da fotografia também é apontado por Lacerda (1994, p. 253):

Esse movimento remonta à década de 20, com a República de Weimar, momento de efervescência cultural, dominado pelas vanguardas artísticas, em que uma perspectiva nova se abre no domínio da expressão fotográfica, então duplamente valorizada: nos seus aspectos de objetividade e de possibilidade de experimentação. Nesse sentido, há uma transformação não só nas formas de perceber a imagem, mas, sobretudo nas formas de a conceber e construir. Essa "Nova Objetividade", corrente que se impõe, busca um rompimento com as hierarquias tradicionais da arte ao mesmo tempo em que atribui importância aos progressos técnicos, reconhecendo no caráter mecânico da fotografia o motivo de sua nova função: revelar um mundo realista, conferindo ao objeto fotografado "autenticidade", em função da utilização das novas técnicas fotográficas. (LACERDA, 1994, p. 253).

No campo das Artes, o advento da fotografia, fruto do positivismo moderno, apresentou novos rumos para a criação imagética que, naquele momento, não foram bem aceitos por parte da comunidade artística (CAIXETA, 2006). Segundo Mauad (1996), desde então, a fotografia é cercada por polêmicas em torno de seus usos e funções. No século XIX, por exemplo, o meio artístico “via o papel da arte eclipsado pela fotografia, cuja plena capacidade de reproduzir o real, através de uma qualidade técnica irrepreensível, deixava em segundo plano qualquer tipo de pintura” (MAUAD, 1996, p. 2). Assim, houve, nesse período, uma intensa disputa entre a classe artística, em defesa da pintura como elemento artístico criado na “imaginação criativa e na sensibilidade humana”, em oposição à fotografia como “instrumento de uma memória documental da realidade” sem qualquer traço da subjetividade humana (MAUAD, 1996).

Segundo relata Dubois (1983/1998, p. 28), os artistas atuavam “contra o domínio crescente da indústria técnica na arte, contra o afastamento da criação e do criador, contra a fixação no ‘sinistro visível’ em detrimento das ‘realidades interiores’ e das ‘riquezas do imaginário’” (DUBOIS, 1983/1998, p. 28). Nesse aspecto, Baudelaire é mais contundente em sua posição sobre o papel da fotografia na sociedade de então (citado por DUBOIS, 1983/1998, p. 29):

Estou convencido de que os progressos mal aplicados da fotografia contribuíram muito, como aliás todos os progressos puramente materiais, para o empobrecimento do gênio artístico francês, já tão raro (...). Disso decorre que a indústria, ao irromper na arte, se torna sua inimiga mais mortal e que a *confusão das funções* impede que cada uma delas seja bem realizada (...). Quando se permite que a fotografia substitua algumas das funções da arte, corre-se o risco de que ela logo a supere ou corrompa por inteiro graças à aliança natural que encontrará na idiotice da multidão. É, portanto, necessário que ela volte a *seu verdadeiro dever*, que é o de *servir* ciências e artes, mas de maneira bem humilde, como a tipografia e a estenografia, que não criaram nem substituíram a literatura que ela enriqueça rapidamente o álbum do viajante e devolva a seus olhos a precisão que falta à sua memória, que orne a biblioteca do *naturalista*, exagere os animais microscópicos, fortaleça até com algumas informações as hipóteses do astrônomo; *que seja finalmente a secretária e o caderno de notas de alguém que tenha necessidade em sua profissão de uma exatidão material absoluta*,

até aqui não existe nada melhor. Que salve do esquecimento as ruínas oscilantes, os livros, as estampas e os manuscritos que o tempo devora, as coisas preciosas cuja forma desaparecerá e que necessitam de um lugar nos *arquivos de nossa memória*, seremos gratos a ela e iremos aplaudi-la. Mas se lhe for permitido *invadir* o domínio do impalpável e do imaginário, tudo o que só é válido porque o homem lhe acrescenta a alma, que desgraça para nós! (DUBOIS, 1983/1998, p. 29).

Nesse caminho, as questões que se colocam a partir dessas novas potencialidades visuais (em termos de reprodução), verificadas na imagem documental (fotografia), em contraste a imagem artística e criativa (pintura, desenho), formalizam-se em aspectos que vão de encontro à natureza técnica que emergem nos processos de produção da fotografia. Em específico, a mediação do dispositivo mecânico e de reações químicas que são capazes de fixar o olhar do sujeito produtor. É nessa composição que se localiza o interesse a respeito da técnica da fotografia, com destaque as contribuições de Boris Kossoy (1989/2001) a respeito da materialidade da fotografia, localizadas no tópico seguinte.

1.3 Aspectos técnicos da fotografia

O mecanismo de reações químicas para o registro e fixação da imagem formalizou dois elementos que fundamentam a constituição da fotografia enquanto organização física: materialidade (existência física, concreta) e técnica (processos de produção). A fixação da imagem em placas de prata iodadas permitiu aos pioneiros da fotografia materializar a imagem, torná-la objetivamente - e fisicamente - presente para além da visão do olho humano. Nesse aspecto, poder reproduzi-la.

Antes mesmo do advento da fotografia, já se discutia a questão da produção de imagens cada vez mais próximas à realidade. Lopes (2004, p. 97) afirma que o período do Renascimento, marca a produção de imagens técnicas:

Artistas deste período construíram várias máquinas e procedimentos de representação destinados a garantir a objetividade da coisa representada. Almejavam dar uma maior credibilidade e coerência ao trabalho de produção de imagens, até então existente. Buscando atingir o ideal da verossimilhança na imagem, acreditavam garantir maior confiança no conhecimento advindo desta produção. Para atingir este objetivo, utilizavam artifícios que o levavam a criar imagens cada vez mais calculadas, arquitetadas, construídas. (LOPES, 2004, p. 97).

Para Kossoy (1989/2001), a fotografia, enquanto matéria e expressão, não se apresenta apenas no conteúdo com as informações que se registram, pois, estas coexistem a seu suporte físico – técnicas fotográficas tradicionais que possibilitam o registro imagético.

A fotografia é uma representação plástica (forma de expressão visual) indivisivelmente incorporada ao seu suporte e resultante dos procedimentos tecnológicos que a materializam. Uma fotografia original é, assim, um *objeto-imagem*: um artefato no qual se pode detectar em sua estrutura as características técnicas típicas da época em que foi produzido. (KOSSOY, 1989/2001, p. 40)

A produção fotográfica é sempre uma ação intencional. É o olhar do criador mediado por um dispositivo que registra/congela o conteúdo visual e, assim, materializa-o em uma unidade física⁴. Kossoy (1989/2001, p. 36) pontua que “Toda fotografia tem sua origem a partir de um indivíduo que se viu motivado a congelar em uma imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época”.

Nesse aspecto, para Kossoy (1989/2001), a produção de uma fotografia, enquanto criação mediada pela ação humana, decorre de três ‘elementos constitutivos’, que, em síntese, são compostos pelo assunto, enquanto “tema escolhido, o referente fragmentado do mundo exterior (natural, social etc.)” (KOSSOY, 1989/2001, p. 38). O fotógrafo, sendo o “autor do registro, agente e personagem do processo” (KOSSOY, 1989/2001, p. 38). E a tecnologia, que são os “materiais fotossensíveis, equipamentos e técnicas empregadas para a obtenção do registro, diretamente pela ação da luz” (KOSSOY, 1989/2001, p. 38).

Por sua vez, o processo de produção, que, segundo Kossoy (1989/2001), se formaliza em um ciclo que se completa na cristalização bidimensional de uma imagem de um dado referente. Quanto a isso, o autor denomina ‘coordenadas de situação’, pois se vinculam a demarcação do espaço “geográfico, local onde se deu o registro” (KOSSOY, 1989/2001, p. 38) e o tempo “cronológico, época, data, momento em que se deu o registro” (KOSSOY, 1989/2001, p. 38). Essa ação e processo resultam então no produto final, que é, em si, a fotografia “a imagem, registro visual fixo de um fragmento do mundo exterior, conjunto dos elementos icônicos que compõem o conteúdo e seu respectivo suporte” (KOSSOY, 1989/2001, p. 39).

Nesse sentido, a imagem fotográfica é resultado da ação humana conduzida por instrumentos técnicos que viabilizam a objetivação de um conteúdo visual. Esta materialidade se apresenta como representação bidimensional de um objeto que preexiste anterior a criação fotográfica, razão esta que configura a fotografia como uma ação sobre a realidade – representação do real ou de aspectos do real. Assim, a fotografia está intrinsecamente vinculada a seu referente, sendo uma reprodução deste em outra forma física, materializada. O que faz da fotografia um poderoso documento com informações próprias de um determinado contexto.

Mas, essas questões não implicam à ação humana importância secundária na criação fotográfica:

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem

⁴ Kossoy (2001) destaca que antes do advento da fotografia, outras estratégias foram aplicadas para o alcance da materialização da imagem, o desenho e a pintura se incluem nesse processo.

definidos que marcaram sua existência. Em primeiro lugar houve uma intenção para que ela existisse; esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: **o ato do registro que deu origem à materialidade da fotografia**. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram. Neste caso seu conteúdo se manteve, nele o tempo parou. As expressões ainda são as mesmas. Apenas o artefato envelheceu. (KOSSOY, 1989/2001, p. 45, grifo meu).

Enfim, a fotografia não é somente a materialidade do conteúdo visual. É, sobretudo, a impressão do/a fotógrafo/a (do sujeito), que está efetivamente presente na imagem criada, sua “própria atitude [...] diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal”.⁵ (KOSSOY, 1989/2001, p. 43).

1.4 Objetivos e questões

Esta investigação tem como objeto de estudo a fotografia como ferramenta de produção do conhecimento em Psicologia. Para tanto, utiliza-se como fonte de dados a produção acadêmica e científica da Pós-graduação brasileira em Psicologia. Entende-se que o produto oriundo desse nível de formação acadêmica, especificamente as dissertações e teses, fornece as informações necessárias para o alcance da proposta desta investigação, à medida que se apresenta como produção de profundidade teórica e/ou metodológica. Desse modo, as questões investigativas, em consonância com o método de pesquisa utilizado, contemplam tanto a delimitação do objeto de estudo quanto o nível acadêmico-científico das produções que compõem o *corpus* analítico.

Assim, quando a proposição desta investigação, formularam-se as seguintes questões:

- 1) Quais os usos que vem sendo feitos com a fotografia como instrumento de pesquisa em Psicologia na Pós-graduação brasileira?;
- 2) Como a produção acadêmica de dissertações e teses com uso da fotografia como instrumento de pesquisa em Psicologia está configurada (em nível institucional, geográfico e histórico)?;
- 3) Quais são os pressupostos epistemológicos, teóricos e metodológicos que subsidiam a produção do conhecimento com uso da fotografia como instrumento de pesquisa em Psicologia?

⁵ Boris Kossoy (1989/2001, p. 43) faz uma ressalva a respeito do que chama “entrelaçamento ideal do conjunto fotógrafo-câmara-assunto”, em síntese, afirma que há, ainda que em mesmas condições de produção, imagens que se destacam no processo histórico, em importância e relevância, devido a “bagagem cultural, a sensibilidade e a criatividade” do/a fotógrafo/a.

E, para o alcance das respostas, definiram-se os seguintes objetivos: realizar metassíntese da produção acadêmica sobre o uso da fotografia como instrumento de pesquisa em Psicologia no nível da Pós-graduação no Brasil. Especificamente, explorar a produção; sistematizar as informações, descrever a produção; configurar a constituição histórica, geográfica e institucional; identificar os pressupostos teóricos e metodológicos que subsidiam o conhecimento produzido no âmbito dessas produções e, por fim, interpretar os usos feitos da fotografia como instrumento de pesquisa em Psicologia na pós-graduação brasileira em Psicologia.

1.5 Estrutura da dissertação

A estrutura deste trabalho divide-se em cinco capítulos.

Neste primeiro capítulo, desenvolveu-se a apresentação da pesquisa e do objeto de estudo. Situando-o brevemente a fotografia historicamente e destacando seus aspectos técnicos, também, enquanto ferramenta/instrumento constantemente atravessada pelos avanços tecnológicos cada vez mais comuns e provocadores de mudanças. Além disso, tratou da inserção deste estudo no campo das revisões sistemáticas qualitativas, de modo que se discutiram conceitos e definições, referenciadas pela literatura especializada, sobre esse tipo de pesquisa. Buscou-se, ainda, apresentar sumariamente as revisões qualitativas - metassíntese - que orientaram e contribuíram através de seus pressupostos metodológicos a condução desta investigação.

Na sequência, o capítulo **Método**, espaço no qual descrevem-se as etapas metodológicas que orientaram a condução desta pesquisa. Continuamente, detalham-se os procedimentos metodológicos adotados para coleta e análise dos dados. No capítulo seguinte, denominado **Panorama Descritivo**, apresentam-se indicadores quantitativos da produção investigada, analisando-a paralelamente ao desenvolvimento da Pós-graduação brasileira.

O quarto capítulo, intitulado **Interpretação**, refere-se à etapa qualitativa deste trabalho. Inicia-se com a descrição pormenorizada do *corpus* analítico, contextualizada a partir do segmento histórico das produções acadêmicas no nível do doutorado em Psicologia. Na sequência, apresenta-se a análise interpretativa das formas de uso da fotografia na pesquisa em Psicologia, com base no material analítico.

Por fim, no quinto capítulo, nomeado **Considerações Finais**, apresenta-se síntese dos resultados contextualizados nas seções anteriores, bem como, os alcances, limites e contribuições desta pesquisa.

2 MÉTODO

A produção de metassíntese segue configuração processual, com etapas sequenciais e complementares, conduzidas de forma sistemática e objetiva (ESPÍNDOLA; BLAY, 2006; OLIVEIRA *et al.*, 2015). Com isso, obtém-se análise crítica da produção acadêmica sobre o objeto de estudo supracitado, mediante alcance da síntese e articulação dos resultados da produção investigada (OLIVEIRA *et al.*, 2015). Para a análise dos dados, utiliza-se a técnica de análise de conteúdo, procedimento que compreende:

[...] um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1995, p. 42).

Para o alcance dos objetivos propostos nesta investigação, utiliza-se a construção metodológica desenvolvida e aprimorada em trabalhos produzidos no âmbito da Linha de Pesquisa *Processos Psicossociais* do PPGP/UFAL (BASTOS, 2014; CANUTO *et al.*, 2013; OLIVEIRA *et al.*, 2015; SANTOS, 2016; TRANCOSO, 2012), no Grupo de Pesquisa *Epistemologia e Ciência Psicológica*. A sequência metodológica é composta por cinco etapas, denominadas: **Exploração**, **Refinamento**, **Cruzamento**, **Descrição** e **Interpretação**. A seguir, caracteriza-se cada uma delas.

A etapa denominada **Exploração**, consiste no acesso as fontes de busca dos documentos que comporão a amostra. Nesse momento, lança-se mão de ferramentas que auxiliarão o/a pesquisador/a a direcionar a busca aos documentos que tratam do objeto de estudo, citam-se como exemplo, no caso de banco de dados virtuais, os descritores ou palavras-chave. Sugere-se, também, a leitura seletiva, a fim de alcançar a delimitação da amostra (BASTOS, 2014; OLIVERIA; BASTOS, 2014; OLIVEIRA *et al.*, 2015).

A etapa seguinte corresponde ao **Refinamento** (BASTOS, 2014; OLIVERIA; BASTOS, 2014; OLIVEIRA *et al.*, 2015), trata-se do primeiro momento de tratamento dos dados, em que o/a pesquisador/a procede a análise das informações levantadas, de modo a verificar se os documentos alcançados tratam do objeto que se propõe a investigar. Nessa etapa, objetiva a constituição do *corpus* analítico em que o conteúdo dos documentos seja o seu parâmetro de seleção, reduz-se a amostra e se ganha na qualidade e relevância dos documentos. Sugere-se o uso do procedimento de leitura flutuante (BARDIN, 1995), que, nesse momento, poderá contribuir na delimitação criteriosa da amostra e definição dos recortes da pesquisa:

A leitura flutuante cumpre triplo papel: iniciar o investigador no esforço de impregnação com o material a ser analisado, refinar a primeira seleção realizada na leitura seletiva determinando de forma definitiva o *corpus* analítico da pesquisa,

estabelecer, quando for o caso, as partes essenciais dos documentos a serem lidas em profundidade (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 150).

A terceira etapa, denominada **Cruzamento**, compreende a análise comparativa entre todos os documentos resultantes da etapa de Refinamento, a fim de verificar duplicidade de documentos. Nesse momento, considera-se o desenho da pesquisa, a quantidade de descritores e fontes de busca. Assim, sugere-se a aplicação de níveis de tratamento conforme esses aspectos mencionados. São eles: (a) **cruzamento intradescritor** (verificar duplicidade de documentos entre as variações sintáticas e semânticas de cada descritor), (b) **cruzamento interdescritor** (verificar duplicidade de documentos entre diferentes descritores) e (c) **cruzamento entre as fontes de dados consultadas** (BASTOS, 2014; OLIVERIA; BASTOS, 2014; OLIVEIRA *et al.*, 2015).

A quarta etapa, denomina **Descrição**, tem por objetivo conhecer o *corpus* analítico a partir da descrição das informações que identificam os documentos. Esta etapa compreende o alcance da revisão sistemática de literatura, de modo a conhecer aspectos que caracterizam a produção acadêmica sobre determinado objeto de estudo. Sugere-se o uso de ferramentas para facilitar o processo de sistematização dos dados (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

Por fim, a etapa de **Interpretação**, que no âmbito das revisões qualitativas, compreende o momento de efetivação da metassíntese. Nessa etapa, o/a pesquisador/a lança mão de procedimentos para o alcance da síntese interpretativa. Para tanto, “articula as informações, estabelece conexões, confronta dados apresentados, enfim, ultrapassa o conteúdo de cada documento para alcançar uma compreensão que está entre estes” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 150). Segundo esses mesmos autores, esse alcance consistirá numa “ação interpretativa em que o pesquisador consegue operar uma transformação, superar a síntese, propor uma crítica interna à produção científica e um novo conhecimento a partir daquele já produzido” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 150).

2.1 Descrição dos procedimentos

A seguir, apresentam-se os procedimentos adotados nesta investigação. Pontua-se que em relação às cinco etapas inicialmente projetadas no desenho metodológico, uma delas precisou ser suprimida, a saber, a etapa denominada **Cruzamento**, pois não houve razão de aplicação devido à construção de busca e operacionalização da base de dados. Esse aspecto é detalhado no tópico seguinte – **Exploração** – em que está descrito a condução da busca e a utilização de mecanismos auxiliares para a realização de pesquisas avançadas em bases/bancos de dados virtuais.

2.1.1 Exploração

A **exploração** iniciou-se pela definição e acesso aos documentos para a construção do *corpus* analítico da pesquisa (OLIVEIRA *et al.*, 2015). Conforme Colepicolo (2014), para buscar e reunir informações provenientes de bancos de dados, o/a pesquisador/a deverá aplicar critérios objetivos e rigorosos para ter acesso às informações que são relevantes à sua pesquisa.

Sendo assim, a definição do tipo de documento utilizado, nesta pesquisa, contemplou os seguintes critérios: 1) material oriundo dos Trabalhos de Conclusão da Pós-graduação brasileira; 2) maior profundidade teórica e metodológica. Assim, sob essas condições, teses e dissertações foram os documentos selecionados para a construção do *corpus* analítico, tendo em consideração o potencial analítico desse tipo de fonte de informação para o alcance dos objetivos da pesquisa (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

Na sequência, a definição da fonte de consulta segue o mesmo rigor qualitativo. Inicialmente, selecionou-se o *Banco de Teses & Dissertações - CAPES*, à medida que se apresenta como principal ferramenta de promoção e divulgação da produção acadêmica da pós-graduação brasileira.

O desenvolvimento dessa etapa ocorreu entre julho e agosto de 2016. Nesse momento, constatou-se que o *Banco de Teses & Dissertações - CAPES* estava em fase de reformulação para operar em conjunto com a *Plataforma Sucupira* (atualização 2013-2016).

Em razão disso, realizou-se exploração na ferramenta a fim de conhecer as possibilidades de operações de busca do banco de dados supracitado com disponibilidade de registros de teses e dissertações brasileiras e seus dados bibliográficos: filtros de resultados por: tipo, ano, autor, membros da banca, orientador, grande área do conhecimento, área do conhecimento, área de avaliação, área de concentração, nome do programa, instituição de ensino superior e biblioteca depositária.

Contudo, nesse momento, verificaram-se imprecisões no sistema de filtros de resultados, de modo que quantitativos informados automaticamente pelo banco de dados não se apresentaram verdadeiros quando conferidos manualmente. Assim, para a coleta de informações com maior proximidade a proposta deste estudo, utilizou-se a aplicação do operador *booleano* de intersecção *AND* para integração dos termos de busca (COLEPICOLO, 2014). Assim, definiu-se como configuração de busca a associação do termo chave: **fotografia** a área do conhecimento: **psicologia**, através do operador *booleano AND* (com letras maiúsculas): fotografia AND psicologia.

No entanto, após realizar buscas com uso da operação supracitada, verificou-se, a partir de leitura de teses e dissertações selecionadas aleatoriamente, a necessidade de utilizar termos

que contemplam variações sintáticas, semânticas e derivações da palavra fotografia, tais como: fotografia/s, foto/s, fotográficas/os, fotomontagem, fotocomposição entre outros. Sendo assim, optou-se por usar o recurso de recuperação de múltiplos termos em única operação de busca, através do caractere curinga/truncado: *(asterisco) que acompanha o radical e substitui o sufixo da palavra **fotografia** na seguinte forma: **fot***

Desse modo, a operação de busca final configura-se na seguinte integração: **fot* AND psicologia**⁶. Conforme Colepicolo (2014), a aplicação do caractere truncado/curinga tem potencial de tornar a busca mais eficiente, pois permite ampliar o alcance da pesquisa ao contemplar múltiplos termos em única operação de busca. Além disso, conforme pontua Oliveira e colaboradores (2015, p. 149) no que diz respeito à definição de descritores, “Para que se alcance um volume considerável de material relacionado ao objeto de pesquisa, os descritores devem ser construídos considerando variações semânticas e sintáticas”. O uso dessas estratégias de pesquisa permitiu delimitar o alcance da busca a resultados com maior proximidade a proposta de estudo.

Destaca-se que o *Banco de Teses & Dissertações - CAPES* disponibilizou acesso apenas aos dados referenciais de produções anteriores a 2013. Já as produções defendidas entre 2013 e 2016 apresentavam vínculo a *Plataforma Sucupira*, que, por sua vez, permitia acesso aos dados referenciais, ao resumo e ao trabalho completo. A figura abaixo, capturada por meio de ferramenta de captura de tela, exemplifica as informações que apareceram no *Banco de Teses & Dissertações - CAPES* durante o período de coleta de dados.

Figura 1 - Exemplo de identificação como ‘Trabalho Anterior a Plataforma Sucupira’

1. MARTINS, EMERSON PINGARILHO. *Xamanismo urbano* 01/06/2011 111 f. Mestrado em PSICOLOGIA (PSICOLOGIA CLÍNICA) Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC/SP Trabalho Anterior a Plataforma Sucupira

Figura 2 - Exemplo de trabalho com acesso a Plataforma Sucupira

7. BATISTA, RODOLFO LUIS LEITE. *ENTRE APARELHOS E ARQUIVOS: UMA HISTÓRIA DO LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA DA FACULDADE DOM BOSCO DE SÃO JOÃO DEL-REI (1953-1971)* 09/04/2015 116 f. Mestrado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: Universidade Federal de São João del-Rei, São João del Rei Biblioteca Depositária: UFSJ - CDB [Detalhes](#)

⁶ Verifica-se o uso de dois mecanismos para a condução de pesquisas avançadas. Primeiro, o operador de truncamento, também conhecido como caractere curinga, na forma do símbolo *. O uso deste recurso, segundo Colepicolo (2014), permite buscar partes de uma palavra, substituindo seu prefixo ou sufixo, ou ainda, no meio da palavra. Em seguida, integrado ao mencionado, tem-se o operador booleano *AND*, chamado de operador de interseção, sua aplicação consiste em interligar dois termos, os quais estarão obrigatoriamente presentes em todos os registros localizados (COLEPICOLO, 2014).

Em razão do objetivo de configurar a constituição histórica da fotografia, como instrumento de produção do conhecimento na pós-graduação brasileira, não se utilizou o recorte do período de produção, como critério de seleção de documentos. Assim, com uso da configuração de busca supracitada, o *Banco de Teses & Dissertações - CAPES - Plataforma Sucupira* recuperou o quantitativo de 540 documentos (teses e dissertações), conforme demonstrativo no Quadro 1.

Quadro 1 - Configuração quantitativa do corpo documental

BANCO DE DADOS	PERÍODO	QTD.	DUPLICIDADE (EXCLUÍDOS)	TOTAL
Banco de Teses & Dissertações - CAPES	Anterior a 2013	362	1	361
Plataforma Sucupira	2013 a 2016	178*	1	177
		540	2	538

Fonte: Autor, 2018

Legenda: Qtd = Quantidade.

Nota: *. A coleta de dados realizada em julho e agosto de 2016 resultou em 137 documentos recuperados da Plataforma Sucupira. Em fevereiro de 2017, a Plataforma Sucupira foi atualizada com acréscimo de 41 documentos referentes ao período de 2013 a 2016, os quais foram somados ao quantitativo encontrado inicialmente.

Em seguida, realizou-se a catalogação das informações disponíveis, de todos os documentos recuperados, em duas planilhas, no *software Excel*, para organização das informações. A primeira, contendo as informações de documentos marcados como ‘Trabalho Anterior a Plataforma Sucupira’, restrito a seus dados referenciais. E, a segunda, com as informações de documentos com direcionamento a *Plataforma Sucupira*, com acesso ao resumo, aos dados referenciais e ao documento na íntegra. Nessa mesma planilha, foram salvos – *Hypertext Transfer Protocol (HTTP)*, para posterior localização e armazenamento do arquivo, contendo o trabalho completo.

Para a catalogação no *Excel* (Apêndice A), definiram-se categorias de registro das informações das teses e dissertações, quais sejam: a) quantidade; b) título; c) tipo; d) nível/programa; e) autoria; f) orientador/a; g) Instituição de Ensino Superior (IES); h) Unidade Federativa (UF); i) ano; j) acesso ao texto completo; k) acesso somente ao resumo; l) termo de busca; m) presença no título; n) resumo.

Destaca-se que o uso desse *software* para a catalogação dos dados, aperfeiçoa a sistematização das informações, pois, permite trabalhar com sistema de filtros, de modo a canalizar o acesso a informações específicas, seguindo os dados catalogados. Apresenta, também, outras funções para o tratamento de dados quantitativos, a exemplo, a verificação de duplicidade de documentos (Valores Duplicados), o qual compara as células preenchidas em

uma determinada coluna ou linha para a identificação de entradas repetidas. Através dessa aplicação, identificaram-se dois trabalhos duplicados, os quais foram excluídos. Com isso, reduziu-se o quantitativo inicial de 540 documentos para 538 documentos.

Em seguida, realizou-se a localização e armazenamento das dissertações e teses na íntegra. Primeiro, mediante acesso ao *link* da página individual de cada um dos 177 documentos na *Plataforma Sucupira*, disponível no *Banco de Teses & Dissertações - CAPES*. Com isso, foram identificados 154 trabalhos completos para *download* na *Plataforma Sucupira*. Os 23 documentos resultantes que não estavam disponíveis na íntegra foram buscados em outros ambientes virtuais, a saber, *Google.com*, bibliotecas depositárias institucionais e outras bases de dados (*bdt.com; oásis.br e bvs-psi*). Com esse procedimento, encontramos sete (7) trabalhos completos. Assim, foram localizados 161 documentos na íntegra. Os 16 documentos que não foram localizados *online*, tiveram o resumo e os dados cadastrados na *Plataforma Sucupira*, extraídos da página *web*, e armazenados em formato PDF.

O segundo conjunto de documentos, formado pelos 361 trabalhos marcados como ‘Anterior a Plataforma Sucupira’, os quais estavam disponíveis apenas seus dados referenciais, foram buscados através das mesmas ferramentas citadas anteriormente. Para a localização desses documentos, a busca foi realizada mediante indicação do título do trabalho. Com isso, foram encontrados 234 documentos na íntegra; 49 resumos (sem acesso ao texto completo), os quais tiveram suas páginas *web* armazenadas em formato PDF. Não foram localizados 78 documentos através das ferramentas utilizadas.

Quadro 2 - Composição quantitativa dos documentos localizados no Banco de Teses & Dissertações e Plataforma Sucupira

NÍVEL DE ACESSO	BANCO DE TESES & DISSERTAÇÕES	PLATAFORMA SUCUPIRA	TOTAL
Quantidade	361	177	538
Acesso ao texto completo	234	161	395
Acesso apenas ao resumo	49	16	65
Sem acesso (não foram localizados)	78	0	77

Fonte: Autor, 2018

A etapa seguinte buscou avançar a consolidação do corpo documental, mediante redução quantitativa de 460 documentos (395 trabalhos completos e 65 trabalhos com acesso restrito ao resumo e dados referenciais).

2.1.2 Refinamento

Para o **refinamento** aplicaram-se níveis de tratamento para maior adequação do corpo documental a proposta de estudo. Inicialmente, buscou-se delimitar a amostra a partir da identificação da palavra fotografia ou termos derivados no título das teses e dissertações. No entanto, esse critério mostrou-se restritivo, pois, através de leitura seletiva dos títulos de 30 documentos, apenas três (3) trabalhos apresentaram no título a palavra fotografia ou palavras derivadas. Por essa razão, esse critério não foi aplicado, pois, restringe o quantitativo de documentos e descarta trabalhos relevantes para o alcance da proposta de estudo.

A partir disso, definiu-se como critério de inclusão e exclusão, a presença/identificação do uso da fotografia no resumo, seja, como abordagem única ou multimétodo. Para tanto, foram lidos os 460 resumos localizados, dos quais, foram excluídos 91 trabalhos, pois, em 83 resumos a fotografia não se enquadra como uso metodológico; em sete (7) trabalhos, não há indicação do uso da fotografia, no resumo e, um (1) trabalho não apresenta resumo em seu corpo textual. Resultaram, então, deste procedimento, 369 trabalhos, sendo 282 dissertações e 88 teses.

Apresentam-se, a seguir, exemplos de documentos excluídos após leitura do resumo. O primeiro documento trata-se de uma dissertação de Mestrado em Psicologia, defendida no ano de 2011, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), intitulada *Salas/celas, sinas e cenas: o cinema no contexto prisional*. A localização do trabalho ocorreu a partir do termo *fotografia*, o qual se apresenta no resumo da dissertação, conforme sentença extraída: “[...] Foram organizadas vinte e duas sessões quinzenais com a exibição de filmes nacionais e estrangeiros, selecionados pelo critério de apresentação de inovações na linguagem cinematográfica, seja no roteiro, na fotografia e/ou em outro aspecto específico deste universo” (SOUSA, 2011, n. p.). Nesse exemplo, nota-se que a fotografia não está sendo empregada como instrumento metodológico, mas, apenas como um dos elementos que compõe uma produção cinematográfica.

O exemplo a seguir ilustra a localização de um trabalho a partir do radical *foto*. O trabalho consiste em uma tese de Doutorado em Odontologia, defendida no ano de 2014, na Universidade Cruzeiro do Sul, com título: *Avaliação de resistência de união em esmalte de dentes decíduos hipoplásicos*. A localização do trabalho ocorreu a partir do termo *fotoativação* presente em seu resumo, conforme indica o trecho seguinte: “[...] Em seguida, foram condicionados com ácido ortofosfórico a 35% e foi aplicado o sistema adesivo (Adper Single Bond) em duas camadas, com fotoativação por 10 segundos” (SCHEIDT, 2014, n. p.). Através de acesso aos dados referenciais do trabalho na *Plataforma Sucupira*, buscou-se identificar a presença da Psicologia nesse estudo, a qual se apresenta na Linha de Pesquisa do Programa de

Pós-graduação da instituição de ensino superior proveniente, intitulada: *Psicologia, Desenvolvimento e Prevenção Bucal*, com área de concentração: Odontopediatria.

Como exemplo de trabalhos incluídos a partir da leitura do resumo e identificação do uso fotografia como instrumento metodológico, indica-se a dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, defendida em 2008 na Universidade de São Paulo (USP), com título: *Apropriação de espaço por adultos com deficiência visual: estudo de casos*. Esse trabalho foi localizado a partir da palavra *fotográfico* presente em seu resumo, conforme a seguinte sentença: “*Realizamos replicação parcial da proposta metodológica de Bassani (2003a; 2004b) e utilizamos os seguintes métodos: entrevistas temáticas (e clínica); observações (direta e registros fotográficos) e desenhos*” (PARANHOS, 2008, n. p.). Nesse exemplo, a fotografia é utilizada para registro de observações que decorrem da investigação de campo. Nota-se que, além do uso da fotografia, são empregados outros métodos para a coleta de informações.

Nesse momento, constatou-se a necessidade de finalizar o refinamento com a identificação dos programas de pós-graduação, vinculados às dissertações e teses. Essa avaliação ocorreu através de consulta aos dados cadastrais dos PPGP disponíveis na *Plataforma Sucupira*. Por meio desse acesso, identificou-se que, dentre os 369 documentos localizados, 292 trabalhos são oriundos de Programas de Pós-graduação em Psicologia, sendo 230 dissertações e 62 teses.

Quadro 3 - Nome do programa de pós-graduação e área de avaliação conforme Plataforma Sucupira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO	ÁREA DE AVALIAÇÃO	D	T	QTD.
Ambiente, Tecnologia e Sociedade	Ciências Ambientais	1	0	1
Análise do Comportamento	Psicologia	3	0	3
Antropologia	Antropologia	1	0	1
Ciências Ambientais	Ciências Ambientais	3	0	3
Ciência da Religião	Teologia	0	1	1
Ciências da Engenharia Ambiental	Engenharia	1	0	1
Comunicação	Comunicação e Informação	1	0	1
Comunicação e Semiótica	Comunicação e Informação	2	0	2
Desenvolvimento Rural	Interdisciplinar	1	0	1
Diversidade e Inclusão	Ensino	1	0	1
Educação	Educação	32	13	45
Educação (Psicologia da Educação)	Educação	1	2	3
Educação Agrícola	Educação	1	0	1
Educação Ambiental	Educação	1	0	1
Educação Especial (Educação do Indivíduo Especial)	Educação	1	1	2
Educação Física	Educação Física	1	0	1

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO	ÁREA DE AVALIAÇÃO*	D	T	QTD.
Educação para a Ciência	Ensino	1	0	1
Estudos comparados sobre as Américas	Interdisciplinar	0	1	1
Geografia	Geografia	0	2	2
Informática na Educação	Interdisciplinar (Sociais e Humanidades)	0	1	1
Linguística	Letras/Linguística	0	1	1
Multimeios	Comunicação e Informação	1	0	1
Neurociência Cognitiva e Comportamento	Psicologia	2	0	2
Neurociências e Comportamento	Psicologia	4	0	4
Odontologia	Odontologia	0	1	1
Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde	Psicologia	3	1	4
Promoção de Saúde	Interdisciplinar (Saúde e Biológicas)	1	0	1
Psicobiologia	Psicologia / Medicina II	7	1	8
Psicologia	Psicologia	128	30	158
Psicologia Clínica	Psicologia	17	12	29
Psicologia Experimental	Psicologia	9	5	14
Psicologia Social	Psicologia	17	5	22
Psicologia Clínica e Cultura	Psicologia	1	0	1
Psicologia Cognitiva	Psicologia	1	1	2
Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	Psicologia	1	0	1
Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	Psicologia	3	2	5
Psicologia Experimental: Análise do Comportamento	Psicologia	4	0	4
Psicologia Institucional	Psicologia	4	0	4
Psicologia Social e Institucional	Psicologia	19	0	19
Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PSTO)	Psicologia	2	3	5
Saúde Coletiva	Saúde Coletiva	0	1	1
Saúde Pública	Saúde Coletiva	0	1	1
Sociologia	Sociologia	0	1	1
Tecnologias da Inteligência e Design Digital	Interdisciplinar	1	0	1
TOTAL		282	87	369

Fonte: Autor, 2018

Legenda: PPG = Programa de Pós-graduação; D = Dissertação; T = Tese; Qtd. = Quantidade.

Nota: *. A indicação da área de avaliação vinculada ao Programa de Pós-graduação, segue identificação encontrada no cadastro do respectivo PPG na Plataforma Sucupira.

Indica-se que os documentos recuperados, através do *Banco de Teses & Dissertações - CAPES*, com cadastro na *Plataforma Sucupira*, produzidos entre 2013 a 2016, apresentam em seus campos de registro a indicação da área do conhecimento. Desse modo, a consulta à

vinculação dos trabalhos compreendeu apenas àqueles que não estavam cadastrados na *Plataforma Sucupira*, ou seja, os trabalhos com data de produção anterior a 2013. Ainda, a verificação se deu em torno de trabalhos que, pelo nome do programa de pós-graduação, não foi possível identificar a área do conhecimento vinculada. Por exemplo, a área básica denominada Psicobiologia refere-se a duas áreas de avaliação: Psicologia e Medicina. Outro exemplo indicativo trata-se do Programa de Estudos Pós-Graduados em *Educação: Psicologia da Educação*, vinculado à PUC/SP, o qual está avaliado na área da Educação.

2.1.3 Descrição

Avança-se à **síntese descritiva** do universo da produção acadêmica, em Psicologia, que compõe o corpo documental (292 documentos). Para tanto, utiliza-se as ferramentas contidas no *software Excel* para o tratamento dos dados - cruzamento de informações e quantificação.

Nessa direção, o alcance consolidado nesta etapa, compreende o início propriamente dito do tratamento dos dados, em que, através de indicadores quantitativos, é possível conhecer, descrever e configurar o movimento histórico, geográfico e institucional - dentre outros - do presente objeto de estudo, mediante análise da produção acadêmica vinculada. Nesta investigação, contemplam-se as seguintes informações: tipo de produção (dissertação ou tese) e série histórica (frequência ano a ano); distribuição geográfica da produção acadêmica por unidade federativa e procedência institucional.

2.1.4 Interpretação

Por fim, alcança-se a **síntese interpretativa**, quando o/a pesquisador/a desenvolve interpretações para além das obtidas no âmbito da análise descritiva. Nesse momento, busca-se a compreensão em profundidade do conteúdo das teses (BASTOS, 2013; OLIVEIRA *et al.*, 2015). Para tanto, opera-se a articulação, conexão e confronto entre as informações levantadas (BASTOS, 2013; OLIVEIRA *et al.*, 2015). Para Oliveira e colaboradores (2015, p. 150), esse movimento resulta em “Uma ação interpretativa em que o pesquisador consegue operar uma transformação, superar a síntese, propor uma crítica interna à produção científica e um novo conhecimento a partir daquele já produzido”.

A ação de leitura em profundidade do conteúdo é fundamental para que isso ocorra. Oliveira e colaboradores (2015, p. 150) sugerem que “deve ser [...] uma prática intencional, estruturada e produtiva”. Esses mesmos autores, defendem que:

Para um estudo de tipo Metassíntese há uma necessidade clara da utilização de leitura em profundidade, pois esta permite construir uma formulação o mais densa possível

a respeito da compreensão de determinado assunto. Esse exercício de leitura pode ser transformado em questões, perguntas para que, à medida que o investigador se impregna do conteúdo do texto, elas sejam respondidas. Considerando a leitura como exercício vivo, dinâmico, questões novas poderão surgir ou, algumas concebidas a priori poderão ser abandonadas. (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 150).

Assim, neste estudo, para a condução dessa etapa, selecionam-se as partes dos documentos referentes à discussão epistemológica e os procedimentos metodológicos, mediante 1) localização no sumário do trabalho; 2) identificação e seleção (uso de recurso de edição de textos) dos trechos de interesse para esta investigação. Para aprofundar a descrição dos procedimentos adotados, optou-se em apresentá-los no capítulo quatro desta dissertação (ver p. 48).

3 PANORAMA DESCRITIVO

Este capítulo apresenta a descrição quantitativa dos dados da produção em estudo. Organiza-se em quatro segmentos de discussão: 1) tipo de documento; 2) série histórica; 3) distribuição geográfica e 4) vinculação institucional.

Os dados levantados foram analisados, comparativamente, com informações provenientes da ferramenta de geoprocessamento *GeoCAPES - Sistema de Informações Georreferenciais*, base de dados estatísticos que, em síntese, apresenta informações georreferenciadas com vinculação ou relação a CAPES (<http://geocapes.capes.gov.br/>). Dentre as informações disponíveis, utilizaram-se indicadores e série histórica referentes à distribuição de programas de pós-graduação no Brasil, no período de abrangência de 1998 a 2012. Estas informações foram então comparadas aos dados da produção acadêmica em estudo, a partir de três níveis: distribuição de PPG por **grande área** (Ciências Humanas) e **área específica** (Psicologia); **grau de formação** (Mestrado, Doutorado e Mestrado Profissional); distribuição de PPGP por **região** e por **unidade federativa**.

3.1 Tipo de documento e série histórica

A identificação do tipo de documento oriundo da pós-graduação brasileira, dissertação e tese, permite indicar o nível de formação acadêmica em que a fotografia é desenvolvida em seu potencial como instrumento de produção do conhecimento. Enquanto a série histórica (BASTOS, 2014), permite explorar a trajetória ano a ano da produção e, com isso, demarcar sócio-historicamente, os aspectos que contribuíram para o avanço da produção científica sobre o objeto de estudo desta investigação.

Com relação à distribuição por tipo de documento, a produção acadêmica, em nível de mestrado responde por 230 dissertações, enquanto que a produção de teses se apresenta em 62 trabalhos. Essa disparidade quantitativa pode ser analisada, a partir dos indicadores disponibilizados pela CAPES através da ferramenta de geoprocessamento *GeoCAPES*.

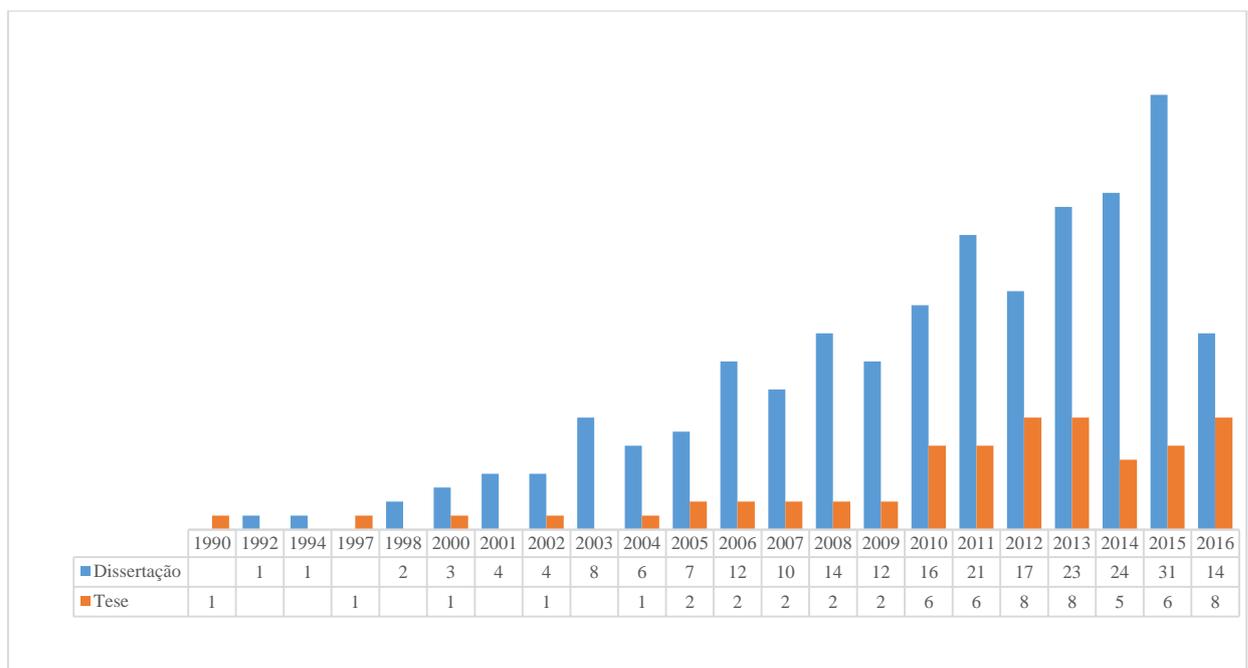
Conforme os dados disponibilizados na ferramenta supracitada, com referência ao ano de 2015, no território brasileiro, há 2031 Programas de Pós-graduação (PPG) com oferta de Mestrado e Doutorado, 1207 com oferta apenas de Mestrado Acadêmico e 64 com oferta exclusivamente de Doutorado. No âmbito das disciplinas das Ciências Humanas, são 303 PPG com oferta de Mestrado e Doutorado, 186 com oferta de Mestrado Acadêmico e dois (2) PPG com oferta exclusivamente de Doutorado. No que diz respeito à área da Psicologia, são 53 Programas de Pós-graduação em Psicologia (PPGP) com oferta de Mestrado e Doutorado e 23

com oferta exclusiva de Mestrado Acadêmico. Não há PPGP com oferta exclusivamente de Doutorado. Em termos de discentes matriculados em PPGP, em 2015, eram 3160 no nível do mestrado e 2368 no nível do doutorado. Com efeito, verifica-se que o quantitativo superior de programas de pós-graduação e discentes no nível do mestrado relaciona-se a maior quantidade de trabalhos oriundos desse nível de formação.

No que diz respeito à série histórica (BASTOS, 2004), o primeiro trabalho acessado corresponde a uma (1) tese de doutorado, defendida no ano de 1990, apenas com acesso a seu resumo. Nesse estudo, de natureza experimental, a autora busca investigar “a influência do arranjo espacial sobre a distribuição de crianças entre 19 e 35 meses pelo local habitualmente utilizado durante atividades livres” (CARVALHO, 1990). Para tanto, utiliza máquinas fotográficas com função de disparo automático para registro de ações que acontecem no campo de estudo.

É importante enfatizar que o *Banco de Teses & Dissertações - CAPES* inicia a quantificação a partir de 1989. No entanto, embora tenhamos encontrado trabalho datado desse ano, não foi possível verificar a adequação aos critérios desta pesquisa, pois, não obtivemos acesso ao resumo do trabalho. Portanto, nesse momento, optamos por eliminá-lo do *corpus* analítico. O Gráfico 1 apresenta a distribuição da série histórica ano a ano, com a quantificação iniciada em 1990 e finalizada em 2016.

Gráfico 1 - Série histórica (frequência ano a ano de 1990 a 2016)



Fonte: Autor, 2018

Durante a década de 90, a produção acadêmica em psicologia com uso da fotografia apresenta-se regular, com pequena variação em seu quantitativo: uma (1) dissertação defendida em 1992 e 1994 cada; uma (1) tese em 1997; duas (2) dissertações em 1998.

A partir do ano de 2000 nota-se crescimento quantitativo no número de produções de dissertações e teses. Nos três primeiros anos da década de 2000 (2000, 2001 e 2002) o quantitativo identificado corresponde a 13 produções. Em relação à quantidade de trabalhos produzidos na década de 1990, a produção acadêmica dos anos iniciais da década de 2000 apresenta mais que o dobro da produção anteriormente produzida.

O aumento da produção de trabalhos que fazem uso da fotografia em psicologia acentua a partir do ano de 2003, com 8 documentos, aumento de quase 50% em relação ao ano anterior – cinco (5) produções. Os anos de 2004 e 2005 apresentam pequena variação em comparação ao ano anterior, sete (7) e nove (9) documentos respectivamente. Seguindo o ritmo de crescimento quantitativo da produção acadêmica, os anos seguintes apresentam aumento contínuo e elevado no número de trabalhos defendidos.

O ano de 2015 apresenta o maior quantitativo no conjunto de documentos coletados, com 37 trabalhos defendidos, sendo 31 dissertações e 8 teses. Em indicador percentual, o ano de 2015 responde por aproximadamente 13% da produção acadêmica da pós-graduação, em psicologia, com uso da fotografia, desde 1990. Acompanham, na sequência, 2013 com 31 documentos (23 dissertações e 8 teses); 2014 com 29 documentos (24 dissertações e 5 teses); 2011 com 27 documentos (21 dissertações e 6 teses). Com relação ao ano de 2016, último ano recuperado na coleta, o banco de dados apresenta 22 documentos, 14 dissertações e 8 teses, mesmo quantitativo correspondente ao ano de 2010 (16 dissertações e 6 teses). No entanto, indica-se que esse quantitativo pode aumentar, conforme os dados de 2016 forem atualizados na *Plataforma Sucupira*.

Vale ressaltar que esses dados traduzem a produção de dissertações e teses que foram resgatadas através de busca *online* do documento na íntegra ou, quando não fora possível a localização do trabalho completo, ou o resgate de seu resumo.

Através da ferramenta *GeoCAPES*, verifica-se as informações sobre a série histórica referente a distribuição de programas de pós-graduação no Brasil, com dados iniciados no ano de 1998. Essas informações permitem descrever quantitativamente o desenvolvimento dos programas de pós-graduação no Brasil. O Quadro 4 apresenta a distribuição dos Programas de Pós-graduação no Brasil em três eixos: geral, grande área e área do conhecimento. E também nos diferentes níveis de formação: mestrado, doutorado e mestrado profissional. Para a análise, utilizaram-se os indicadores referentes ao ano de 1998 - ano inicial avaliado na *GeoCAPES* -,

2003, 2008, 2013 e 2015 – última atualização. Esses dados possibilitam verificar o crescimento contínuo e elevado do número de PPG em instituições de ensino superior brasileiras.

Quadro 4 - Distribuição dos Programas de Pós-graduação no Brasil por nível de formação

ÁREA	ANO	M/D	M	D	M/D/M. Prof.	M/M. Prof.	TOTAL
Geral	1998	749	464	24	19	3	1259
	2003	907	764	35	44	6	1756
	2008	1284	1029	36	0	-	2349
	2013	1934	1064	56	0	-	3054
	2015	2031	1207	64	0	-	3302
C. Humanas	1998	102	65	3	-	-	170
	2003	132	127	3	1	-	263
	2008	182	174	4	-	-	360
	2013	286	171	2	-	-	459
	2015	303	186	2	-	-	491
Psicologia	1998	21	7	0	-	-	28
	2003	23	21	1	-	-	45
	2008	35	24	1	-	-	60
	2013	53	18	0	-	-	72
	2015	53	23	0	-	-	76

Fonte: Autor, 2018

Legenda: M = Mestrado; D = Doutorado; M. Prof. = Mestrado Profissional.

Nota: Dados extraídos da ferramenta de geoprocessamento GeoCAPES, com acesso através do link: <<http://www.geocapes.capes.gov.br/>>.

Conforme verifica-se no Quadro 4, com base nas informações presentes na ferramenta *GeoCAPES*, em 1998 eram 749 PPG com ofertas de cursos no nível do Mestrado e Doutorado, 464 exclusivos de Mestrado, 24 com oferta apenas de Doutorado, 19 com Mestrado, Doutorado e Mestrado Profissional. No âmbito das Ciências Humanas, o quantitativo era de 102 PPG com Mestrado e Doutorado, 65 com Mestrado e três (3) com oferta exclusiva de Doutorado. Na área da Psicologia, o quantitativo era de 21 PPGP com oferta de Mestrado e Doutorado, sete (7) com oferta no nível do Mestrado e um (1) PPGP com oferta apenas de Doutorado.

3.2 Distribuição geográfica e institucional

A distribuição geográfica compreende o mapeamento dos polos de produção quanto à disposição em regiões e unidades federativas (UF) brasileiras. Esse tipo de levantamento quantitativo permite a identificação dos locais que, apresentam destaque quanto à produção de trabalhos em Psicologia e que, utilizam a fotografia em suas pesquisas.

Quadro 5 - Distribuição regional e em Unidades Federativas (UF) por tipo de documento

REGIÃO	UF	DISSERTAÇÃO	TESE	TOTAL
Centro-Oeste	Distrito Federal (DF)	9	7	16
	Goiás (GO)	5	1	6
	Mato Grosso do Sul (MS)	5	0	5
Nordeste	Bahia (BA)	4	3	7
	Ceará (CE)	9	0	9
	Paraíba (PB)	6	1	7
	Pernambuco (PE)	12	4	16
	Rio Grande do Norte (RN)	12	0	12
	Sergipe (SE)	2	0	2
Norte	Amazonas (AM)	5	0	5
	Pará (PA)	9	1	10
	Rondônia (RO)	1	0	1
Sudeste	Espírito Santo (ES)	8	0	8
	Minas Gerais (MG)	9	1	10
	Rio de Janeiro (RJ)	7	5	12
	São Paulo (SP)	77	30	107
Sul	Paraná (PR)	4	0	4
	Rio Grande do Sul (RS)	30	3	33
	Santa Catarina (SC)	16	6	22
	TOTAL GERAL	230	62	292

Fonte: Autor, 2018

Legenda: UF = Unidade Federativa

Conforme demonstra o Quadro 5, identificaram-se produções acadêmicas oriundas das cinco (5) regiões brasileiras, distribuídas em 19 unidades federativas, com instituições que desenvolvem trabalhos, com uso da fotografia, em pesquisas psicológicas. Nesse quesito, o estado de São Paulo apresenta maior quantitativo de produções, com 107 trabalhos, sendo 77 dissertações e 30 teses. Na sequência, Rio Grande do Sul com 33 produções, as quais se dividem em 30 dissertações e três (3) teses; segue-se Santa Catarina com 22 trabalhos, sendo 16 dissertações e seis (6) teses; ambos estados localizados na região Sul do país.

Dentre os estados do Nordeste brasileiro, Pernambuco e Rio Grande do Norte apresentam maior destaque em termos quantitativos, com 16 produções (12 dissertações e 4 teses) e 12 dissertações, respectivamente. Com relação à região Norte, Pará destaca-se com 10 produções, divididas em 9 dissertações e 1 tese; além de Amazonas com 5 dissertações. Na região Centro-Oeste, o Distrito Federal responde por 16 documentos, sendo nove (9) dissertações e sete (7) teses.

Quadro 6 - Distribuição regional e em Unidades Federativas dos Programas de Pós-graduação em Psicologia no Brasil no período de 1998, 2008 e 2015

REGIÃO	UF	1998	2008	2015
Centro-Oeste	Distrito Federal (DF)	1	5	6
	Goiás (GO)	0	1	2
	Mato Grosso do Sul (MS)	0	1	2
Nordeste	Bahia (BA)	0	1	1
	Ceará (CE)	0	2	2
	Paraíba (PB)	1	2	3
	Pernambuco (PE)	1	3	3
	Rio Grande do Norte (RN)	1	2	2
	Sergipe (SE)	0	1	1
	Norte	Amazonas (AM)	0	0
	Pará (PA)	1	2	3
	Rondônia (RO)	0	0	1
Sudeste	Espírito Santo (ES)	1	2	2
	Minas Gerais (MG)	1	5	6
	Rio de Janeiro (RJ)	6	8	10
	São Paulo (SP)	11	17	18
Sul	Paraná (PR)	0	2	4
	Rio Grande do Sul (RS)	3	4	6
	Santa Catarina (SC)	1	1	1

Fonte: Autor, 2018

Nota: Dados extraídos da ferramenta de geoprocessamento *GeoCAPES* (<http://www.geocapes.capes.gov.br/>)

Legenda: UF = Unidade Federativa.

É importante discutir essas identificações quantitativas, relativas à distribuição geográfica das produções analisadas, comparativamente aos indicadores presentes na *GeoCAPES*. Especialmente, a distribuição dos PPGP em unidades federativas brasileiras. Assim, o Quadro 6 apresenta informações georreferenciadas sobre a evolução dos Programas de Pós-graduação em Psicologia em termos geográficos, nos últimos 17 anos, a partir de avaliação dos dados de 1998, 2008 e 2015. Nesse aspecto, verifica-se que a região Sudeste, no período analisado, apresenta maior quantitativo de PPGP, especialmente o estado de São Paulo: 11 programas em 1998; 17 programas em 2008 e 18 programas em 2015.

Com razão, os dados supracitados direcionam para a vinculação das 107 produções ao grande quantitativo de programas existentes em São Paulo. Contudo, vale salientar, que o tempo de existência e o quantitativo de programas em uma localidade é apenas um dos aspectos a ser considerado. Por exemplo, embora o Rio de Janeiro seja o estado com mais PPGP depois de São Paulo, seis (6) em 1998, oito (8) em 2008 e 10 em 2015, esses dados não refletem no quantitativo de produções acadêmicas (12 trabalhos). Na verdade, Santa Catarina, com apenas um (1) PPGP, no período analisado, responde por 22 trabalhos, terceiro maior quantitativo entre as UF.

A distribuição institucional corresponde à identificação da vinculação dos trabalhos coletados à instituição de ensino superior proveniente. No Quadro 7, verifica-se com maior detalhamento a distribuição por instituição de ensino superior (IES).

Quadro 7 - **Distribuição da produção acadêmica entre as Instituições de Ensino Superior brasileiras em ordem decrescente**

IES	UF	D	T	TOTAL	IES	UF	D	T	TOTAL
USP	SP	30	15	45	UNICAP	PE	2	2	4
PUC/SP	SP	19	4	23	UEL	PR	3	0	3
UFSC	SC	16	6	22	UFC	CE	3	0	3
UFRGS	RS	21	0	21	UFMG	MG	2	1	3
USP/RP	SP	15	6	21	UCB	DF	1	1	2
UnB	DF	6	6	12	UNICEUB	DF	2	0	2
UFPE	PE	10	2	12	UNISINOS	RS	2	0	2
UFRN	RN	12	0	12	USF	SP	1	1	2
PUC/RS	RS	7	3	10	PUC/MG	MG	1	0	1
UFES	ES	8	0	8	UEM	PR	1	0	1
UFPA	PA	7	1	8	UERJ	RJ	1	0	1
UFBA	BA	4	3	7	UFPR	PR	1	0	1
UFPB	PB	6	1	7	UFRJ	RJ	0	1	1
PUC/GO	GO	5	1	6	UFRO	RO	1	0	1
UNIFOR	CE	6	0	6	UFRRJ	RJ	1	0	1
PUC/RJ	RJ	2	3	5	UFS	SE	2	0	2
UFAM	AM	5	0	5	UFU	MG	1	0	1
UFSCAR	SP	3	2	5	UNESP	SP	1	0	1
UFSJ	MG	5	0	5	UNESP/BAU.	SP	1	0	1
PUC/CAMPINAS	SP	4	0	4	UNIFESP	SP	1	0	1
UNESP/ASSIS	SP	2	2	4	UTP	PR	1	0	1

Legenda: IES = Instituição de Ensino Superior; UF = Unidade Federativa; D = Dissertação; T = Tese.

Identificaram-se 42 instituições de ensino superior distribuídas em 19 unidades federativas brasileiras, quantitativo que traduz uma diversidade de instituições de ensino superior, com produções em Psicologia, utilizando a fotografia na pesquisa acadêmica.

O estado de São Paulo apresenta maior número de IES com trabalhos que fizeram uso da fotografia, 10 IES, quantitativo que representa aproximadamente 23% do total nacional. Dentre elas, a Universidade de São Paulo, *campus* São Paulo (USP), apresenta maior valor quantitativo, 45 produções, sendo 30 dissertações e 15 teses. Em seguida, a Pontifícia Universidade Católica, *campus* São Paulo (PUC/SP), apresenta 23 produções, sendo 19 dissertações e quatro (4) teses.

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) aparece na sequência, com 22 produções, sendo 16 dissertações e seis (6) teses. Seguida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com 21 dissertações; ambas localizadas na região Sul do país. Dentre

as IES localizadas em estados do Nordeste brasileiro, destacam-se a Universidade Federal de Pernambuco com 12 trabalhos, sendo 10 dissertações e duas (2) teses e, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com 12 dissertações. Enquanto na região Norte, a Universidade Federal do Pará (UFPA) apresenta oito (8) produções, as quais se distribuem em sete (7) dissertações e uma (1) tese. Já na região Centro-Oeste, a Universidade de Brasília (UnB) apresenta 12 trabalhos vinculados, sendo seis (6) dissertações e seis (6) teses.

É importante vincular essas informações ao tempo de existência e o quantitativo de programas de pós-graduação provenientes desses espaços. O estado de São Paulo, por exemplo, local com maior presença de IES e com maior número de trabalhos identificados no conjunto analisado, na área da Psicologia, dispõe de 18 PPGP, conforme dados atualizados em 2015. No ano de 1998, São Paulo se sobressaía aos demais estados brasileiros com 11 PPGP. Este último dado representa quase o dobro do segundo estado com maior número de PPGP, a saber, Rio de Janeiro com seis (6) PPGP em 1998; em 2015 o quantitativo ampliou para 10 PPGP.

Ao analisar os dados de distribuição dos PPGP no Nordeste brasileiro, como referência o ano de 1998, na ferramenta *GeoCAPES*; verificou-se a existência de PPGP nos estados nordestinos que apresentam destaque quantitativo no conjunto de documentos analisados: Pernambuco (PE), Rio Grande do Norte (RN) e Paraíba (PB). Precisamente, dentre as nove (9) unidades federativas da região Nordeste, apenas IES desses três estados (PE, RN e PB), ofertavam pós-graduação em Psicologia, no ano de referência.

Com referência aos dados expostos, ressalta-se a atenção que devemos empregar ao analisar e descrever informações a respeito de um cenário no âmbito acadêmico e científico. Cuidado para, com isso, não irromper conclusões que não se sustentam ao analisarmos o contexto geral de desenvolvimento e ampliação da pós-graduação no Brasil. Por exemplo, ao afirmar o estado de São Paulo e instituições de ensino superior provenientes deste estado como polos de produção com maior relevância quantitativa, deve-se considerar o tempo de existência de seus programas de pós-graduação e o número de programas ativos.

O mesmo cuidado deve ser aplicado quando analisarmos a série histórica da produção acadêmica, tendo em vista a ampliação e evolução da pós-graduação nos últimos anos: em 1998, eram 1259 PPG (28 na área da psicologia); em 2003, o quantitativo cresceu para 1756 PPG (45 na área psicologia); em 2008, avançou para 2349 PPG (60 na área da psicologia); em 2013 ampliou para 3054 PPG (72 na área da psicologia) e, por fim, 2015 com 3302 PPG (76 na área da psicologia).

4 INTERPRETAÇÃO

4.1 Procedimentos para a condução da análise interpretativa

Como vimos na seção da descrição quantitativa, identificaram-se 292 documentos (230 dissertações e 62 teses). Na presente etapa, denominada de **Interpretação**, faz-se necessário uma redução deste corpo documental a um quantitativo, substancialmente efetivo, para a **análise interpretativa**. Assim sendo, do mesmo modo que ocorreu no processo de seleção quantitativa, em que foram definidos critérios de inclusão e exclusão; para o desenvolvimento desta etapa, os critérios visam o potencial analítico dos documentos.

Inicialmente é válido discutir os procedimentos que resultaram na seleção dos documentos analisados, etapa primordial para o alcance da metassíntese. Primeiro, ponderaram-se sobre alguns fatores que repercutem na pesquisa em função da opção que se lança nesse momento. Dentre eles, os alcances e as limitações de cada tipo de produção acadêmica e científica enquanto objeto de análise. E, com isso, os ganhos e perdas quando se faz a opção por um tipo de produção em detrimento de outro.

Sobre isso, no caso desta pesquisa, no primeiro momento, os dados quantitativos apontavam as dissertações como opção mais coerente para o alcance da proposta. Em especial, dois aspectos fortalecem essa questão, a constatação de que o mestrado se sobressai em relação ao doutorado e, também, supõem-se tratar-se de produções acadêmicas em que há uma maior centralidade no desenvolvimento do método. Contudo, o elevado quantitativo de dissertações, ainda que seja um importante indicador dos caminhos que o/a pesquisador/a deverá seguir na investigação, também direciona seu olhar aos elementos que poderão inviabilizá-la. Sendo assim, tempo de execução, densidade e complexidade do material analítico, também são aspectos da produção a serem considerados nesse momento.

Durante à etapa da descrição quantitativa, verificou-se que se tratava de um tipo de produção que apresenta diversidade epistemológica, teórica e metodológica, tanto pela natureza multidisciplinar da área do conhecimento da Fotografia quanto em razão da diversidade que caracteriza o campo da Psicologia. Assim sendo, percebeu-se que as perdas seriam maiores caso resolvêssemos adotar as dissertações como objeto de análise, pois, iria requerer critérios de inclusão e exclusão que resultariam em restringir essa diversidade. Por exemplo, delimitar a análise à apenas dissertações de uma única subárea da Psicologia, provavelmente limitaria o alcance qualitativo da metassíntese. Tampouco seria justo refinar o corpo analítico em função da sua vinculação institucional, pois assim privilegiaria o conhecimento produzido em um dado contexto e espaço. Em suma, entendeu-se que a adoção de critérios com base no que foi citado,

descharacterizaria a proposta desta pesquisa que contempla, entre outros aspectos, o processo histórico do uso da fotografia na pesquisa em psicologia no Brasil.

Sabia-se de antemão que o trabalho analítico com teses de doutorado requer uma atuação mais disciplinada e aprofundada, pois são documentos que têm por característica maior nível de aprofundamento, principalmente epistemológico e teórico, do que os trabalhos de conclusão no nível do mestrado. Além disso, apresenta uma configuração mais densa e complexa, por exemplo, maior número de páginas, capítulos, maior tempo de estudo, entre outros aspectos que particularizam a produção de uma tese.

Com relação a seleção da fonte de informação, entende-se que é uma escolha que deve estar criteriosamente fundamentada nos objetivos da pesquisa, pois é que viabilizará o alcance do estudo, indicando uma leitura dentre outras possíveis. Em função disso, ao ponderar sobre os pontos supracitados, além da tentativa de resguardar a diversidade do material analítico, dois outros aspectos foram considerados para a definição do *corpus* documental para a análise qualitativa. Primeiro, o indicador numérico, ou seja, o fator quantitativo, em especial, a possibilidade de trabalhar com uma quantidade razoável de documentos em um tempo hábil para a conclusão da pesquisa. Segundo, o aprofundamento teórico e metodológico que, supõem-se, caracterizar os trabalhos de conclusão no nível do doutorado.

Nessa direção, dentre as 62 teses que compuseram a **análise descritiva**, 50 teses foram localizadas em formato completo, sendo esse o quantitativo analisado nesta etapa final da pesquisa. Nesse momento, busca-se ir além das informações obtidas no âmbito da quantificação e descrição do *corpus* analítico (OLIVEIRA *et al.*, 2015), com a finalidade de produzir inferências que resultarão na **síntese interpretativa**.

Nessa etapa, desenvolve-se a compreensão em profundidade do conteúdo de todo o material investigado (BASTOS, 2013; OLIVEIRA *et al.*, 2015). Para tanto, opera-se a articulação, conexão e confronto entre as informações levantadas, efetivamente, de modo intencional, estruturado e produtivo (BASTOS, 2013; OLIVEIRA *et al.*, 2015). Em um sistema, não obstante, ajustado as particularidades da pesquisa, modo de produção e limitações do/a pesquisador/a.

Considerando isso, para o alcance desta **síntese interpretativa**, iniciou-se com o planejamento do sistema adotado para a condução da análise. Primeiro, buscou-se ajustar os recursos computacionais aplicados na etapa anterior desta pesquisa, a saber: o *software* de processamento de dados (*Excel*) e o serviço de armazenamento *online* (*Google Drive*), ao novo quadro de informações levantadas nesta etapa qualitativa. Além disso, definiu-se como

proceder à prática da leitura aprofundada das teses, a qual tem sua importância para a metassíntese, justificada por Oliveira e colaboradores (2015, p. 150):

Para um estudo de tipo Metassíntese há uma necessidade clara da utilização de leitura em profundidade, pois esta permite construir uma formulação o mais densa possível a respeito da compreensão de determinado assunto. Esse exercício de leitura pode ser transformado em questões, perguntas para que, à medida que o investigador se impregna do conteúdo do texto, elas sejam respondidas. Considerando a leitura como exercício vivo, dinâmico, questões novas poderão surgir ou, algumas concebidas a priori poderão ser abandonadas. (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 150).

Para auxiliar a condução da leitura aprofundada das teses, realizada sequencialmente em série histórica, utilizaram-se os seguintes direcionamentos. Primeiro, através do sumário da tese, buscou-se localizar a discussão epistemológica e metodológica a respeito da fotografia (Apêndice B). Segundo, identificação e seleção (uso da ferramenta de realce textual) de cada unidade de registro (capítulos completos, parágrafos, trechos) referente à discussão mencionada (Apêndice C). Em seguida, produziu-se uma ficha catalográfica (Apêndice D) de cada trabalho. E, por fim, produção de textos sínteses de cada tese analisada (Apêndice D). As informações oriundas desses procedimentos foram sistematizadas no banco de dados construído no *Excel* (Apêndice A). Conjuntamente, esses documentos nortearam a produção da **análise interpretativa**. Apresenta-se, a seguir, uma contribuição importante ao método desenvolvido no grupo de pesquisa.

4.2 Breve apresentação do *corpus* analítico

A seguir apresenta-se breve descrição das 62 teses identificadas. Destaque-se que nesse primeiro momento, de contato com a produção, restringiu-se a análise dos resumos, o qual fornece informações sobre o objetivo do trabalho e, ainda, de forma limitada, sobre os procedimentos adotados na pesquisa. Posteriormente, a **análise interpretativa**, contemplada ainda neste capítulo, é resultado das teses que foram localizadas em formato integral.

Nessa direção, tendo em vista a série histórica da produção no nível do doutorado com uso da fotografia na pesquisa em Psicologia, o presente *corpus* analítico compreende um conjunto de teses desenvolvidas entre 1990 e 2016, ano que corresponde à última atualização da *Plataforma Sucupira*, na ocasião do período em que ocorreu a coleta de dados desta pesquisa.

Na década de 90, identificaram-se as primeiras duas teses de doutorado que utilizam a fotografia em seu arcabouço metodológico, ambas produzidas no Doutorado em Psicologia da Universidade de São Paulo. Contudo, o acesso a esses documentos está restrito ao resumo e corpo referencial, pois não está disponibilizado na íntegra em meios virtuais. O primeiro deles, defendido em 1990, não é apenas a primeira produção acadêmica no nível do doutorado, como,

também, se apresenta como o primeiro trabalho que utiliza a fotografia, presente no *corpus* analítico desta pesquisa. Trata-se da tese de Mara Ignez Campos de Carvalho, orientada pela Professora Maria Clotilde T. Rossetti Ferreira, intitulada *Arranjo espacial e distribuição de crianças de 2-3 anos pela área de atividades livres em creches*⁷. Conforme a pesquisadora descreve no resumo da tese (CARVALHO, 1990, n.p.⁸):

Este estudo investigou a influência do arranjo espacial sobre a distribuição de crianças entre 19 e 35 meses pelo local habitualmente utilizado durante atividades livres. A pesquisa foi conduzida em duas creches da região de Ribeirão Preto (SP) que atendem população de baixa renda. Utilizando a estratégia da experimentação ecológica, modificou-se o arranjo espacial examinando-se a ocorrência de ocupação preferencial pelas crianças de áreas mais estruturadas. **Os dados foram coletados por duas câmeras fotográficas com funcionamento automático a cada 30 segundos, fornecendo de 30 a 40 fotos por sessão.** Os procedimentos constou de três fases: I. arranjo espacial aberto: espaço habitual, amplo e vazio; 4 sessões; II. arranjo espacial aberto: com introdução de pequenas estantes nas laterais do local; 6 sessões; III. arranjo espacial semi-aberto: com montagem de duas zonas circunscritas; 6 sessões. A análise da distribuição espacial das crianças mostrou: (1) reorganização da ocupação do espaço a cada fase; (2) ocupação preferencial de áreas com maior grau de definição espacial; (3) menor estruturação espacial leva a maior concentração de crianças em torno do adulto. A relevância desses dados para o planejamento de ambientes infantis coletivos foi evidenciada em trabalho de intervenção conduzido após o término da pesquisa. (CARVALHO, 1990, n.p., grifo meu)

Após a tese supracitada, o uso da fotografia somente se fez presente no âmbito do doutorado, em 1997, com uma tese também defendida na USP, de autoria de Sandro Caramaschi, orientada por Cesar Ades, com título *O conhecimento das expressões faciais de emoções: tarefas de julgamento, reconhecimento, descrição e produção* (CARAMASCHI, 1997, n.p.):

Investiga o conhecimento das pessoas sobre a expressividade facial de emoções básicas de: alegria, medo, surpresa, tristeza, raiva, desprezo e nojo. Os Ss são 200 alunos (M=100 ; H=100) dos cursos de psicologia e jornalismo da UNESP (Bauru). Submete-os a 3 tarefas que visam quantificar desempenhos diferentes ligados à expressão facial: julgamento de **fotografias** de faces apresentando as emoções; reconhecimento de descrições anatômicas das emoções apresentadas por escrito, descrição anatômica das expressões faciais. Posteriormente, submete um subgrupo de 48 Ss (M=24 ; H=24) à produção voluntária de expressões faciais. No último caso, usou 6 condições experimentais, combinando elementos diferentes de informação (instrução, espelho e **foto**). (CARAMASCHI, 1997, n.p., grifo meu)

Adiante, já na década de 2000, identificou-se o uso da fotografia em 13 trabalhos, sendo 12 documentos localizados em formato integral. O primeiro, intitulado *Intervenção e orientação vocacional/profissional: avaliando resultados e processos*, defendido por Lucy Leal Melo Silva, orientado pelo professor Andre Jacquemin, no Doutorado em Psicologia da USP.

⁷ Utiliza-se a função de destaque em itálico para os títulos das teses citadas. Além das aplicações que são sugeridas nos manuais de formatação (por exemplo: ABNT sugere o recurso itálico em palavras de idiomas estrangeiros).

⁸ Ao longo do texto, as citações diretas com mais de 40 caracteres estão referenciadas com o acrônimo 'n. p.', pois consistem em trechos extraídos dos resumos das teses, os quais não são paginados no documento acadêmico.

Segundo afirma sua autora (MELO-SILVA, 2000), analisou resultados e processos da Intervenção em orientação vocacional/profissional com adolescentes. Para tanto, utilizou diferentes instrumentos avaliativos, dentre eles o *Teste de Fotos e Profissões* que consiste em um instrumento projetivo para a verificação da inclinação profissional. Interessa destacar que no decorrer desta seção, o *Teste de Fotos e Profissões* retorna em outros trabalhos produzidos no âmbito desse mesmo Programa de Pós-graduação em Psicologia.

Na sequência, têm-se a tese de doutorado da pesquisadora Margarida Calligaris Mamede, defendida em 2002, orientada pelo professor Gilberto Safra, intitulada *Cartas e retratos: uma clínica em direção à ética*, no Doutorado em Psicologia Clínica da USP. A autora descreve que a pesquisa decorre de:

[...] complexas dificuldades encontradas no trabalho enquanto psicóloga da Colônia Feminina do antigo Manicômio Judiciário do Estado de São Paulo, atual Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Prof. André Teixeira Lima, a autora apresenta uma proposta de clínica em direção à ética para o atendimento psicoterápico das pacientes internadas nesta Instituição. Partindo inicialmente do conceito de consulta terapêutica desenvolvido pelo psicanalista Donald Woods Winnicott, a autora passou a utilizar objetos concretos no atendimento, como, principalmente cartas e **fotografias**, objetos estes que eram solicitados pelas próprias pacientes. (MAMEDE, 2002, n.p., grifo meu)

Enquanto, na década de 90, a produção de teses se apresenta com um pequeno quantitativo e com longo intervalo de tempo entre as duas produções – 1990, 1997. Na década de 2000, principalmente a partir da segunda metade, apresenta progressão quantitativa de produções que utilizam a fotografia no nível do doutorado na pesquisa em Psicologia.

Assim, em 2004, identifica-se a tese de doutorado da pesquisadora Ana Elizabete Rodrigues de Carvalho Lopes, orientada pela professora Solange Jobim e Souza, no Doutorado em Psicologia da PUC/RJ. Neste trabalho, intitulado *Olhares compartilhados: o ato fotográfico como experiência alteritária e dialógica*, buscou-se “investigar a **linguagem fotográfica** como meio e mediação dos processos de construção de conhecimento, de constituição de subjetividades e de inclusão social” (LOPES, 2004, n. p., grifo meu). Para tanto, a autora desenvolveu seu estudo com um grupo de jovens sobre o ato fotográfico e as narrativas visuais, orais e escritas produzidas por eles (LOPES, 2004).

Já em 2005, foram identificadas duas teses, a primeira, defendida por Marli Lúcia Tonatto Zibetti, orientada pela professora Marilene Proença Rebello de Souza, no Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da USP, com título *Saberes docentes na prática de uma alfabetizadora: um estudo etnográfico*. Nessa pesquisa, a autora (ZIBETTI, 2005) investiga processos de apropriação/objetivação e criação de saberes na prática

pedagógica de uma alfabetizadora por meio de uma abordagem etnográfica que se utiliza de observação participante, entrevistas, análise documental e fotografias.

Enquanto a tese de Adélia Augusta Souto de Oliveira, orientada pela professora Bader Burihan Sawaia, no Doutorado em Psicologia Social da PUC/São Paulo, intitulada *Turismo de massa e segregação psicossocial em uma comunidade litorânea no Nordeste brasileiro: uma análise a partir da experiência de resistência e submissão das crianças*. A pesquisadora, através de informações levantadas em fotografias, desenhos, textos e conversas produzidas pelas e com as crianças de uma comunidade litorânea de um município de Alagoas, buscou analisar os sentidos experienciados no lugar (OLIVEIRA, 2005).

Adiante, em 2006, identificaram-se mais duas teses, ambas produzidas no Doutorado em Psicologia da Universidade de Brasília – UnB, orientadas pela professora Silviane Bonaccorsi Barbato. A primeira, intitulada *Guardiãs da memória: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos*, da pesquisadora Juliana Eugênia Caixeta. Desenvolveu investigação a respeito dos “significados que orientaram a identificação de mulheres guardiãs da memória, entendendo que o *self* é formado pelo conjunto de posicionamentos, ou seja, pelas identificações que o EU assume no espaço interativo” (CAIXETA, 2006, n. p.). Para tanto, a autora produziu entrevistas narrativas e episódicas com cinco mulheres guardiãs da memória e reuniu seus guardados, dentre eles fotografias, onde, estas tiveram suas histórias contadas e, posteriormente, analisadas e quantificadas junto a outros objetos demandados, em que foi construído um mapa comum entre as cinco guardiãs (CAIXETA, 2006).

A segunda trata-se do trabalho de Fabrícia Teixeira Borges, intitulado *Tem tantos jeitos de ver! Um estudo sobre os significados de olhar nas perspectivas de quatro mulheres de Goiânia*. Nessa pesquisa, a autora (BORGES, 2006, n. p) indica que buscou “analisar a construção do conceito de Olhar”. Para tanto, realizou entrevistas narrativas, com quatro mulheres, sobre a atividade de fotografar e tratou de identificar as permanências e modificações dos significados do conceito em estudo. Além disso, demandou as participantes que fotografasse como percebiam o mundo (BORGES, 2006).

No ano seguinte, 2007, identificaram-se duas (2) teses. A primeira, da pesquisadora Flávia Liberman, defendida no Doutorado em Psicologia Clínica da PUC/São Paulo, com orientação da professora Suely Belinha Rolnik, intitulada *Delicadas coreografias: instantâneos de uma terapia ocupacional*. Essa cartografia se propôs a “descrever, discutir e articular uma série de experiências realizadas em diferentes contextos [...] em que se utilizam abordagens corporais para promover o encontro entre corpos/sujeitos” (LIBERMAN, 2007, n. p.). Através de uma série de procedimentos, dentre eles fotografar, a autora produziu registros que

“procura[ram] captar instantâneos de expressividade” e, com isso, “apresentar os procedimentos que pautam a clínica” e “identificar e problematiza algumas de suas linhas através da análise de cenas, falas e depoimentos.” (LIBERMAN, 2007, n. p.).

Ainda no ano de 2007, a tese de Yevaldo Lemos Pereira, defendida no Doutorado de Psicologia Experimental da USP, com orientação da professora Emma Otta, com título *Enrubescimento social: evolução, função apaziguadora e modeladora do comportamento*. Realizou estudos com objetivo de descrever o enrubescimento, as situações desencadeadoras e testar a hipótese Comunicativa e Remediadora. Nesse aspecto, a fotografia foi utilizada para apresentação de pessoas em situação de elevada exposição e, desse modo, analisar as regiões de avermelhamento e brilho da face; em outro momento, avaliar o rubor e brilho de face neutra, sorriso posado e sorriso espontâneo; e, por fim, atores que supostamente haviam cometido uma infração. (PEREIRA, 2007).

Em 2008 apresenta-se a tese intitulada *Cooperativa de catadores de materiais recicláveis de Assis - COOCASIS: espaço de trabalho e de sociabilidade e seus desdobramentos na consciência*, produzida por Ana Maria Rodrigues de Carvalho e orientada pela professora Leny Sato, no Doutorado em Psicologia Social da USP. A pesquisa desenvolveu estudo “a partir do cotidiano de um trabalho da Cooperativa, as alterações, apreendidas por seus cooperados, em relação às suas crenças, valores, visão sobre o trabalho e a realidade social.” (CARVALHO, 2008, n. p.). Dentre os procedimentos de coleta de informações, utilizou a fotografia para o registro de ações da pesquisa.

Nesse mesmo ano, 2008, e no ano seguinte, 2009, a professora Sônia Regina Pasian Ferreira, do Doutorado em Psicologia da USP/Ribeirão Preto, orientou duas teses a respeito do BBT-Br (Teste de Fotos de Profissões). A primeira, defendida por Mariana Araújo Noce, intitulada *O BBT-Br e a maturidade para a escolha profissional: evidências empíricas de validade*. Apresentou proposta de “examinar as possibilidades informativas do BBT-Br (Teste de Fotos de Profissões) quanto a indicadores de maturidade para a escolha profissional, bem como validar e fundamentar empiricamente algumas das hipóteses interpretativas desta técnica projetiva” (NOCE, 2008, n. p.). Enquanto imagens existentes no BBT-Br, a fotografia foi utilizada para análise das fotos mais escolhidas e mais rejeitadas, comparativamente por dois grupos experimentais, um com maturidade para a escolha profissional e outro com baixa maturidade.

Já a segunda tese, defendida em 2009, pela pesquisadora Erika Tiemi Kato Okino, com título *O SDS e o BBT-Br em orientação profissional: evidências de validade e precisão*. Objetivou “delinear uma estratégia convergente deste teste [BBT-Br] por meio de resultados

obtidos com outra técnica de avaliação psicológica já consagrada no contexto científico internacional como instrumento de avaliação de interesses, o *Self-Directed Search* (SDS)”. (OKINO, 2009, n. p.). A partir disso, a autora propôs verificar a variável sexo – masculino e feminino – sobre as tendências motivacionais com adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio, período, em geral, de escolha profissional.

Além do trabalho supracitado, em 2009, foi produzida a tese *Alice no país das maravilhas e na Emia: Winnicott e a educação*, desenvolvida por Maria Lagua de Oliveira, orientada pela professora Ivone Fernandes da Motta, no Doutorado em Psicologia Clínica da USP. Essa pesquisa objetivou “discutir as histórias como experiência cultural facilitadora do desenvolvimento infantil e suas ressonâncias através do próprio processo em sala de aula: relação com o professor; interação no grupo; produções; histórias trazidas pelas crianças.” (OLIVEIRA, 2009, n. p.). A pesquisadora utilizou a fotografia, dentre outros recursos, para o registro de ações que foram desenvolvidas durante a pesquisa.

Já no ano de 2010, foram identificadas seis (6) teses distribuídas em seis (6) programas de pós-graduação, sendo três (3) localizados em São Paulo, dois (2) no Rio de Janeiro e um (1) na Paraíba. A primeira, defendida no Doutorado em Psicologia Clínica da USP, de autoria de Claudia Aranha Gil, orientada pela professora Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo, intitulada *Recordação e transicionalidade: a oficina de cartas, fotografias e lembranças como intervenção psicoterapêutica grupal com idosos*. Essa pesquisa tratou de apresentar o método psicoterapêutico, denominado Oficina de Cartas, Fotografia e Lembranças como uma proposta de intervenção clínica com idosos. Dentre outros aspectos, o método propõe o uso de fotografias, cartas e objetos que suscitam significações na vida dos participantes (GIL, 2010).

A segunda tese trata-se do trabalho defendido pela pesquisadora Maria do Céu Câmara Chaves, orientado pelo professor Geraldo Romanelli, no Doutorado em Psicologia da USP/Ribeirão Preto, com título *A luta das famílias pela educação escolar dos seus filhos: um estudo na comunidade do Pontalzinho do Tarumã Açu em Manaus-AM*. Esse trabalho foi desenvolvido com sete famílias de uma comunidade de Manaus, em que investigou suas práticas educativas, representações dos pais sobre a escola e sobre o processo de escolarização dos filhos. A fotografia foi utilizada para o registro de algumas atividades ocorridas no espaço escolar. (CHAVES, 2010).

Ainda, a terceira tese, do pesquisador Fabiano Koich Miguel, orientada pelo professor Ricardo Primi, no Doutorado em Psicologia da Universidade de São Francisco, intitulada *Criação e validação de um teste informatizado para avaliar a capacidade de perceber emoções primárias*. Nesse trabalho, buscou-se a “criação e validação de um teste informatizado

destinado a avaliar a capacidade de reconhecer expressões emocionais, tanto autênticas quanto falseadas” (MIGUEL, 2010, n. p.). Para tanto, o pesquisador apresentou fotos e trechos de filmes, como estímulos para ocorrência das oito emoções básicas, descritas no modelo psiconevrolucionista. Além disso, 22 participantes foram filmados e, posteriormente, foram capturadas suas expressões autênticas e falseadas de emoções (MIGUEL, 2010).

No âmbito dos trabalhos produzidos em PPG do Rio de Janeiro. No Doutorado em Psicologia da UFRJ, tem-se a tese da pesquisadora Adriana Tavares Carrijo, orientada pelo professor Francisco Teixeira Portugal, intitulada *A cartografia da infância multitransornada; sobre a psiquiatrização da infância em decorrência dos múltiplos transtornos mentais* (CARRIJO, 2010). No estudo, a pesquisadora utilizou a fotografia e outros recursos metodológicos para apreensão deste fenômeno.

Enquanto no Doutorado em Psicologia Clínica da PUC/RJ, a pesquisadora Cristina Laclette Porto desenvolveu a tese *Álbuns de retratos, infâncias entrecruzadas e cultura lúdica: memória e fotografia na Brinquedoteca Hapi*, orientada pela professora Solange Jobim e Souza. O estudo, através de instrumentos que evocam a memória, em especial a fotografia, apresentou parte da história da Brinquedoteca Hapi (PORTO, 2010).

Já a tese *Percepção ambiental de crianças em ambientes naturais protegidos*, defendida por Christiana Cabiceiri Profice, orientada pelo professor José de Queiroz Pinheiro, no Doutorado em Psicologia em Psicologia da UFPB, apresentou como objetivo “explorar e descrever as percepções infantis de ambientes naturais protegidos” (PROFICE, 2010, n. p.). A pesquisadora utilizou de estratégia multimétodos, incluindo o recurso fotográfico, para “compreender a interação pessoa-ambiente a partir de perspectiva ecológica, e apresentamos também referenciais teóricos para a compreensão de como a natureza é crucial para o bem-estar e o desenvolvimento psicológico.” (PROFICE, 2010, n. p.).

No ano seguinte, 2011, identificaram-se cinco (5) teses, sendo quatro (4) oriundas de PPG lotados em São Paulo e uma (1) no Distrito Federal. Quanto às teses de instituições de ensino superior de São Paulo, tem-se o trabalho *Cartografia luminosa de um território em trânsito*, da pesquisadora Maria da Conceição Hatem de Souza, orientado pela professora Suely Belinha Rolnik, no Doutorado em Psicologia Clínica da PUC/SP, sobre o qual descreve em seu resumo (SOUZA, 2011, n. p.):

Cartografar, inventar trajetórias, dar passagem a afetos e afetar. Sendo a **fotografia** um método, que para este projeto/processo tese funciona como dispositivo do registro luminoso, na tentativa de replicar a poética do instante. Um devir Turner, tempestade, vento, devir nuvem, onda. O Instante luminoso recortado pelo registro imagético, desenha um volume e comporta um ponto de fuga. Dissipar para constituir passagem, estados reais, físicos, efetivos, sensações. Se tivesse que contar um acontecimento, de

que ponto partiria? Ou qual o ponto de vista selecionar? Qual a intensidade narrar? Qual dispositivo inventar para dar conta da sensação vivida? A partir dessas inquietações sou convocada a inventar um método. A escolha de reconhecer e compor a tese como dispositivo que permita conectar com a experiência do intensivo. Fazer vibrar a sensação. **Fotografias**, exposições, a construção de narrativas, fabulações, formas que tentam reconfigurar não a experiência vivida e sim a sensação vivida. A nuvem como ser da sensação, a **fotografia** que conserva em si a hora da luz, a intensidade luminosa de um instante de um dia. Brincadeira de criança. Devir-criança, inventar formas com as nuvens. Novas formas, formas inconstantes que transfiguram ao sabor dos ventos e nos levam para outros territórios. Simulacros de existência, universo de possíveis. (SOUZA, 2011, n.p., grifo meu).

Ainda no contexto da IE de São Paulo, foram identificadas outras três (3) teses defendidas no Doutorado em Psicologia da USP. A primeira, *O comportamento de cuidado entre crianças analisado à luz do contexto sociocultural, das ideias infantis sobre cuidado, das metas de socialização maternas e de comparações interculturais*, da pesquisadora Ana Karina Santos, orientada pela professora Vera Silvia Raad Bussab, da linha de pesquisa *Psicologia Experimental*, consistiu na investigação do comportamento de cuidado entre crianças, ideias infantis sobre o cuidado, metas de socialização das mães e de comparações interculturais. Nesse aspecto, dentre outras ferramentas, utiliza o método da foto-entrevista, para apreensão das ideias de cuidado infantil (SANTOS, 2011).

Já a tese *Psicoterapia psicanalítica da fobia: o uso de imagens em um estudo de caso*, da pesquisadora Laura Carmilo Granado, orientada pela professora Leila Salomão de la Plata Cury Tardivo, da linha de pesquisa *Psicologia Clínica*, apresenta o atendimento clínico de uma paciente em que se utilizou fotografias relacionadas à sua fobia, no processo psicoterapêutico (GRANADO, 2011). Por fim, a tese *Por um outro cinema - jogo da memória em Chris Marker*, de Emi Koide, orientada pela professora Iray Carone, no Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, a qual, segundo descreve o resumo do trabalho:

[...] é uma reflexão crítica sobre o estatuto da imagem e sua relação com a memória e a história na sociedade contemporânea, em que a influência dos meios de comunicação de massa, da indústria cultural e dos recursos audiovisuais é dominante. [...] Na análise de filmes, **fotografias** e textos de Marker, procurou-se compreender o modo de articulação de imagem e som em seus trabalhos, levando em conta as considerações de Benjamin sobre o cinema e sobre a história. (KOIDE, 2011, n.p., grifo meu).

No Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PSTO) da UnB, por sua vez, tem-se a tese defendida por Sérgio Henrique Barroca Costa e orientada pelo professor Mário César Ferreira, intitulada *Carnaval: trabalho ou diversão? Atividade, gestão e bem-estar nas escolas de samba do Rio de Janeiro*. Nesse trabalho, o pesquisador utiliza um conjunto de recursos metodológicos, dentre eles, o registro fotográfico para investigar o

contexto das escolas de samba fluminenses, a respeito do trabalho, gestão e bem-estar. (COSTA, 2011).

No ano de 2012 foram produzidas oito (8) teses em distintos PPG, sendo duas (3) em São Paulo, duas (2) no Rio Grande do Sul, uma (1) em Santa Catarina, Pernambuco e Rio de Janeiro cada. Em São Paulo, tem-se a tese *O ato fotográfico: memória, prospecção e produção de sentidos na velhice*, da pesquisadora Joana Sanches Justo, orientada pelo professor Mário Sérgio Vasconcelos, no Doutorado em Psicologia da UNESP/Assis. Nesse trabalho, a autora pesquisa “os sentidos produzidos pelo ato fotográfico na relação do idoso com o tempo e com a memória, dando maior ênfase às possibilidades da fotografia enquanto prospecção do futuro.” (SANCHES-JUSTO, 2012, n. p.). Desse modo, “foram realizadas oficinas de fotografia com dois grupos de idosos [...] Os participantes fotografaram orientados pelas seguintes perguntas: “O que é importante na vida, hoje?”; “Que imagem ou cena você tomaria agora para representar algo que ainda não aconteceu em sua vida, mas que você pretende que aconteça no futuro?”. (SANCHES-JUSTO, 2012, n. p.)

Além desse trabalho, no Doutorado em Psicologia Clínica da PUC/São Paulo, tem-se a tese *Um modelo psicanalítico para pensar e fazer grupos em instituições*, defendido por Pablo de Carvalho Godoy Castanho, orientado pelo professor Luís Cláudio Mendonça Figueiredo, em que, segundo informa o autor (CASTANHO, 2012, n. p.) tem:

[...] o objetivo geral de construir as bases de um modelo psicanalítico que possa abranger todas as práticas “psi” com grupos em instituições, propondo parâmetros para estabelecer a pertinências de cada grupo a seu contexto institucional e para uma discussão detalhadas de sua coordenação. [...] Identificaremos os grupos operativos de aprendizagem e os grupos com objetivos mediadores (destacando a **Fotolinguagem**©, tal como concebida por Vacheret no segundo) com os dois dispositivos de referência em nosso trabalho. (CASTANHO, 2012, n.p., grifo meu).

Por fim, a tese defendida no Doutorado em Psicologia da UFSCAR, intitulada *Expressões faciais de emoções de crianças com deficiência visual e videntes: avaliação e intervenção sob a perspectiva das habilidades sociais*, produzida por Barbara Carvalho Ferreira e orientada pela professora Zilda Aparecida Pereira del Prette. Esse trabalho tratou de “avaliar o impacto de um programa de treinamento de expressão facial de emoções, na interface com as habilidades sociais, sobre o repertório de crianças cegas, com baixa visão e videntes” (FERREIRA, 2012, n. p.). Utilizou registros fotográficos e filmagens para apresentação de estímulos aos participantes.

Quanto as produções oriundas do Rio Grande do Sul, tem-se, primeiro, a tese *Como lembramos juntos?: emoção e diferenças individuais na conformidade de memória*, defendida pela pesquisadora Rosa Helena Delgado Busnello, orientada pela professora Lilian Milnitsky

Stein, no Doutorado em Psicologia PUC/Rio Grande do Sul. Na qual objetivou analisar “o impacto de emoções e de diferenças individuais de temperamento no efeito de CM” (BUSNELLO, 2012, n. p.). Para esse alcance, a autora utilizou o recurso computacional e fotográfico “selecionadas do *International Affective Picture System* (IAPS; Lang, Bradley & Cuthbert, 2008). As fotos foram utilizadas em teste de reconhecimento, tendo sido selecionadas em duas de suas dimensões emocionais: o alerta (controlado) e a valência (manipulada).” (BUSNELLO, 2012, n. p.)

A outra tese, também do Doutorado em Psicologia da PUC/Rio Grande do Sul, defendida por Miriam Cristine Alves e orientada pelo professor Nédio Antônio Seminotti, intitulada *Desde dentro: processos de produção de saúde em uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana*. Consistiu em trabalho que buscou “compreender os processos de produção de saúde em uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana, problematizando a dialógica entre o paradigma civilizatório ocidental e o paradigma civilizatório negro-africano. “ (ALVES, 2012, n. p.). Para tanto, utilizou fotografias e outros recurso metodológico para a coleta de informações.

Em Santa Catarina, a tese *As múltiplas cidades na cidade: as relações estéticas dos catadores de material reciclável com a polifonia urbana*, da pesquisadora Daiana Barboza, orientada pela professora Andréa Vieira Zanella, apresentou os seguintes objetivos “analisar as imagens da cidade produzidas pelos CMR [catadores de material reciclável]; identificar os movimentos de resistência dos CMR; investigar em quais condições os CMR estabelecem relações estéticas com a cidade.” (BARBOZA, 2012, n. p.). Para tanto, “cada sujeito recebeu uma câmera fotográfica para registrar imagens das suas relações com a urbe. Em outro momento, em suas residências, foram realizadas conversas informais acerca das narrativas fotográficas por eles produzidas.” (BARBOZA, 2012, n. p.)

Nesse mesmo ano, tem-se o trabalho *Retratos dos dias: a produção de sentidos na vida cotidiana de crianças*, defendido no Doutorado em Psicologia Cognitiva da UFPE, pela pesquisadora Silvia Fernanda de Medeiros Maciel, orientado pelo professor Luciano Rogério Lemos Meira, no qual, segundo afirma Maciel (2012, n. p):

[...] faz uma reflexão acerca dos processos de produção de sentidos na vida diária de crianças, a partir do ponto de vista delas, entendendo que é nas relações corriqueiras do dia-a-dia e no fluir das ações cotidianas – com seus padrões de permanência e com suas rupturas – que os seres humanos elaboram suas histórias de vida e se constituem como sujeitos. A base teórica do trabalho se estabelece ancorada em discussões acerca das relações da psicologia com os usos da palavra e dos jogos de linguagem, da psicologia com a vida cotidiana e da psicologia com a **fotografia**. Como estratégia metodológica para a produção dos dados, foi elaborado um jogo de pesquisa baseado no uso de sondas culturais e na reflexão sobre o lúdico, os jogos e seus usos. Com ele, quatro crianças com idade entre 9 e 11 anos, foram orientadas a **fotografar** (e a

desenhar) seu cotidiano e a depois falar sobre as imagens produzidas. (MACIEL, 2012, n.p., grifo meu).

Por fim, a tese defendida na PUC/Rio de Janeiro, intitulada *Interdiscursividade e práticas cotidianas: modos de fazer/operar a política de reserva de vagas na UERJ*, da pesquisadora Luciana Ferreira Barcellos, orientada pela professora Solange Jobim e Souza. Nessa tese, Barcellos (2012, n. p.) investigou “as práticas cotidianas a partir da implementação da política de reserva de vagas na UERJ. Para o alcance desse objetivo, a pesquisadora informa que adotou como proposta metodológica para a coleta de informações “o registro de imagens-fotográficas de cartazes, informes, desenhos espalhados pelas paredes da universidade e a entrevista como etapa suprasequente, pondo em diálogo as imagens expostas na UERJ, o pesquisador e os sujeitos da pesquisa” (BARCELLOS, 2012, n. p.).

Assim como no ano anterior, foram identificadas oito (8) teses em 2013, sendo quatro (4) em São Paulo e uma (1) nos seguintes estados: Santa Catarina, Pernambuco, Pará e Goiás. Com relação aos trabalhos oriundos de PPG de São Paulo, tem-se, primeiro, a tese *Sistema integrado de alocação de esforços: tomada de decisão frente à instabilidade ambiental e sinais reprodutivos*, de José Henrique Benedetti Piccoli Ferreira, orientada pela professora Vera Silva Raad Bussab, no doutorado em Psicologia da USP. O trabalho consiste em, segundo consta em seu resumo (FERREIRA, 2013, n. p.):

[...] No estudo 1, investigamos como pistas de instabilidade ambiental, como **fotos** ou notícias sobre catástrofes naturais, ou notícias sobre a crise econômica, influenciam a sensibilidade aos estímulos. No estudo 2, investigamos como pistas reprodutivas, como **fotos** sensuais, de pessoas bonitas, de pais cuidando de seus filhos e de bebês, influenciam a tomada de decisão frente a escolhas de desconto do futuro. [...] **Fotos** de cuidados parentais levaram mulheres a uma redução da impulsividade. (FERREIRA, 2013, n.p., grifo meu).

Já a tese *A interdisciplinaridade na atenção psicossocial: um olhar fotográfico sobre a psiquiatria*, defendida por Mardônio Parente de Menezes, orientada pelo professor Silvio Yasui, no Doutorado em Psicologia da UNESP/Assis; utilizou conceitos da Fotografia – enquanto campo do conhecimento – para análise de entrevistas produzidas com psiquiatras no âmbito do cotidiano profissional da Atenção Psicossocial (MENEZES, 2013).

Enquanto o trabalho de Naiara Minto de Sousa, orientado pela professora Maria Stella Coutinho de Alcântara Gil, intitulado *Procedimentos e processos: uma delicada relação na aprendizagem de discriminações por bebês*, defendido no Doutorado em Psicologia da UFSCAR, produziu:

[...] análise da literatura sobre Controle de Estímulos e aprendizagem de discriminação por crianças em torno de dois anos de idade e dos procedimentos e resultados de quatro relatos de pesquisa experimental que foram discutidos à luz da literatura em periódicos especializados. Os quatro experimentos ajustaram

procedimentos de ensino de discriminações que produziram: 1) aprendizagem de discriminações simples por bebês entre 10 e 20 meses de idade; 2) aprendizagem de discriminações simples e reversões das discriminações simples por bebês entre 15 e 23 meses de idade; 3) aprendizagem rápida de comportamento de ouvinte por um bebê entre 17 e 22 meses de idade; 4) aprendizagem de discriminações condicionais por identidade por sete bebês entre 14 e 27 meses; a demonstração de generalização da relação objeto-objeto com um par de estímulos abstratos para a relação **foto-objeto** e vídeo-objeto por um bebê entre 27 e 29 meses de idade. (GIL, 2013, n.p., grifo meu).

Por fim, a tese *Influência do padrão de beleza veiculado pela mídia na satisfação corporal e escolha alimentar de adultos*, da pesquisadora Maria Fernanda Laus, orientada pelo professor Sebastião de Sousa Almeida, no Doutorado em Psicobiologia da USP/Ribeirão Preto. Esse trabalho objetivou “[...] avaliar a influência do corpo ideal propagado pela mídia na satisfação com o próprio corpo e na escolha alimentar de estudantes universitários.” (LAUS, 2013, n. p.). Para tanto, recorreu à divisão de grupos, para o experimental, apresentou fotos de modelos de ambos os sexos, representativas do ideal de beleza; para o controle, fotos de objetos neutros (LAUS, 2013).

No Doutorado em Psicologia da PUC/GO, a tese *Paisagem, experiência e representações sociais: o olhar etnográfico para um fenômeno de cultura*, da pesquisadora Margarida do Amaral Silva, orientada pelo professor Pedro Humberto Faria Campos; desenvolveu “estudo etnográfico da paisagem segundo experiência e conforme representação social.” (SILVA, 2013, n. p.). Nesse trabalho, a fotografia foi utilizada para a captação de imagens que demonstraram a experiência paisagística dos participantes. (SILVA, 2013).

No Doutorado em Psicologia da UFPA, a tese *Estudos sobre a avaliação da afasia expressiva: material e procedimentos*, de Tony Nelson, orientado pelo professor Olavo de Faria Galvão, buscou aprimorar a avaliação de adultos com afasia expressiva. Para tanto, em uma de suas etapas, solicitou que participante nomeasse fotografias com vistas a verificar a concordância em relação aos nomes que lhes foram atribuídas, posteriormente, considerado o percentual de 90 a 100% de concordância, foram selecionadas as fotografias dentro desse quantitativo. (NELSON, 2013).

Já a tese intitulada *Intervenção artística e transtornos psíquicos: possibilidades de diálogo*, defendida por Ana Elizabeth Lisboa Nogueira Cavalcanti, orientada pela professora Ana Lucia Francisco, no Doutorado em Psicologia Clínica da UNICAP, objetivou “identificar o uso da arte como dispositivo clínico de expressão de subjetividades para pessoas com transtornos psíquicos, com vistas à proposição desta modalidade de tratamento para esses pacientes.” (CAVALCANTI, 2013, n. p.). Para tanto, a fotografia atuou como registro de ações decorridas no momento da pesquisa.

Por sua vez, a tese *Experiência de educação/trabalho no SUS: sentidos para estudantes em oficinas estéticas inseridos no PET-Saúde*, do pesquisador Carlos Eduardo Máximo e orientada pela professora Katia Maheire, no Doutorado em Psicologia da UFSC, propositou, conforme Máximo (2013, n. p.), “compreender a experiência de inserção de estudantes universitários de cursos da área da saúde em um programa de integração ensino/serviço.”, desse modo, utilizou fotografias para obtenção de informações sobre o fenômeno em estudo. (MÁXIMO, 2013).

No ano de 2014 foram identificadas cinco (5) teses. A primeira, da pesquisadora Raquel Redondo Rotta, orientada pelo professor José Francisco Miguel Henriques Bairrão, defendida no Doutorado em Psicologia da USP/Ribeirão Preto. Intitulada *Olhares que narram: perspectivas umbandistas de articulação do sentido*, busca, através da produção fotográfica e outros procedimentos, “apreender, em comunidades umbandistas, nuances dos modos de construção, transmissão e apreensão de significados relativos ao mundo, ao eu e ao outro, por meio de perspectivas umbandistas de articulação do sentido.” (ROTTA, 2014, n. p.)

Ainda nesse mesmo ano, a tese *Um hipotético efeito antecipatório anômalo para estímulos aparentemente imprevisíveis poderia afetar a tomada de decisão humana?*, do pesquisador Fábio Eduardo Silva, orientada pelo professor Wellington Zangari, defendida no Doutorado em Psicologia Social da USP. Desenvolveu o uso da fotografia em estudo experimental que propositou “replicar estudos prévios do HEAA [*Hipotético Efeito Antecipatório Anômalo*] registrando dados fisiológicos de participantes antes, durante e depois de observarem **fotografias**, divididas em calmas e emocionais (eróticas e violentas)”. (SILVA, 2014, n. p.).

Além dessa, tem-se a tese intitulada *O processo de formação identitária e a incorporação, inculcação e encarnação do habitus militar: um estudo etnográfico na PMSC*, produzida por Aniele Fischer Brand, orientada pela professora Suzana da Rosa Tolfo, no âmbito do Doutorado em Psicologia da UFSC. Na qual, fez uso da fotografia entre outros procedimentos, para alcançar compreensão a respeito do processo de construção da identidade militar. (BRAND, 2014, n. p.)

O trabalho *Quando a pele faz a passagem - roteiro tese do filme A Pele que Habito*, produzido por Taciano Valério Alves da Silva, orientado pela professora Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas, no Doutorado em Psicologia Clínica da UNICAP, conduz o uso da fotografia, especificamente, de fotogramas do filme *A Pele que Habito* (Pedro Almodóvar, 2011), para subsidiar a discussão sobre “a pele como metonímia/fronteira da identidade de gênero” (SILVA, 2014, n. p.). O autor da tese justifica a escolha por esse tipo imagético –

fotograma -, à medida que este “acompanha a dimensão dos acontecimentos, surgindo, assim, multiplicidades de possibilidades para interpretações em que encontramos como aliados, Foucault e Deleuze, para adensar nossa investigação”. (SILVA, 2014, n. p.)

Por fim, a tese *Estetização do self e elaboração psíquica: repercussões das redes sociais na subjetividade*, defendida por Gabriel Artur Marra e Rosa, orientada pelo professor Benedito Rodrigues dos Santos, produzida no âmbito do Doutorado em Psicologia da UCB. Consistiu em trabalho que utilizou fotografias e outras informações extraídas em perfis na rede social *Facebook* para investigar “os aspectos que incidem na composição da identidade de [seus] participantes das redes sociais” (ROSA, 2014, n. p.)

Avança-se a produção de 2015, nesse ano foram identificadas seis (6) teses defendidas em quatro (4) PPG distintos. O trabalho *Pequenos cidadãos ações e concepções de crianças sobre o brincar em espaços públicos*, tese de doutorado defendida por Paula Sanders Pereira Pinto, orientada pela professora Ilka Dias Bichara, no Doutorado em Psicologia da UFBA, utilizou entrevistas, fotografias, desenhos infantis e maquetes para “investigar e analisar ações e concepções de crianças a respeito dos espaços públicos onde brincam e mediar interlocuções entre um grupo de brincantes e o gestor do espaço” (PINTO, 2015, n. p.).

Além dessa, a tese *A feira agroecológica como espaço de produção de práticas culturais: identidade, alimentação e relações psicossociais*, da pesquisadora Maria Rita Macedo Cuervo, orientada pelo Professor Adolfo Pizzinato, no âmbito do Doutorado em Psicologia da PUC/Rio Grande do Sul. Nessa produção acadêmica, distribuída em três artigos, a autora apresenta etnografia em uma feira agroecológica, em que utiliza, dentre outros procedimentos, a fotografia para a produção de informações (CUERVO, 2015).

Ainda em 2015, tem-se a tese *Olhos abertos para ouvir, sentir, pensar: crianças com deficiência visual fotografando a cidade*, defendida pela pesquisadora Laura Kemp de Mattos e orientada pela professora Andréa Vieira Zanella, no Doutorado em Psicologia da UFSC. A autora utiliza a fotografia como instrumento para a composição de narrativas de crianças e jovens com deficiência visual (MATTOS, 2015, n. p.). Segundo expõe em seu resumo, a tese consiste em:

[...] investigação sobre o processo de constituição de olhares de cinco crianças/jovens com deficiência visual, com idades entre 07 a 14 anos. Como ferramenta para produção de informação, foram criadas **narrativas fotográficas e audiovisuais** em distintos espaços da cidade por elas escolhidos. [...] Os capítulos relatam encontros com a cegueira, em diálogo com as veredas do processo de criação da pesquisa: experiências com o grupo de crianças/jovens em Florianópolis em uma **oficina sobre fotografia e cidades**; com cada criança/jovem para a produção e leitura das suas narrativas; e incursões com Evgen Bavčar em países estrangeiros. (MATTOS, 2015, n.p., grifo meu).

Enquanto o trabalho *Abrindo os códigos do tesão: encantamentos de resistência entre o transfeminismo pós-pornográfico*, defendido por Arthur Grimm Cabral e orientado pela professora Maria Juracy Filgueiras Toneli, no âmbito do Doutorado em Psicologia UFSC, produz tese que:

Vinculada a ativismos *queer* e (trans)feministas, a pós-pornografia consiste num convite (artístico, erótico e político) para incitar corpos a se reapropriarem das tecnologias que operam o dispositivo da sexualidade, experimentando possibilidades de dissidência ao longo desse processo. A presente pesquisa é uma tentativa de responder a este convite, compondo uma cartografia situada desde minha corpa branca, de classe média, não-heterossexual e transgênera. As músicas, performances, **fotos**, oficinas e vídeos pós-pornográficos são aqui evocados não enquanto “objetos”, mas como personagens que se aliam à construção das minhas próprias ficções, derivando experimentações com a escritura que buscam interferir e (re)articular as normas de sexo e gênero que me cruzam. (CABRAL, 2015, n.p., grifo meu).

Na produção *"Tão perto e tão longe": o cotidiano de aposentados nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis*, da pesquisadora Aline Bogoni Costa, orientada pela professora Dulce Helena Penna Soares, no Doutorado em Psicologia da UFSC, utiliza-se fotografias e entrevistas para “compreender as relações estabelecidas por pessoas aposentadas, em seus cotidianos, nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis” (COSTA, 2015, n. p.).

Por fim, a tese *A produção de sentidos intergeracional de homens sobre o planejamento familiar*, de Júlio Cesar dos Santos, orientada pela Professora Silviane Bonaccorsi Barbatto, no âmbito do Doutorado em Psicologia da UnB. A qual, segundo descreve seu autor no resumo da tese, objetivou:

[...] analisar a produção de sentidos individual e intergeracional de homens com relação ao planejamento familiar, relacionado à: compreensão dos sentidos da herança cultural entre gerações; projetos de vida que incluem planos futuros sobre formação familiar, relação amorosa, reprodução; graus de apropriação das práticas culturais familiares. [...] Optamos por uma metodologia qualitativa, em contexto de comunidade negra rural, com a participação de nove homens, de três gerações, de três famílias da cidade de Santo Antônio de Jesus, Bahia. Realizamos a construção de dados na casa dos participantes, em dois momentos, com os seguintes procedimentos: (a) uma entrevista de história de vida; (b) uma entrevista episódica seguida por uma semiestruturada **mediada por fotografias/objetos** trazidos pelos participantes que lembrassem filhos, pais e avós. (SANTOS, 2015, n.p., grifo meu).

Quanto à produção de teses referente ao ano de 2016, último do presente corpo analítico, foram identificados oito (8) trabalhos, parcialmente distribuídos em seis (6) PPG brasileiros. A primeira tese, *Evidências de validade concorrente entre o BBT-Br e a BFP: um estudo com universitários*, defendida pela pesquisadora Milena Shimada, orientada pela professora Lucy Leal Melo, no âmbito do Doutorado em Psicologia da USP/Ribeirão Preto. Consistiu em estudo com objetivo de verificar a validade de dois testes aplicados com estudantes universitários, utilizados para a avaliação de seus interesses vocacionais. O BBT-Br (Teste de Fotos de Profissões), teste projetivo que avalia interesses vocacionais e BFP.

O Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações da UnB apresentam-se duas (2) teses. A primeira, com título *Ambientes restauradores: uma retomada do urbano*, da pesquisadora Elisa Dias Becker Reifschneider, orientada pelo professor Hartmut Gunther. Nesse trabalho, o recurso fotográfico foi adotado para a visualização das imagens pelos participantes e com isso comparar os cenários demonstrados pelos pesquisadores - natureza, arquitetura escultórica e vidro espelhado.

Enquanto a segunda tese, intitulada *Melhora essa cara: a adesão a valores com foco social como indicadora da habilidade do controle de expressões faciais de emoção*, do pesquisador Hugo Rodrigues, orientada pelo professor Cláudio Vaz Torres, usou o instrumento fotográfico para investigar “o quanto valores individuais com um foco social eram capazes de explicara habilidade de produzir intencionalmente expressões faciais idênticas às espontâneas.” (RODRIGUES, 2016, n. p.). Desse modo, utilizaram-se oito (8) fotos fornecidas pelos participantes, uma (1) com expressão neutra e sete (7) com emoções básicas. (RODRIGUES, 2016).

No Doutorado em Psicologia da UFBA, identificaram-se duas teses, ambas orientadas pelo professor Marcos Emanuel Pereira. A primeira, intitulada *Pele negra sem máscaras brancas: o julgamento da boa aparência em seleção de pessoal*, do pesquisador Altair dos Santos Paim, buscou “avaliar os efeitos do racismo no julgamento da boa aparência em seleção de pessoal.” (PAIM, 2016, n. p), em três estudos, os quais contemplaram pesquisa documental; avaliação de fotos e simulação de seleção de pessoal. Nesse caso, o uso da fotografia ocorreu “Inicialmente, uma avaliação de fotos por juízes, utilizando imagens prototípicas. Uma escala de branqueamentos com fotos masculinas foi produzida, sendo instrumento para o estudo seguinte”. (PAIM, 2016, n. p.)

Além dessa, a tese *O processo de socialização de crianças e o desenvolvimento moral das mães: estudos da expressão de conteúdos e traços estereotípicos de crianças brancas e negras acerca da cor de pele*, do pesquisador Saulo Santos Menezes de Almeida, buscou, em pesquisa de natureza descritiva e exploratória com:

[...] 200 crianças, sendo 125 crianças classificadas pelos juízes como negras e 75 brancas, com faixa etária entre 8 a 11 anos de idade ($x=10$; $s= 1,41$). Destas 200 crianças, 100 crianças foram do Estado de Sergipe (32 brancas e 68 negras) e 100 crianças do Estado da Bahia (42 brancas e 58 negras). Elas foram solicitadas a se classificarem quanto a cor de sua pele e também a exporem seus pensamentos com o uso de traços e conteúdos estereotípicos relacionados à atratividade física, capacidade cognitiva, comportamento normativo e nível socioeconômico, e qual a sua preferência de cor de pele de uma outra criança (uma criança negra e outra branca, apresentadas em **fotos**) quando há a possibilidade de um contato direto ou proximidade. (ALMEIDA, 2016, n.p., grifo meu).

Já a tese *Escrever é uma viagem: A atividade de criação literária no desenvolvimento dos turistas aprendizes*, defendida por Alice Paiva Souto, orientada pela professora Cláudia Osória Silva, no Doutorado em Psicologia da UFF; recorreu ao método da oficina de fotos para o registro de imagens, a partir de questões quanto à atividade de escrever e viajar. Buscou-se, com isso, analisar “a função da atividade de criação literária no desenvolvimento de jovens em processo de formação” (SOUTO, 2016, n. p.)

No Doutorado em Psicologia da UFMG, a tese *Construção de uma tarefa para estimar a capacidade de reconhecimento de micro e macro expressões faciais emocionais básicas*, de Lorenzo Lanzetta Natale, orientada pelo professor Arthur Melo e Kummer, teve como objeto de estudo as emoções básicas, na qual, segunda descreve o autor (NATALE, 2016, n. p.):

Propusemos a construção de uma tarefa capaz de estimar a capacidade de reconhecimento das micro e macro expressões faciais emocionais básicas (TRMMEBEB). Adicionalmente, foi construído um banco de dados com **fotos/vídeos** de expressões faciais cotadas pelo Facial Action Coding System. Foram filmados 63 voluntários e produzidos 1066 vídeos e mais de 255.000 **fotos de expressões faciais emocionais**. A TRMMEBEB é composta por quatro partes. As partes 1 e 2 medem a capacidade de reconhecimento de microexpressões faciais (166ms) e as partes 3 e 4 medem o reconhecimento das macroexpressões faciais. (NATALE, 2016, n.p., grifo meu).

Por fim, a tese *Percepção estética do envelhecimento feminino*, defendida por Gleicimara Araújo de Queiroz, orientada pela professora Eclea Bosi, no Doutorado em Psicologia Social da USP. Esse trabalho investigou a percepção da estética feminina durante o envelhecimento. A fotografia foi utilizada conjuntamente a entrevista de história de vida. As imagens retrataram as fases da vida das interlocutoras (QUEIROZ, 2016).

Assim, as 62 teses foram se descortinando para a pesquisa, seus títulos, seus autores, seus orientadores, seus resumos, vinculação aos PPGs. A seguir, empreendemos uma análise do uso da fotografia nesses diversos estudos.

4.3 As formas de uso da fotografia na pesquisa em Psicologia

Na Psicologia, Neiva-Silva e Koller (2002) relatam que William James (1842-1910) foi quem primeiro tratou da capacidade de se atribuir significados à imagem, quando “definiu o significado das palavras como sendo imagens sensoriais trazidas à consciência” (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, p. 237). No contexto atual da pesquisa em psicologia, a atribuição de significados ainda permanece como o principal objetivo de uso dessa ferramenta. Em especial, porque é um instrumento que atua em sentido de auxiliar a expressão àqueles indivíduos que apresentam dificuldade de falar sobre alguns temas verbalmente (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002).

Esse aspecto é corroborado nas teses analisadas, nas quais identificaram-se, nas funções que se aplicam a fotografia, o objetivo de potencializar a fala, expressão e reações dos sujeitos colaboradores das pesquisas. Em termos de aproximações epistemológicas no conjunto de trabalhos que compõem esta **síntese interpretativa**, destacam-se as contribuições da fotografia no sentido de representação do real; como suporte à memória; como expressão do olhar e da subjetividade dos interlocutores das pesquisas. O conceito central que se coloca no curso desses trabalhos, diz respeito à fotografia como materialidade mediadora, ao contemplar a condição desse objeto de dimensionar à processos psicológicos, psicossociais, ou mesmo, no campo simbólico⁹.

Ainda, a análise das teses demonstrou que o uso da fotografia na pesquisa em psicologia, com frequência expressiva, mante-se alinhada as funções tradicionais de uso, no sentido que foram documentadas por Neiva-Silva e Koller (2002), no levantamento histórico-metodológico sobre o uso da fotografia na psicologia, que compreendeu a década final do século XIX até os anos finais do século XX. Além disso, indicou, também, outras formas de mediação desenvolvidas através do dispositivo fotográfico no fazer pesquisa em Psicologia.

Nessa direção, aponta-se que, no quadro geral das teses analisadas, identificaram-se as seguintes formas de uso da fotografia: **registro, estímulo**¹⁰, **autofotografia** (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002); **acervo iconográfico** e **objeto mediador**. Pontua-se que, em menor quantitativo, identificaram-se produções em que a imagem fotográfica foi aplicada em mais de uma função (GIL, 2010; NELSON, 2013; NATALE, 2016).

O trabalho de Neiva-Silva e Koller (2002) apresenta relevância no desenvolvimento teórico-metodológico elaborado pelos autores das teses que foram analisadas, ao tratar do uso da fotografia na psicologia. Nesse aspecto, considera-se importante referenciar a revisão histórica-metodológica realizada por esses autores, em que investigam o uso da fotografia na psicologia. Conforme mencionado, na presente pesquisa, identificaram-se formas de uso em consonância com as registradas por Neiva-Silva e Koller (2002), com exceção do uso na função denominada *feedback* (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002), a qual não se verificou ocorrência no corpo analítico em estudo. Esse fato, inclusive, reafirma o que os autores supracitados apontam em seus resultados, no qual constataram a pouca implicação científica do uso da fotografia como *feedback*, em relação as outras funções: **registro, modelo e autofotografia**,

⁹ Ver a tese de Menezes (2013).

¹⁰ Com relação às nomenclaturas, vale destacar que Neiva-Silva e Koller (2002) usam o termo **modelo** para designar a função de estímulo. Nesta pesquisa, optou-se pela substituição com intuito de contemplar as denominações que os/as pesquisadores/as abordam em suas teses, sendo o termo **estímulo** identificado com maior frequência.

ao longo dos anos. A respeito disso, os autores justificam que “[...] se deu, principalmente, em virtude das limitações apresentadas pelo método em relação à restrição de possíveis temas a serem estudados através deste processo.” (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, p. 238).

As nomenclaturas que denominam as formas de uso para além das já tradicionais documentadas por Neiva-Silva e Koller (2002), a saber, **acervo iconográfico** e **objeto mediador**, foram definidas com base nas fontes primárias desta pesquisa, quais sejam, as 50 teses analisadas. Mesma lógica que direcionou a substituição do termo **modelo** por **estímulo**. Evidencia-se que este movimento não foi conduzido a partir da quantificação da ocorrência dos termos nos documentos primários, mas, em função da identificação do uso da fotografia realizado pelos pesquisadores, no contexto dos seus estudos. Resguarda-se, assim, o caráter interpretativo do método de análise aqui empregado, conduzido via leitura aprofundada:

A respeito da análise e interpretação de dados qualitativos deve-se estabelecer uma leitura compreensiva, que seria exaustiva, de primeiro plano, de forma a atingir níveis mais profundos, buscando obter visão de conjunto, aprender particularidades do conjunto do material a ser analisado, elaborar pressupostos iniciais de análise e formas de classificação. (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 151).

Constata-se que em poucos trabalhos encontra-se claramente denominada a forma de uso da fotografia, mesmo naqueles que resgatam as contribuições de Neiva-Silva e Koller (2002) e/ou de outros autores (AMERIKANER; SCHAUBLE; ZILLER, 1980) a respeito do uso da fotografia como método de pesquisa. Desse modo, a leitura em profundidade e o auxílio de ferramentas informáticas foram técnicas essenciais para se obter o alcance dessas informações. Esse aspecto é corroborado por Oliveira e colaboradores (2015, p. 151), quando afirmam a importância de ferramentas para o registro do que foi lido, em que “vale tanto parafrasear o autor sem desvirtuar seu pensamento expresso, como transcrever trechos literais da obra a se converterem em futuras citações”. Caminho este, adotado na produção desta pesquisa, com as já mencionadas fichas catalográficas.

4.3.1 O uso da fotografia para a produção de registro visual

No âmbito dos trabalhos que utilizaram a fotografia com a função de registro visual, recurso que contempla a documentação de uma determinada ocorrência durante seu acontecimento e no qual importa o conteúdo presente na imagem (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002), identificaram-se 15 teses de doutorado, nas quais, as fotografias foram produzidas durante a pesquisa, pelos próprios autores (ZIBETTI, 2005; LIBERMAN, 2007; PEREIRA, 2007; CARVALHO, 2008; OLIVEIRA, 2009; CHAVES, 2010; GIL, 2010; PROFICE, 2010;

COSTA, 2011; BARCELLOS, 2012; FERREIRA, 2012; CAVALCANTI, 2013; BRAND, 2014; SILVA, 2014; RODRIGUES, 2016).

A função de registro visual é caracterizada por explorar o potencial da fotografia para documentar o real, com isso, visa os acontecimentos e ações que se desenvolvem no decorrer da pesquisa (LOIZOS, 2002). Para Neiva-Silva e Koller (2002), quando se dispõe ao **registro**, o pesquisador tem sua vinculação analítica ao “motivo fotográfico”, sendo esse, a “ação, pessoa ou objeto fotografado” (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, p. 238). Nesse aspecto, o conteúdo presente na imagem é o foco da análise do pesquisador.

Verifica-se que o uso da fotografia como registro visual é o emprego mais comum no âmbito da pesquisa científica em psicologia. Ainda no século XIX, nos primórdios da fotografia, a imagem fotográfica era utilizada apenas com essa finalidade. Nesse contexto, entendia-se que a fotografia apresentava “plena capacidade de reproduzir o real através de uma qualidade técnica irrepreensível” (MAUAD, 1996, p. 2). Nesse aspecto, a concepção da fotografia como “instrumento de uma memória documental da realidade” (MAUAD, 1996, p. 2) afastava qualquer implicação à subjetividade de seu autor, pois, essa vinculação era própria da criação artística, concebida “na imaginação criativa e na sensibilidade humana” (MAUAD, 1996, p. 2).

A utilização da fotografia com a finalidade de registro visual está documentada no primeiro trabalho que fez uso desse instrumento no âmbito de uma pesquisa em Psicologia, ainda no final do século XIX. Neiva-Silva e Koller (2002) identificaram o estudo de Henry Donaldson, publicado em 1890, como o primeiro texto científico na área da Psicologia em que a fotografia se fez presente como fonte de informação científica:

Henry Donaldson utilizou o recurso fotográfico na função de **registro** e tinha por objetivo encontrar relações entre o construto “inteligência” e estruturas anatômicas do cérebro de uma mulher surda muda e cega, já falecida. Os resultados foram discutidos tomando por base diferentes critérios, como notas biográficas, dados físicos, fotografias do cadáver da mulher durante a autópsia, peso e volume encefálico. Apesar da fotografia não ter sido o principal instrumento de apreensão dos dados, mas apenas mais uma forma de **registro** dos dados em meio a diversas outras, este trabalho foi um marco da utilização deste recurso dentro da pesquisa psicológica. (NEILVA-SILVA, KOLLER, 2002, p. 238-239, grifo meu).

No presente estudo, os dados demonstram que o uso da fotografia na função de registro visual, no âmbito da pesquisa em Psicologia, continua vinculado a tradição de representação do real. Não obstante, essa ferramenta imagética, nas teses analisadas, de modo geral, está acompanhada por outros recursos metodológicos como fonte de informação. Constata-se, nesse sentido, sendo mais frequentemente usada como suporte a observação *in loco* e acompanhada da técnica de entrevistas.

Nessa direção, verifica-se que a fotografia, ainda que seja uma importante ferramenta de registro de acontecimentos (LOIZOS, 2002), como fonte de informação, apresenta outros elementos relevantes condicionados a sua produção: motivo, autor/a, contexto, assunto, objetivo, são alguns exemplos, mesmo em pesquisas que tomam como objeto de análise o conteúdo visual em si. Desse modo, a condução de uma pesquisa através de estratégias de triangulação de dados, possibilita alcance mais abrangente sobre as várias dimensões do objeto de estudo (ZIBETTI, 2005; CARVALHO, 2008; COSTA, 2011; BRAND, 2014).

Nessa proficuidade – registro – a produção fotográfica assume caráter deliberado. A imagem é construída de forma intencional e orientada. Essa posição é evidenciada nas teses de Costa (2011) e Barcellos (2012). Na primeira, o registro fotográfico foi utilizado com objetivo de documentar situações representativas do processo de trabalho em uma agremiação de escola de samba. Esse pesquisador (COSTA, 2011, p. 132) chama a atenção para um aspecto que se destacou durante a produção, em que “os trabalhadores faziam poses acreditando que seriam divulgadas e assim pudessem ser notados”. Essas ocorrências atentou o pesquisador ao ambiente competitivo da escola de samba, fato que ainda não havia considerado (SANTOS, 2009; COSTA, 2011). A fotografia, sustenta Costa (2011), ainda que esteja limitada ao registro estático, não revelando elementos dinâmicos, foi um recurso revelador em sua pesquisa, ao documentar “às condições de trabalho encontradas em organizações permitindo fazer um paralelo entre o que deveria ser e o real por meio de uma análise mais detalhada dos elementos existentes nas cenas.” (COSTA, 2011, p. 228).

Já a tese de Barcellos (2012), sobre práticas cotidianas a partir da implementação da política de reserva de vagas na UERJ, apresenta destaque ao construir sua própria técnica de fotografar, conforme afirma a pesquisadora, ao apontar seu amadorismo no trato dessa ferramenta. Assim, Barcellos (2012, p. 129) indica que buscou “fotografar pragmaticamente, com funcionalidade”, de modo que, “A melhor foto seria a que fosse mais nítida e a que garantisse a apreensão das informações contidas na imagem”. Nota-se que os registros fotográficos elaborados pela pesquisadora direcionam a materialização do seu olhar, sendo uma extensão do seu campo de visão:

Tendo sido delimitada a direção – registrar tudo o que fosse relativo ao tema da política de reserva de vagas, a partir das subcategorias estabelecidas - o pesquisador caminha, diariamente, com a posse da *máquina fotográfica digital*. Importante salientar que não há qualquer familiaridade prévia do pesquisador com a técnica da fotografia. A câmera surge como um dispositivo de **registro** na intenção de fixar as imagens que o campo de visão do pesquisador é capaz de flagrar. No transcorrer de trânsitos cotidianos pela UERJ, a câmera assume a função do *diário de bordo*, depositário das anotações, observações e impressões do pesquisador, não perdendo de vista a especificidade do modo de registro possível de cada uma destas ferramentas. (BARCELLOS, 2012, p. 129, grifo meu).

Na tese seguinte, verifica-se maior ênfase no potencial analítico do registro fotográfico como estratégia para documentar o desenvolvimento da pesquisa. Nesse trabalho (BRAND, 2014), a fotografia é explorada em sua capacidade de materializar o tempo e espaço da pesquisa, ao documentar todo o processo que decorreu da imersão da pesquisadora no campo de estudo. Nesse aspecto, Brand (2014) afirma que “as fotos serviram principalmente para demonstrar os processos de socialização durante o curso, bem como para ilustrar o novo *habitus* que estava sendo incorporado e se refletia nos corpos dos policiais militares.” (BRAND, 2014, p. 121). Nessa pesquisa, do tipo etnográfica, houve a adoção da estratégia de triangulação de dados para a coleta de informações. No caso da fotografia, a autora utilizou-a para orientar a compreensão da realidade observada, no curso da sua experiência no campo de estudo, com auxílio de outras diferentes técnicas de coleta de dados: observação, vídeos, áudios, análise de documentos, questionários, entrevistas e conversas informais (BRAND, 2014).

Nesse mesmo caminho, o registro fotográfico tem sido utilizado como ferramenta para documentar ações da pesquisa: oficinas (GIL, 2010); atividades (ZIBETTI, 2005; OLIVEIRA, 2009; CHAVES, 2010; CAVALCANTI, 2013), encontros (CARVALHO, 2008). No trabalho de Gil (2010), registros fotográficos foram utilizados para documentar o desenvolvimento de Oficinas em que a mediação de objetos suscitava recordações e significados em um grupo de idosos. Os as fotografias foram produzidas no término de cada encontro. Estas se revelaram como importante ferramenta para documentação da sessão terapêutica e construção de novas lembranças para os participantes da pesquisa.

Carvalho (2008), por sua vez, em pesquisa sobre crenças, valores e visão sobre o trabalho e a realidade social, apreendidas por cooperados, a princípio, quando propôs o uso da fotografia em sua pesquisa, não tinha intenção de usá-las como fonte de informação. Nesse momento, seu objetivo, com a fotografia, era poder documentar o cotidiano dos Cooperados durante o período de realização da pesquisa e, com isso, manter registros dos acontecimentos. Contudo, a capacidade reveladora das imagens chamou a atenção da autora e, assim, no curso da etnografia, o registro fotográfico se faz presente para ilustrar as vivências cotidianas dos sujeitos da pesquisa.

[...] registrar fotograficamente nossos primeiros contatos com os catadores, ainda na rua, as primeiras reuniões, os espaços físicos da Cooperativa, seus equipamentos e máquinas, o trabalho dos cooperados, as festas, a participação dos cooperados em diferentes espaços públicos não decorreu de uma escolha metodológica. Contudo, no percurso do trabalho, nas diversas ocasiões em que apresentávamos e discutíamos a temática, dentro ou fora da Cooperativa, fomos percebendo como as fotos iam ocupando lugar de destaque. Algumas vezes, disparavam apontamentos e reflexões inusitados, outras, falavam por si mesmas. (CARVALHO, 2008, p. 20-21).

A qualidade da fotografia como representação do real é mais enfaticamente explorada na tese de Profice (2010), na qual registra fotografias de paisagens e posteriormente compara aos desenhos infantis desses mesmos espaços e, assim, avaliar a percepção ambiental de crianças com idade entre seis a onze anos. Além dessa tese, nos trabalhos de Pereira (2007) e Rodrigues (2016), imagens fotográficas foram utilizadas para registrar a evidência de alterações físicas nos sujeitos da pesquisa.

No primeiro trabalho, a fotografia foi utilizada com objetivo de descrever o enrubescimento, as situações desencadeadoras e testar a hipótese Comunicativa e Remediadora (PEREIRA, 2007). Nesse aspecto, o pesquisador utilizou fotografias de palestrantes, em situação social de elevada exposição, e que foram analisadas as regiões de avermelhamento e brilho na face: bochecha, nariz, testa, mento¹¹ e orelhas (PEREIRA, 2007). Em seguida, avaliou o rubor e brilho de face neutra, sorriso posado e de sorriso espontâneo em 36 fotos. Por fim, fotografias de atores que, supostamente, haviam cometido uma infração em um supermercado, foram utilizadas para avaliar o rubor como apaziguamento (PEREIRA, 2007).

Enquanto Rodrigues (2016) utilizou registros fotográficos para documentar as emoções básicas de 243 participantes, sendo uma foto neutra e sete, representando cada uma das emoções básicas, em estudo empírico que buscou avaliar “o quanto que valores individuais com um foco social eram capazes de explicar a habilidade de produzir intencionalmente expressões faciais idênticas às espontâneas” (RODRIGUES, 2016, n. p.).

Por fim, vale conferir destaque a outra forma possível de se produzir registros fotográficos sem o auxílio de câmeras. Na tese de Silva (2014), o autor analisa o filme *A Pele que Habito*, do realizador Pedro Almodóvar, lançado em 2001. Em seu trabalho, Silva (2014, p. 18) discute a “pele como metonímia/fronteira da identidade de gênero”. Nessa direção, parte de questionamentos sobre os planos cinematográficos no filme, em específico, como os elementos fílmicos são usados para discutir as estratégias de poder retratadas na película e apresentar os gêneros através do enquadramento.

Nesse quesito, Silva (2014) utilizou a seleção de fotogramas para frear o movimento do filme. O autor optou por limitar apenas as imagens consideradas relevantes a sua proposta de estudo, devido à grande quantidade de imagens fixas que compõem um filme. Desse modo deu seguimento à captura, descrição e discussão sobre cada uma das imagens emblemáticas em sua tese, na sequência que se apresentam na película. Os fotogramas¹² são as várias imagens fixas

¹¹ Mento: parte inferior e média da face, abaixo do lábio inferior.

¹² Na Enciclopédia Itaú Cultural encontra-se a seguinte definição para fotograma: “a unidade do filme fotográfico depois de processado, ou seja, do negativo. Isto significa que um filme de 36 poses gera, portanto, 36 fotogramas.

que dão vida a um filme. Em outras palavras, são as imagens que o dispositivo mecânico registra no filme fotográfico – o negativo que tão bem conhecíamos nos tempos dos dispositivos analógicos.

Na estrutura da tese, Silva (2014) elabora, a partir dos fotogramas do filme em análise, um processo que denomina ‘roteiro-tese’. O autor utilizou os fotogramas para acompanhar e ilustrar sua narrativa/análise que toma forma na descrição das 66 imagens extraídas do filme. Esses fotogramas, descortinados ao longo do texto, apresentam outra composição, que se formaliza através da análise do autor (SILVA, 2014, p. 23).

O trabalho se processa num fôlego de continuidade, ou seja, sigo a estrutura do filme, pois somente assim posso ir vivendo as manifestações da película. O que vou realizando é fotografa os acontecimentos: "fazer fotografia é querer descobrir mais sobre o mundo em uma cena, através da possibilidade de reconstruí-la e depois contemplá-la" (Gomes, 2012, p. 117). Capturo as passagens, descrevo as imagens, reconstruo com o que me causa e o contemplo com novas miragens, por isso trata-se de um roteiro-tese. (SILVA, 2014, p. 23).

Em síntese, a tese de Silva (2014) apresenta outro domínio possível do registro fotográfico, possibilitado, principalmente, em razão das novas tecnologias que se avolumam no cenário global. Embora o autor não especifique como fez os registros dos fotogramas, uma forma possível é através do recurso de captura de tela (ou *screenshot*), que consiste em capturar a imagem da tela de um dispositivo eletrônico que disponibiliza essa função. Assim, o que se obtém através desse processo é uma imagem digital gerada por um dispositivo que não é uma câmera fotográfica. Nesse quesito, considerando a imagem original (quando não há manipulação de programas de edição de imagens), o autor da captura não é o responsável pelo enquadramento, iluminação e outros aspectos próprios da técnica fotográfica. O próprio dispositivo realiza essas funções. Se por um lado, é um processo objetivo e prático, no qual, a ação humana, do ponto de vista mecânico, limita-se ao toque na tecla que aciona a captura da imagem, em uma reprodução fiel de um dado instante presente na tela do dispositivo eletrônico.

Por outro lado, o/a pesquisador/a se implica no ato de selecionar as imagens. É o sujeito quem diz o que deve ser capturado. É ele quem seleciona a exata imagem que corresponde a seu interesse de pesquisa. Esse aspecto está presente na tese de Silva (2014), quando explica que “Os fotogramas que capturamos trazem imagens que nos dão caracteres para situar os instantes que privilegiam personagens e elementos materiais de importância fundamental para a nossa discussão”. Verifica-se, nisso, que o pesquisador faz suas escolhas em direção aos

Este termo não se aplica aos dispositivos, que são simplesmente denominados de cromos ou slides. Fotograma serve igualmente para denominar as fotografias obtidas sem o auxílio da câmera, através da colocação de um objeto opaco ou translúcido diretamente sobre o material fotossensível”.

elementos que materializam as suas inquietações, a saber, as estratégias de poder entre os personagens e apresentação dos gêneros através do enquadramento (SILVA, 2014). Vale ressaltar, que no âmbito da forma de uso de registro, o interesse de pesquisa é o conteúdo visual.

4.3.2 O uso da autofotografia

A autofotografia, tal qual identificada por Neiva-Silva e Koller (2002), ocorre quando há interesse tanto em que produz a fotografia quanto em seu conteúdo visual. Nesse tipo de aplicação metodológica da fotografia, o participante recebe uma câmera fotográfica e instruções sobre o manuseio do dispositivo. As fotografias são então produzidas com objetivo de responder questões lançadas pelo/a pesquisador/a. Usualmente, a análise de conteúdo orienta a classificação e categorização das imagens (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002).

No âmbito das teses analisadas, identificaram-se 13 estudos que desenvolvem o uso do método autofotográfico (LOPES, 2004; OLIVEIRA, 2005; BORGES, 2006; ALVES, 2012; BARBOZA, 2012; SANCHES-JUSTO, 2012; MACIEL, 2012; MAXIMO, 2013; SILVA, 2013; ROTTA, 2014; COSTA, 2015; MATTOS, 2015; SOUTO, 2016). É interessante destacar que em sua maioria (11 teses), são trabalhos produzidos nesta década, somente a tese de Oliveira (2005) e a de Borges (2006) foram produzidas na década anterior.

De fato, o momento de produção das imagens foi, de modo geral, durante a realização da pesquisa, sempre pelo participante, em consonância com a proposta do método autofotográfico, em que o conteúdo e o processo são objetos de interesse do/a pesquisador/a.

Quando uma pessoa direciona a câmara fotográfica para determinado objeto, símbolo, evento, pessoa ou lugar, em resposta a uma pergunta, e capta esta imagem através da fotografia, naquele instante ela passa a mostrar algo de si. O ato de fotografar constitui-se um importante evento social que pode afetar, inclusive aqueles que estão diante da câmara (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, p. 248).

A partir da análise desses estudos, identificaram-se aproximações quanto à proposta epistemológica das teses com uso da autofotografia. Em síntese, os pesquisadores buscaram através das fotografias produzidas pelos interlocutores: conhecer suas experiências e vivências em determinados contextos de vida (OLIVEIRA, 2005; BARBOZA, 2012; MAXIMO, 2013; SILVA, 2013; ROTTA, 2014; COSTA, 2015; MATTOS, 2015); os processos de produção de sentidos (BORGES; 2006; SANCHES-JUSTO, 2012; MACIEL, 2012); e as constituições subjetivas (CAVALCANTI, 2013; LOPES, 2004; SOUTO, 2016).

A produção da autofotografia, conforme Neiva-Silva e Koller (2002), é instada por uma pergunta/solicitação que parte do/a pesquisador/a ao participante, este, por meio do recurso imagético, tenta respondê-la. Contudo, aliado as fotografias, recomenda-se a adoção de outras

estratégias metodológicas que permitam ir além do que se expressa através do conteúdo visual. Esta opção é verificada na totalidade das teses analisadas que fazem uso da autofotografia, em que entrevistas, oficinas, ou, até mesmo outros recursos visuais e gráficos (desenhos infantis) que foram utilizados combinados à produção fotográfica.

Um aspecto que chama a atenção, no contexto das teses que utilizaram a autofotografia, trata-se da quantidade de imagens produzidas pelos interlocutores. Em alguns trabalhos, o/a próprio/a pesquisador/a, previamente, estabelece um limite, como é o caso de Oliveira (2005), ao solicitar quatro fotografias às quatro questões lançadas a seus colaboradores. Em outros trabalhos, este limite é imposto pela quantidade de fotografias que o dispositivo fotográfico é capaz de produzir, a exemplo, quando se entrega máquinas fotográficas descartáveis contendo filmes com capacidade restrita de fotogramas. (BORGES, 2006; BARBOZA, 2012; MACIEL, 2012).

Nesse segmento, destaca-se a tese de Maciel (2012), em que se desenvolveu um jogo de pesquisa, para ser realizado com crianças com idade entre nove e 11 anos. De acordo com Maciel (2012), esse método foi proposto com vistas a conferir caráter lúdico, convidativo, próximo à brincadeira, que possibilitasse o envolvimento das crianças na pesquisa e na geração dos dados (MACIEL, 2012).

Conforme indica Maciel (2012), a brincadeira consistiu em tirar fotografias do dia-a-dia (também era permitido desenhar e escrever) e conversar sobre as fotos produzidas. As crianças foram orientadas sobre o tipo de dispositivo fotográfico que iriam usar para tirar as fotografias. A pesquisadora relata que entregou uma caixa contendo um caderno de desenhos, lápis de cor e lápis grafite, uma câmera fotográfica Kodak de uso único e as instruções do jogo e do uso da máquina. Devido às crianças não estarem familiarizadas com esse tipo de dispositivo, a pesquisadora informou-as que só poderiam tirar em torno de 27 fotografias e que não poderiam visualizá-las ou apagá-las, tal como é permitido nas máquinas digitais.

Entendemos a necessidade de registro desses fatos relativos às limitações do equipamento fotográfico, no ato da orientação para seu uso, porque eles são restritivos. Não tendo um número ilimitado de fotos possíveis a serem feitas e não podendo ver as fotos assim que as fazem (nem apagá-las ou alterá-las), as crianças deveriam ser mais seletivas e reflexivas na escolha sobre o que fotografar – o que, segundo nossos objetivos, implicaria numa produção de sentidos sobre a própria ação de fazer a fotografia. Por outro lado, levamos em conta que também isso poderia gerar desinteresse por parte dos participantes que, não vendo o que fotografaram, poderiam se sentir desestimulados a prosseguirem no jogo. (MACIEL, 2012, p. 64).

No caso do trabalho de Oliveira (2005), o método autofotográfico foi utilizado em pesquisa com crianças com idade entre nove (9) e 14 anos. A pesquisadora assim descreve o passo a passo da produção imagética:

Elaboraram-se seis questões norteadoras para as fotos, os desenhos e as conversas, com o objetivo de buscar o sentido do lugar (1-o mais bonito do Francês; 2-o mais feio do Francês e 3-como é o Francês hoje) o sentido de estar no lugar, ocupando o espaço enquanto criança (4-como é ser criança na Praia do Francês), e, por último, o comparativo como foi e como gostariam que fosse o lugar (6-como gostaria que o Francês fosse e 5-como você imagina que foi). Formaram-se dois grupos, solicitando-se às crianças que fotografassem algo [...] que dissesse respeito às quatro primeiras questões. A máquina fotográfica da pesquisadora era emprestada a cada um deles para que fizessem as quatro fotos. Poderiam realizar em grupo ou sozinhos. Eles ficavam com máquina até que o grupo todo tivesse fotografado. (OLIVEIRA, 2005, p. 75).

[...]

A seguir foi acrescentada a questão cinco, e solicitamos que escrevessem algo [...] sobre as cinco questões, sendo, por último, acrescentada a questão seis, após o que pedimos que desenhassem sobre elas [...]. As questões cinco e seis foram inseridas, tendo em vista a expressão do passado, em termos de histórias contadas acerca do lugar, e do futuro, em termos de desejos e sonhos. Já a escrita de um texto sobre as questões foi uma forma de expressão e reflexão sobre o que já tinham fotografado, dando mais elementos sobre o real. Poderíamos confirmar repetições e novidades. (OLIVEIRA, 2005, p. 75).

[...]

Os desenhos foram utilizados para pudessem expressar algo que não tivesse a concretude de existência mostrada pelas fotos, sendo dada vazão, agora, às representações simbólicas da imaginação, através das cores e das formas próprias do desenho. (OLIVEIRA, 2005, p. 75).

Já a pesquisa de Borges (2006) tratou de investigar a construção do conceito de ‘Olhar’, através de uma análise dialógica que compreendeu o uso de entrevistas, da fotografia e da exibição do documentário *Janela da Alma*. As interlocutoras produziram fotografias antes e após a exibição do filme, as quais foram analisadas pela pesquisadora conjuntamente com as entrevistas de história de vida, sobre a atividade de fotografar:

Inicialmente foram feitas entrevistas com as participantes escolhidas sobre suas histórias de vida e quais os conceitos que possuíam de Olhar e de visão de mundo. (BORGES, 2006, p. 72).

[...]

Além das entrevistas, as participantes tiraram fotos de como percebiam o mundo, a fim de que pudéssemos entender seus conceitos sobre o Olhar e a dinâmica que permeava suas histórias de vida. Inicialmente, foi entregue uma máquina fotográfica descartável, com 24 poses para cada mulher e dadas instruções básicas de como utilizar o aparelho. Foi solicitado a cada mulher que tirasse 24 fotografias de como vêem (sic) o mundo e a vida. Em seguida, pediu-se para que as participantes selecionassem quatro entre essas fotos e organizassem-nas em ordem de importância. (BORGES, 2006, p. 72).

[...]

Após a realização das fotos, foram feitas entrevistas individuais para construir informações sobre os significados e sua ordenação. A narrativa sobre as fotos teve como objetivo esclarecer a intenção da produção de cada foto, o significado e o tema de cada uma. Pensamos que uma interpretação do material visual produzido pelas mulheres pressupõe a fala sobre esse material e o contexto histórico e emocional no qual ele foi produzido, e colabora para o enriquecimento do que se percebe e se produz visualmente. Nesta etapa, foi feita, também, a escolha das fotos que mais eram representativas da visão de mundo que cada uma tem, a partir da percepção das participantes. (BORGES, 2006, p. 73).

Conforme demonstram os dados, a autofotografia é frequentemente utilizada em pesquisa-intervenção, especialmente, no método das Oficinas de Fotos. Nessa condição, foram

identificadas cinco teses (LOPES, 2004; SANCHES-JUSTO, 2012; MAXIMO, 2013; MATTOS, 2015; SOUTO, 2016).

No caso do trabalho de Lopes (2004), as fotografias foram utilizadas como “possibilidade de reconstrução da realidade que se apresenta na maneira particular, fragmentária, mas, ao mesmo tempo, nos remete ao todo de que faz parte” (LOPES, 2004, p. 98). Pois, através do recurso fotográfico, “pode-se resgatar a memória e recontar a história da experiência vivida e compartilhada durante a pesquisa-intervenção.” (LOPES, 2004, p. 98). O uso desse instrumento, no contexto do método denominado Oficina de *Photos&Graphias*, visou “investigar a linguagem fotográfica como meio e mediação dos processos de construção de conhecimento, de constituição de subjetividades e de inclusão social.”. Para tanto, foi aplicado junto a 11 jovens com idade entre 15 e 24 anos, seis com necessidades especiais de aprendizagem e cinco alunas sem deficiências física, sensorial ou mental. Buscou-se, por meio da realização de oficinas, utilizar a linguagem fotográfica como recurso pedagógico e como metodologia de pesquisa (LOPES, 2004).

Já na tese de Sanches-Justo (2012), buscou-se investigar possibilidades de prospecção de idosos a partir do ato fotográfico, entendido como “a possibilidade de pensar a fotografia não como um resgate do vivido, mas um planejamento, uma expressão dos desejos e sonhos a respeito das miragens que se colocam adiante” (SANCHES-JUSTO, 2012, p. 15). Para tanto, o método da oficina de fotografias foi aplicado em um grupo de 25 idosos. Inicialmente, houve a apresentação das instruções sobre o manuseio do dispositivo fotográfico, além disso, nesse momento, puderam exercitar o olhar fotográfico. Para, então, “Ao apropriarem-se deste instrumento de expressão, estariam aptos a comunicar seus anseios e produzir fotografias que expressassem fielmente seus pontos de vista” (SANCHES-JUSTO, 2012, p. 51).

As oficinas foram conduzidas a partir de perguntas disparadoras, quais sejam: “O que você quer, do presente, eternizar para o futuro?”; “Que imagem ou cena você registraria agora para representar algo que ainda não aconteceu em sua vida, mas que você pretende que aconteça no futuro?” (SANCHES-JUSTO, 2012, p. 51). Nesse espaço, de acordo com Sanches-Justo (2012), ao conferir liberdade aos interlocutores no ato de sua produção, puderam exercitar o olhar fotográfico, explorar as técnicas, selecionar imagens.

A tese de Maximo (2013), por sua vez, utilizou a autofotografia, no âmbito da sua pesquisa-intervenção, para que seus interlocutores – estudantes universitários inseridos em um serviço de saúde – produzissem registros capazes de explorar suas experiências nesse contexto. No espaço das oficinas de fotografias, as imagens foram discutidas coletivamente pelos estudantes. De acordo com Maximo (2013), os participantes utilizaram suas próprias câmeras

fotográficas, para a produção de 10 fotos sobre a experiência de inserção no PET-Saúde. Com base no que afirma Zanella e colaboradores (2006, citado por MAXIMO, 2013, p. 32), as oficinas “constituem lócus que tem por objetivo possibilitar aos participantes, a partir da mediação de diferentes linguagens, vivências nas quais novas possibilidades podem ser produzidas, novos sentidos podem ser gerados”.

Já a tese de Mattos (2015) trata-se de uma pesquisa-intervenção com crianças e jovens cegos, em que investiga a constituição dos seus olhares. Desse modo, buscou-se “compreender o acontecimento de fotografar: o motivo, o que está por detrás da intenção, em suma, o que cativa o olhar de cada um.” (MATTOS, 2015, p. 48). Para tanto, seguiu um “percurso metodológico em trajetos pela cidade de Florianópolis que lhes pudesse oportunizar a produção de narrativas fotográficas audiovisuais” (MATTOS, 2015, p. 48).

Em síntese, os três momentos da oficina estética compreenderam: no primeiro momento trabalhamos em grupo, na sede da ACIC em Florianópolis, Santa Catarina, a temática da fotografia. As crianças/jovens experimentaram este recurso, fotografando instalações multissensoriais que simulavam espaços da cidade. No segundo momento, individualmente em suas casas ou escolas, apresentei a elas recortes do registro de áudio da oficina de fotografia e suas fotos produzidas naquela ocasião, para que decidíssemos qual seria o lócus para suas in(ter)venções na cidade. As crianças/jovens escolheram os espaços e nos inserimos na urbe para criar suas narrativas fotográficas e audiovisuais. No terceiro momento, apresentei para criança/jovem e sua família a narrativa audiovisual criada. (MATTOS, 2015, p. 52).

No âmbito da tese de Souto (2016), a autofotografia foi utilizada como forma de impulsionar o diálogo sobre a atividade, e, com isso, produzir uma ação sobre a realidade. Nesse estudo, através do método da oficina de fotos, trabalhadores (individualmente ou em grupos) de uma instituição produziram fotografias sobre sua atividade de trabalho, estas foram reunidas e discutidas sobre o que mais chama a atenção em cada uma delas. A possibilidade dessa experiência permite que a discussão seja conduzida a números maiores de trabalhadores no ambiente em que a pesquisa foi realizada. Tendo em vista que, como proposta inserida na metodologia da clínica da atividade, o trabalho de Souto (2016) caracteriza-se como pesquisa-intervenção.

Nas teses de Barboza (2012) e Costa (2015), entrevistas foram utilizadas junto ao recurso fotográfico (além de filmagens e diários de campo), com vistas a investigar, por meio da autofotografia, determinados grupos e suas relações com os espaços urbanos, catadores de material reciclável e idosos, respectivamente. No primeiro, a pesquisadora solicitou fotos sobre a relação deles com a cidade, ressaltando que teriam autonomia para escolher as imagens que seriam registradas (BARBOZA, 2012):

Os CMR, ao perambularem pela cidade em suas carroças, bicicletas, carrinhos ou mesmo a pé, percebem-na de diferentes ângulos. Na pesquisa, eles registraram a cidade a partir do modo como a veem, como a (re)produzem e são constituídos nesses

trajetos. Suas narrativas fotográficas revivem a polifonia da cidade. Os registros apresentaram momentos dessas histórias como uma “colcha de retalhos”, que precisariam ser “costurados” de mil maneiras para abarcar a complexidade de suas vidas, constituídas com diversas cores, linhas e texturas. (BARBOZA, 2012, p. 56).

Por sua vez, Costa (2015) trabalha com autofotografias em incursões à cidade com 10 colaboradores aposentados (as), para analisar suas trajetórias de vida. De acordo com Costa (2015, p. 99), a “adoção conjunta das entrevistas e fotografias, indo além das observações de campo e documentos do descritivo, favoreceu-nos a compreensão do fenômeno em estudo e a construção de nosso “olhar”, ao mesmo tempo, psicológico e social”. Para a produção das fotografias, a pesquisadora solicitou registros com o tema “lugares de Florianópolis em meu cotidiano”. Assim, defende que a fotografia, com base no que afirma Martins (2013, p. 26), é “um recurso que, em diferentes campos, amplia e enriquece a variedade de informações de que o pesquisador pode dispor para reconstruir e interpretar determinada realidade social”.

Com relação à tese de Silva (2013), a pesquisadora coletou imagens fotográficas, videogravadas e desenhadas, as quais foram narradas em entrevistas semiestruturadas. A pesquisa de Silva (2013) consistiu em estudo de caso que pretendeu a interpretação, através do uso de fotografias e filmagens, das experiências paisagísticas de dois sujeitos que se apropriaram do espaço do Parque Ibirapuera. Buscou-se, com o uso do método autofotográfico, a compreensão dos modos de apropriação do lugar pelos sujeitos da pesquisa, em itinerário de sua escolha. Assim, as fotografias são essenciais durante a realização das entrevistas, pois nesse momento os participantes são indagados sobre suas escolhas. A aplicação ocorreu por meio de uma “câmera fotográfica semiprofissional, de uso amador, e também utilizavam os óculos, com câmera filmadora embutida, que são popularmente chamados de ‘óculos espíões’, mas que serão tratados por nós como microcâmeras ou *subcam*” (SILVA, 2013, p. 197).

No caso da tese de Alves (2012), além da fotografia, a pesquisadora recorreu a outras estratégias metodológicas, quais sejam, observação participante, diário de campo, entrevistas abertas e grupo de discussão. O processo de produção fotográfica teve início no contexto do grupo de discussão com participação de 14 interlocutores. Em outro momento, foram realizadas entrevistas individuais com 15 membros, dentre os quais, quatro também fizeram parte do grupo de discussão, por critério de seleção: disponibilidade e interesse em participar da atividade. Nesse contexto, a autora lançou como questão “como você expressa a sua relação com seu *òrìsá*¹³ por meio de uma fotografia?”, que se desenrolou durante dois (2) encontros de três (3) que foram realizados, conforme descreve:

¹³ Escrita em yorùbá, idioma nígero-congoleso, equivalente a *orixá* no idioma português. No Brasil, está inserido no campo cultural-linguístico, em específico, nas religiões de matriz afro-brasileiras.

No primeiro encontro do grupo de discussão, os participantes foram instrumentalizados com técnicas básicas de fotografia. Após este momento, de caráter informativo, oferecemos aos participantes um momento para a produção de uma fotografia que expressasse a sua relação com a sua divindade. No segundo encontro, os participantes comentaram sobre o sentido e o significado dado às fotografias e aprofundou-se a discussão sobre a relação sujeito-divindade. No terceiro encontro, problematizamos a produção de saúde nas comunidades tradicionais de terreiros a partir das discussões anteriores e colocamos, para reflexão, a possibilidade de diálogo entre terreiros e SUS. (ALVES, 2012, p. 44).

A pesquisadora explica que o uso da fotografia teve como objetivo “fotografar as cenas e os acontecimentos vividos no campo com o propósito de refletir sobre as realidades, saberes e subjetividades produzidas nos e pelos pesquisadores a partir da linguagem fotográfica no contexto de pesquisa em psicologia”. (ALVES, 2012, p. 44).

Em síntese, no uso dessa função, ao fotografar um dado acontecimento se produz uma duplicata feita de imagens (SONTAG, 1977/2004), que está mais acessível a nós do que a própria realidade, pois, pode ser manipulada, recortada, interpretada em nossas próprias significações (BARTHES, 1984; SONTAG, 1977/2004; MACIEL, 2012). O processo de elaboração da fotografia é tão relevante, no plano analítico, quanto o próprio conteúdo visual registrado, visto que, “[...] com a fotografia, podemos registrar olhares que descrevem tanto *o que se vê*, quanto *o como se vê*; podemos retratar formas de vida” (MACIEL, 2012, p. 33). A respeito disso, Sontag (1977/2004, p. 14) afirma que “fotografar é apropriar-se da coisa fotografada”; através da fotografia o sujeito se lança numa relação dialógica com o mundo, revelando aquilo que está no campo da sua subjetividade, sua própria interpretação do mundo, sua história, ou mesmo, os acontecimentos em sua vida (MACIEL, 2012). A fotografia, conforme Barthes (1984) revela aquilo mesmo que ele desconhece ou não tem consciência.

4.3.3 O uso da fotografia para a produção de estímulo visual

A forma de uso da fotografia para a produção de estímulo visual¹⁴ tem por objetivo avaliar “as percepções, falas e reações das pessoas em relação às imagens” (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, p. 238), desse modo, o interesse do/a pesquisador/a recai sobre as respostas do sujeito que vê a foto. Geralmente, recorre-se a apresentação de imagens sobre um determinado assunto (que representa o objeto de estudo) e, a partir disso, analisa-se a resposta do participante da pesquisa.

¹⁴ Com relação às nomenclaturas, o termo **modelo**, utilizado por Neiva-Silva e Koller (2002) em seu artigo original, foi substituído pelo termo **estímulo** nesta pesquisa. Isso ocorreu com intuito de contemplar as denominações que os/as pesquisadores/as abordam em suas teses, sendo o termo **estímulo** o mais frequentemente identificado.

Essa forma de uso foi inicialmente identificada, no período entre as duas grandes guerras mundiais, primeira metade do século XX. Essa funcionalidade foi designada, principalmente, na área de Recursos Humanos e objetivava, então, a criação de um sistema de seleção rápido e eficaz, capaz de ser realizado com grandes quantidades de pessoas ao mesmo tempo (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002).

No âmbito desta pesquisa, identificaram-se 14 teses em que a fotografia foi utilizada com a função de estímulo visual para eliciar reações a seu conteúdo (MELO-SILVA, 2000; NOCE, 2008; OKINO, 2009; MIGUEL, 2010; SANTOS, 2011; BUSNELLO, 2012; FERREIRA, 2013; NELSON, 2013; SOUSA, 2013; SILVA, 2014; LAUS, 2015; ALMEIDA, 2016; NATALE, 2016; SHIMADA, 2016).

É comum que o/a pesquisador/a quando utiliza a fotografia com a função de estímulo visual, recorra a imagens preexistentes e/ou produzidas por terceiros (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002), geralmente presentes em ambientes virtuais, acervos pagos ou gratuitos, protegidos por direitos autorais, instrumentos psicométricos, testes psicológicos, entre outros. Esse aspecto foi constatado na maioria dos trabalhos identificados pelo uso da fotografia como estímulo visual, com exceção de dois (2) trabalhos¹⁵, nos quais, as imagens usadas foram produzidas durante à pesquisa, pelo próprio pesquisador (NELSON, 2013) e/ou com auxílio de terceiros (NATALE, 2016).

No quadro geral, em síntese, as 14 teses assim estão distribuídas: seis (6) estão vinculadas à validação e atualização de testes psicológicos: capacidade de reconhecimento de micro e macro expressões faciais (NATALE, 2016), percepção de emoções primárias (MIGUEL, 2010), Teste de Fotos de Profissões - BBT-Br (MELO, 2000; NOCE, 2008; OKINO, 2008; SHIMADA, 2016); e, oito (8) são estudos experimentais com propósitos diversos: (SANTOS, 2011; BUSNELLO, 2012; FERREIRA, 2013; LAUS, 2013; NELSON, 2013; SOUSA, 2013; SILVA, 2014; ALMEIDA, 2016).

Com relação aos trabalhos em que as fotografias foram produzidas durante a pesquisa, os autores apresentam como justificativas, no caso de Nelson (2013), os direitos autorais das imagens disponibilizadas em meios externos. Enquanto Natale (2016) busca a contextualização intercultural através da construção de uma base de dados imagéticos adaptada de um modelo de classificação estrangeiro (NATALE, 2016).

A pesquisa de doutorado de Nelson (2013) consiste em dois estudos empíricos com vistas à avaliação de adultos com afasia expressiva: estudo da linguagem receptiva e estudo da

¹⁵ Esses aspectos encontram-se no tópico sobre a forma de uso identificada como **acervo iconográfico**, na p. 94.

linguagem expressiva. Para efeito deste último, desenvolveu “material e procedimentos de avaliação da expressão da linguagem em diferentes contextos de uso (especialmente, o mando/pedir), controlando a estrutura das palavras, aplicado em adultos com afasia expressiva.” (NELSON, 2013, p. 52). Para a coleta de dados, Nelson (2013) descreve que foram avaliados 20 participantes, os quais foram solicitados a nomearem setenta fotos e, com isso, objetivou verificar a concordância em relação aos nomes atribuídos aos seus respectivos objetos.

Em síntese, a fotografia foi utilizada como instrumento para obtenção de respostas para a avaliação da linguagem expressiva em afásicos. O procedimento ocorreu com a apresentação das imagens e sua nomeação. Assim relata Nelson (2013, p. 66) conforme as duas categorias verbais avaliadas: nomeação por confronto visual (tato) e mando/pedir¹⁶:

Foram mostradas fotos coloridas, uma de cada vez, e se pediu ao participante que nomeasse os **estímulos** apresentados. Este tipo específico de tarefa é conhecido como nomeação por confronto visual e é um item bastante usual em testes aplicados a afásicos. (NELSON, 2013, p.66, grifo meu).

[...]

Instrução: “Agora, eu vou te mostrar algumas fotos. Preciso que o (a) senhor (a) você me diga o nome das coisas que vou te mostrar. Tudo bem?”. Se necessário, repetir instrução. “Vou começar.” O examinador mostra uma foto e pergunta “O que é isto?”. (NELSON, 2013, p.66).

[...]

Cada tarefa envolveu a entrega de cinco fotos ao participante. Existiam dois pares completos de fotos e uma foto cujo par estava faltando. As cartas eram entregues misturadas. O participante era instruído a formar os pares, descobrir a foto que estava faltando e pedi-la ao examinador. Na primeira apresentação da tarefa de mando, foi feita uma demonstração para o participante. Este exemplo poderia ser repetido para que o participante entendesse as regras da tarefa (NELSON, 2013, p.66).

Já o trabalho de Natale (2016), objetivou a construção de uma base de dados digitais para adaptar o *Facial Action Coding System* (FACS) ao contexto nacional. O material original do FACS oferece exemplos na forma de fotos e vídeos das 44 unidades taxinômicas (UA’s), com a finalidade de aprendizado e treinamento dos/as pesquisadores/as. Conforme explica, “É por meio da combinação dessas unidades que as expressões faciais e as expressões faciais emocionais são compostas” (NATALE, 2016, p. 76). Considerando isso, em sua pesquisa, utilizou tanto o material preexistente quanto as imagens de sua autoria, “no processo de cotação e categorização do banco de dados” (NATALE, 2016, p. 76).

Nesse segmento, na forma de uso aqui discutida – estímulo visual –, o trabalho de Natale (2016) desenvolveu o reconhecimento da TRMMEFB¹⁷ através de 90 vídeos. Estes foram

¹⁶ Para uma explicação pormenorizada, consultar a tese de Tony Nelson, intitulada *Estudos sobre a avaliação da afasia expressiva: material e procedimentos*. A descrição do procedimento encontra-se na p. 65 da tese.

¹⁷ TRMMEFB: Tarefa de Reconhecimento de Micro e Macro Expressões Faciais Emocionais Básicas. Segundo Natale (2016, p. 80) “A TRMMEFB foi estruturada tendo como modelo o paradigma desenvolvido e utilizado por

selecionados após processo de cotação e classificação com o *Facial Action Coding System* (FACS) “por uma equipe de juízes [...] composta por um psicólogo, um fonoaudiólogo, dois estudantes de psicologia e especialista em edição de vídeos” (NATALE, 2016, p. 79). A seguir, apresenta-se uma breve descrição da aplicação desse modelo conforme explicações do pesquisador (NATALE, 2016, p. 79)¹⁸:

Para compor a TRMMEFE, como dito, foram selecionados 90 vídeos entre os 321 cotados com o FACS e classificados positivamente como representantes prototípicos das emoções básicas. Chegou-se a esse número pelo seguinte raciocínio: 12 vídeos (6 homens e 6 mulheres) para cada uma das sete expressões faciais emocionais básicas. Também foram selecionados seis vídeos que serviram como exemplo/treino antes tarefa iniciar. Cada um dos 90 vídeos foi convertido em frames e dos frames foram selecionadas as seguintes sequência: a) dois frames da face neutra e b) três frames de expressões emocionais em diferentes intensidades (baixa, moderada e alta) (NATALE, 2016, p. 79).

[...]

Para que a TRMMEFB não ficasse extremamente longa, ela foi dividida em quatro tarefas. As primeiras duas tarefas medem a capacidade de reconhecimento das microexpressões faciais e as outras duas a capacidade de reconhecimento das macroexpressões faciais. A “Tarefa 1” é composta por 18 itens de cada emoção que, por sua vez, são divididos conforme a intensidade da emoção (seis itens intensidade baixa, seis itens intensidade média e seis itens intensidade alta). O formato da “Tarefa 2” é idêntico ao da “Tarefa 1”, mudando apenas os atores. (NATALE, 2016, p. 82).

Nesse aspecto, as fotografias (vídeos e frames) produzidas pela pesquisadora foram utilizadas com vistas a apresentar as expressões em tempos predeterminados (expressão emocional: 1/5 segundo e face neutra: 1 segundo) em condições de estímulos visuais, em que, a partir dessa exposição, o sujeito avaliado escolhe uma das sete emoções faciais como a correta.

O estudo 2 teve como objeto selecionar os itens, construir a TRMMEFB e aplicar a TRMMEFB nas amostras selecionadas de forma a explorar e descrever tanto o comportamento da tarefa quanto dos grupos em relação aos itens e ao design da tarefa (**estímulos**, tempo de exposição, número de estímulos, nível de dificuldade dos itens em relação a emoção expressa e sua intensidade - leve, moderada ou forte). (NATALE, 2016, p. 73, grifo meu).

Ainda, no âmbito dos estudos que lidam com a criação e validação de testes, tem-se a tese de Miguel (2010). Em que desenvolveu esse objetivo com a finalidade de avaliar a capacidade de reconhecimento de expressões emocionais autênticas e falseadas por meio de um instrumento informatizado. Primeiro, para a construção de estímulos emocionais, utilizou fotos

Ekman denominado *Micro Expression Training Tol* (METT). Segundo esse paradigma, os estímulos de micro expressões faciais devem ser compostos sempre da seguinte forma **face neutra/face emocional/face neutra**. O METT original é composto por 56 sujeitos diferentes que aparecem uma única vez na tarefa. A expressão emocional tem um tempo de exposição de 1/5 de segundo e a face neutra 1 segundo cada. Após a apresentação do estímulo, o sujeito deve escolher uma entre as sete emoções básicas como correta.”

¹⁸ Para descrição pormenorizada, consultar o trabalho de Lorenzo L. Natale, intitulado *Construção de uma tarefa para estimar a capacidade de reconhecimento de micro e macro expressões faciais emocionais básicas*, tópico sobre a construção do TRMMEFB, localizado na p. 80.

e trechos de filmes como estímulo para as respostas das oito emoções básicas previstas no referencial psicoevolucionista: alegria, aceitação, medo, surpresa, tristeza, aversão, raiva e expectativa (PLUTCHIK, 2000, 2002; PLUTCHIK; CONTE, 1997, citados por MIGUEL, 2010). Posteriormente, desenvolveu a construção do teste com vídeos e os estudos de validade com variáveis externas.

A respeito do uso da fotografia, Miguel (2010) esclarece que ocorreu mediante “seleção de estímulos para criação de uma apresentação de imagens com objetivo de eliciar respostas emocionais”. Desse modo, o conteúdo presente na imagem (fotos e vídeos) estava associado às emoções básicas as quais pretendia evocar, sendo assim, representações gráficas do fenômeno. Tendo isso em mãos, as imagens foram exibidas por meio do *software* de apresentação *Power Point*, em ordem específica. Procedeu-se então captura em vídeo das reações dos participantes. Em seguida, análise das filmagens e seleção das mais adequadas. E posterior desenvolvimento de *software* para execução do teste.

Para a obtenção das fotos e vídeos que foram exibidos, Miguel (2010) indica que utilizou o *International Affective Picture System – IAPS* como fonte primária, pois, consiste em uma coletânea com 707 fotografias:

[...] criada com o objetivo de providenciar controle experimental durante a seleção de **estímulos** emocionais. As imagens do IAPS são divididas em três dimensões: valência (variando de agradável a desagradável), alerta (variando de calma a agitada) e controle (variando de figuras maiores em controle a menores sendo dominadas). (MIGUEL, 2010, p. 46, grifo meu).

Miguel (2010) defende que este acervo pode ser utilizado em produções nacionais, visto que o estudo de Ribeiro, Pompéia e Bueno (2005) identificou altas correlações ao comparar amostras estadunidenses com amostras brasileiras. Contudo, Miguel (2010) ressalva que optou por localizar algumas imagens em ambiente virtuais de armazenamento de fotos, pois algumas das imagens disponibilizadas no IAPS são antigas.

A tarefa de localização e seleção das fotografias utilizadas como estímulo foi realizada pelo autor com auxílio de outros cinco membros do seu grupo de pesquisa (orientador e colaboradores), conforme, descreve passo-a-passo:

Cada participante incumbiu-se da tarefa de individualmente recolher fotos de web sites da internet destinados à distribuição de imagens. Cada foto deveria ser capaz de gerar uma das oito emoções básicas (alegria, aceitação, medo, surpresa, tristeza, aversão, raiva e expectativa), dessa maneira seguindo o procedimento de apresentação de **estímulos** que evocam emoções encontrado em Gazzaniga e cols. (2006). O conteúdo foi diversificado, abrangendo faces, paisagens, objetos, eventos, fenômenos naturais, pessoas e animais. As fotos foram agrupadas em uma pasta no computador. (MIGUEL, 2010, p. 63, grifo meu).

[...]

Em seguida, todos os participantes assistiram às imagens do IAPS. Para cada imagem, os pesquisadores consideravam se ela se adequava às necessidades da apresentação a

ser criada. Quando a foto era considerada representativa de uma das oito emoções básicas em algum nível (brando, mediano ou forte), era selecionada e copiada para a pasta de fotos comuns. (MIGUEL, 2010, p. 63).

[...]

Após esse procedimento, todas as imagens na pasta comum foram assistidas pelos participantes e então foram escolhidas três ou quatro fotos para cada uma das emoções básicas. Buscou-se escolher uma foto branda, duas medianas e uma forte para cada emoção. Esses procedimentos foram realizados em três encontros do grupo de pesquisa, com duração de cerca de 3 horas cada um. (MIGUEL, 2010, p. 63).

A apresentação em sequência das fotografias em *PowerPoint*, conforme relata Miguel (2010), foi montada de modo a permitir um transito suave entre as emoções, iniciando com as emoções positivas até as negativas. Desse modo, uma única fotografia poderia causar mais de uma emoção em seu observador (MIGUEL, 2010). Cada lauda, com a imagem, era exibida por 7 segundos, tempo considerado suficiente para visualização em detalhe e sem exaustão (conforme demonstrou estudo piloto). Foram inseridas 27 fotografias. A transição entre cada uma delas era acompanhada por um breve som neutro, o qual era capturado pela câmera como forma de identificar o momento da ocorrência.

Finalizada essa etapa, uma tela branca exibia a mensagem solicitando que os participantes aguardassem as novas instruções. Em seguida, iniciavam-se os estímulos que provocariam as emoções falseadas. Conforme descreve Miguel (2010, p. 66), “primeiro um *slide* em branco contendo apenas o nome da emoção a ser falseada, e em seguida uma imagem, normalmente oposta àquela emoção, para a qual o espectador deveria olhar e fingir a emoção pedida”. Por exemplo, a lauda solicitava a emoção tristeza, no entanto, a imagem exibia um bebê sorrindo.

Foram exibidas 10 fotografias, uma da primeira sequência e nove inéditas. O tempo definido de exibição foi de 5 segundos para o nome da emoção a ser falseada, repetiu-se o processo de inserção do som neutro entre cada lauda, e, por fim, 7 segundos para a exibição da lauda com a imagem. Miguel (2010) indica que para gerar a emoção de medo, fez uma alteração no processo de exibição, apostando em recursos mais dinâmicos que a fotografia:

Dois outros recursos foram então utilizados para se poder gerar essa emoção. O primeiro recurso foi uma apresentação que simulava um jogo de concentração, em que o objetivo era clicar com o mouse em pequenos pontos vermelhos localizados em regiões em fotos de bebês. Na quarta imagem, ao se passar o cursor sobre o ponto vermelho, surgia uma foto extraída do filme *O Exorcista* com o rosto da menina endemoninhada, com um alto grito. Dessa maneira, buscou-se capturar uma expressão clara e intensa de medo por meio do susto. (MIGUEL, 2010, p. 67).

Além do recurso fotográfico, para gerar as emoções, Miguel (2010) recorreu ao uso de trechos extraídos de filmes¹⁹. Verifica-se, com isso, que a fotografia é um dos possíveis recursos

¹⁹ Ver a tese de Miguel (2010).

capazes de eliciar emoções, apresentando limitações quando se exigem estímulos mais complexos, sendo assim, desencadeados por outros elementos mais dinâmicos que a imagem estática. Conforme a aplicação produzida por Miguel (2010), em que utilizou estímulos audiovisuais em substituição as fotografias.

Verifica-se, com base no exposto, a importância de se estabelecer critérios para a seleção do material adotado na pesquisa. Miguel (2010) observou tanto a atualidade das imagens quanto a adaptabilidade e concordância ao contexto nacional. Além disso, os limites e alcances do uso da fotografia em provocar estímulos. Constata-se que o conteúdo visual da fotografia não é um elemento secundário e de pouca importância no curso da pesquisa. Os critérios de seleção das imagens seguem tanto a qualidade técnica da fotografia quanto a capacidade do conteúdo visual de provocar ou não as respostas que o pesquisador antecipa em suas hipóteses de pesquisa.

Por fim, apresenta-se o quadro de trabalhos que desenvolvem análise, validação e atualização do *Teste de Fotos e Profissões* (MELO-SILVA, 2000; NOCE, 2008; OKINO, 2008; SHIMADA, 2016)²⁰, que compreende quatro teses vinculadas aos Programas de Pós-graduação em Psicologia da USP/Ribeirão Preto.

O primeiro, trata-se da pesquisa de Melo-Silva (2000), em que produz estudo empírico com adolescentes divididos em dois grupos experimentais, com vistas à análise de resultados e processos da Intervenção em Orientação Vocacional/Profissional. Para tanto, utilizou distintas ferramentas de avaliação para o alcance dessa proposta: Questionário de Maturidade Profissional; Inventário de Ansiedade Traço-Estado; Teste de Fotos de Profissões; registros de observação das sessões realizadas com base no Esquema Conceitual Referencial Operativo de Pichon-Rivière; respostas das participantes aos questionários de avaliação (MELO-SILVA, 2000). Segundo relata:

[...] o BBT foi empregado em todos os grupos, objetivando clarificar a estrutura de cada adolescente. O procedimento complementar de contar uma história das cinco fotos preferidas em dois momentos do processo de orientação profissional, no início e final, forneceu dados valiosos para avaliar possíveis mudanças no processo de tomada de decisão profissional. (MELO-SILVA, 2000, p. 117).

A pesquisa de Noce (2008, p. 99), por sua vez, objetivou “examinar as possibilidades informativas do BBT-Br quanto a indicadores de maturidade para escolha profissional/ocupacional, bem como fundamentar empiricamente, algumas das hipóteses interpretativas desta técnica”. Para tanto, aplicou avaliação com o BBT-Br em 93 estudantes de

²⁰ No Brasil, o Professor André Jacquemin, orientador da tese da pesquisadora Lucy Leal Melo-Silva, é o pioneiro nos estudos com a população brasileira, com os trabalhos *O Berufsbilder-test (BBT) de Achtmich. Problema de validade interna I* (1985) e *L' état des recherches sur le BBT au Brésil. Bulletin de Psychologie Scolaire e d'Orientation* (1989) (MELO-SILVA, 2000).

ambos os sexos, cursando o último ano do ensino médio em escola pública. Para a formação dos grupos, utilizou como estratégia de seleção os resultados da Escala de Maturidade para Escolha Profissional – EMEP, em alta maturidade e baixa maturidade, aplicada coletivamente em sala de aula. Seguiu-se a aplicação do BBT-Br, individualmente, com as formas adaptadas para ambos os sexos e o contexto sócio-cultural brasileiro.

No caso da tese de Okino (2009, p. 83), a autora buscou “avaliar as características psicométricas do *Self Directed Search Career Explorer* (SDS)²¹ e do Teste de Fotos de Profissões (BBT-Br), especificamente estimando a precisão e a validade destes instrumentos.”. Nesse aspecto, Okino (2009) descreve que para a aplicação do BBT-Br, precisou separar em duas salas específicas, em razão das duas formas desse instrumento, masculina e feminina, acompanhadas por dois psicólogos em cada uma delas: Segundo relata, ocorreu:

[...] na forma de slides. As instruções foram lidas em conjunto e após esclarecimentos das dúvidas, deu-se início à aplicação. As fotos foram apresentadas por meio de um projetor de slides, com tempo programado de projeção de 17 segundo para cada foto, em tela específica para esta função. Conforme as 96 fotos eram projetadas, os alunos as classificaram em formulário próprio, segundo as instruções do teste. O tempo médio de aplicação foi de 40 minutos. (OKINO, 2009, p. 106).

Quanto ao trabalho de Shimada (2016), esse teve como objetivo, ampliar os dados do *Teste de Fotos e Profissões* – BBT-Br para uso com estudantes do ensino superior, tendo em vista o modo usual de aplicação deste instrumento, com adolescentes do Ensino Médio. Nessa direção, Shimada (2016) aponta que “explorou as correlações entre interesses vocacionais e traços de personalidade, avaliados por meio da Bateria Fatorial de Personalidade – BFP”. Para tanto, 906 universitários, de ambos os sexos, com média de idade entre 23 e 38 anos, de instituições públicas e privadas, responderam a uma sequência de instrumentos de avaliação para a composição dos dados da pesquisa. Com relação à aplicação do BBT-Br, foi desenvolvido um aplicativo para *tablets*, segundo a pesquisadora descreve:

O aplicativo do BBT-Br segue as instruções determinadas do manual do BBT-Br, conforme passos já padronizados de aplicação e avaliação do teste. No momento da aplicação, cada participante tem acesso a um iPad. Inicialmente, seleciona-se no aplicativo a forma feminina ou masculina do BBT-Br, possibilitando a aplicação concomitante em suas versões masculina e feminina em uma mesma sala de aula, o que não era executável com as metodologias anteriores. Em seguida, são apresentadas as 96 fotos do BBT-Br, sendo que o participante tem a alternativa de efetuar a classificação das imagens em positivas, negativas e neutras no próprio equipamento. Finalizada essa etapa, é possível acessar o grupo de fotos escolhidas positivamente e dividi-las em subgrupos de acordo com o critério pessoal de comunalidade e

²¹ Segundo Okino (2009), no Brasil, o SDS é como Questionário de Busca Auto-Dirigida, traduzido por Ricardo Primi. Em sua versão original, informa Okino (2009, p. 91): “O SDS é um inventário de interesses profissionais, elaborado a partir do modelo hexagonal de Personalidade Vocacional de John Holland (Holland, 1996; 1997; Holland et al., 1994, citado por OKINO, 2009). Segundo esta teoria, os indivíduos se classificariam em seis tipos de identidades profissionais bem definidas: Realista (R), Investigador (I), Artístico (A), Social (S), Empreendedor (E) e Convencional, compondo assim, o acrônimo RIASEC”.

significado cognitivo/afetivo. Nesta fase, o participante poderá visualizar as miniaturas de cada uma das fotos de cada grupo podendo realizar as associações sobre as imagens. As respostas do participante podem ser gravadas no próprio aplicativo. Posteriormente, novamente são apresentadas todas as fotos escolhidas positivamente (em miniaturas na tela), possibilitando a escolha das cinco fotos preferidas e a elaboração da história, que pode ser digitada no próprio aplicativo ou gravada oralmente. (SHIMADA, 2016, p. 92-93).

A respeito do Teste de Fotos de Profissões (BBT), foi elaborado na década de 1970, pelo suíço Martin Achtnich, caracterizando-se como um instrumento projetivo, baseado nos pressupostos da Teoria de Personalidade de Szondi (1970). É utilizado para “clarificar os interesses e tendências motivacionais dos indivíduos” (SHIMADA, 2016, p. 64).

O BBT apresenta oito fatores radicais de inclinação classificatório das inclinações e interesses das pessoas. Em sua composição original, apresenta 96 fotos com ilustrações reais de pessoas envolvidas em atividades ocupacionais (ACHTNICH, 1991, citado por SHIMADA, 2016), de modo a combinar dois fatores/radicais de inclinação (SHIMADA, 2016), pois “nenhum desses oito fatores de inclinação existe em um estado isolado do indivíduo” (ACHTNICH, 1991, p. 11, citado por SHIMADA, 2016, p. 64). A elaboração de Achtnich (1991), conforme citado por Shimada (2016, p. 64-65) indica que “radicais de inclinação primários dizem respeito às atividades profissionais em si”, onde, “cada atividade adquire sentido somente em relação a um objeto profissional” (SHIMADA, 2016, p. 65); enquanto “radicais secundários [...] descrevem outros aspectos das profissões representadas nas imagens do BBT-Br, como objetivos e ambientes de trabalho” (SHIMADA, 2016, p. 65).

As estruturas de interesses primárias e secundárias, são então investigadas por meio de escolhas e rejeições das atividades, ambientes e instrumentos de trabalho, representados nas imagens que compõem o teste. Destaca-se que a classificação das imagens no BBT é realizada considerando-se as impressões afetivas dos indivíduos sobre as fotos, não apenas os aspectos concretos e racionais de suas representações (PASIAN *et al.*, 2007 citado por SHIMADA, 2016, p. 65).

Nessa direção, Shimada (2016) pontua que para Melo-Silva, Noce e Andrade (2003), o BBT é um instrumento de avaliação dinâmica de interesses, pois, através de sua aplicação, possibilita captar a organização de escolhas e a hierarquização de preferências e rejeições motivacionais.

O BBT contempla ainda análise qualitativa dos dados, em que “associações e reflexões que o sujeito realiza sobre fotos e grupos de fotos escolhidas, revelando peculiaridades interpretativas além daquelas apresentadas na estrutura de interesses (PASIAN *et al.*, 2007, citado por SHIMADA, 2016, p. 65). Em que, continua, “ao envolver cliente e psicólogo num processo de investigação ativa, permite que orientando construa as suas categorias de interesses,

explore o seu significado e os seus conteúdos (LEITÃO, MIGUEL, 2004, citado por SHIMADA, 2016, p. 65).

A autora argumenta em favor do uso do BBT em intervenções no campo da Orientação Profissional e de Carreira, pois, conforme descrevem Jacquemin e colaboradores (2006, citado por SHIMADA, 2016, p. 65) “a divisão da aplicação do instrumento em diferentes fases permite que, gradativamente, a pessoa entre em contato com diversos aspectos – nem sempre conscientes ou esclarecidos – que interferem em sua carreira.”. Outro argumento favorável ao uso desse instrumento sugere que “as imagens do BBT, além de visualmente atrativas, podem retratar aspectos globais das atividades profissionais, sem necessariamente centrarem-se em um aspecto isolado, como usualmente ocorre em outros instrumentos utilizados” (MELO-SILVA; JACQUEMIN, 2001, p. 65-66). Além disso, “a participação ativa do indivíduo em todo processo de aplicação, realizando escolhas e refletindo sobre as mesmas [...] acaba por favorecer o desenvolvimento de sua identidade e autoconhecimento, fundamental nos processos de construção da carreira” (JACQUEMIN; MELO-SILVA; PASIAN, 2010, citado por SHIMADA, 2016, p. 66). Como relação à versão brasileira do BBT, Shimada (2016, p. 66) informa que:

Devido a suas amplas possibilidades informativas, o BBT foi incorporado ao contexto brasileiro na década de 1980. Pesquisas foram realizadas objetivando avaliar se as fotos representadas no BBT estavam adequadas à realidade sociocultural brasileira, evidenciando que diversas imagens não despertaram associações suficientes para corresponder ao fator primário proposto por Achtnich (Okino *et al.*, 2003). Desta forma, o BBT foi adaptado ao contexto sociocultural brasileiro, em suas duas versões – a forma masculina foi concluída em 1998 (Jacquemin, 2000) e a feminina, em 2003 (Jacquemin *et al.*, 2006). Salienta-se que a existência das duas versões do BBT serviu ao intuito de favorecer o processo de identificação com as atividades quando representadas pelo mesmo sexo do respondente (Achtnich, 1991), sendo que ambas foram construídas de modo a representar os oito radicais de inclinação de forma equivalente. (SHIMADA, 2016, p. 66).

[...]

Diversas investigações científicas com o BBT-Br foram desenvolvidas no Brasil nas últimas três décadas, evidenciando sua utilidade clínica. Especificamente em relação a contribuição do BBT-Br para intervenções de carreira, destacam-se estudos referentes a: (a) avaliação de estratégias em Orientação Profissional e de Carreira, destacando o BBT-Br como técnica eficaz no processo de intervenção (Melo-Silva & Jacquemin, 2001); (b) estudos de caso, descrevendo experiências clínicas que ilustram as possibilidades interpretativas do BBT-Br nos processos de orientação com adolescentes (Jacquemin et al., 2010; Melo-Silva & Noce, 2004); (c) estudo follow-up de um situação clínica (Melo-Silva, Pasian, Okino, Marangoni, & Shimada, 2015); (d) avaliação de interesses de adolescentes que procuraram intervenção psicológica em serviços de Orientação Profissional (Melo-Silva et al., 2003; Shimada, 2011); (e) história das cinco fotos preferidas, enquanto procedimento qualitativo complementar e aprimoramento técnico do BBT-Br (Melo-Silva, Pasian, Assoni, & Bonfim, 2008; Santos & Melo-Silva, 1998; Shimada, Oliveira, Risk, Saviolli, & Melo-Silva, 2013). (SHIMADA, 2016, p. 66).

Assim como na tese de Miguel (2010)²², o estudo empírico produzido por Busnello (2012) também recorre ao *International Affective Picture System* – IAPS para selecionar fotografias com objetivo de investigar “a emocionalidade dos eventos no efeito de conformidade da memória” (BUSNELLO, 2012, p. 20). Utilizando as normas validadas em território brasileiro por Ribeiro, Pompéia e Bueno (2004), o pesquisador selecionou e exibiu 126 fotografias no *software Power Point*, no qual as imagens foram centralizadas na tela do computador. Foram realizadas duas seções com intervalo de dois entre elas. Assim descreve a pesquisadora quanto à aplicação²³:

Na primeira seção, grupos de três ou quatro participantes estudaram 60 fotos (20 de cada valência) na tela do computador, posicionados cada um em frente a um computador. As fotos foram apresentadas uma por vez, durante um segundo, com um segundo interestímulo. A instrução da pesquisadora foi de que os participantes observassem as fotos apresentadas para realizarem um teste posteriormente. Ao final da seção, os participantes foram lembrados de retornar em dois dias, a fim de realizarem o teste de memória. (BUSNELLO, 2012, p. 21).

[...]

Dois dias após, ocorreu o teste de memória de reconhecimento. Os participantes foram testados em duplas pareadas por sexo e idade, utilizando-se somente um computador por dupla. O material de teste consistiu em 126 fotografias semi aleatoriamente apresentadas, dentre as quais 60 eram estudadas (20 de cada valência) e 66 eram novas, sendo 20 relacionadas e duas não relacionadas por valência. (BUSNELLO, 2012, p. 21).

A tese de Ferreira (2013, p. 87), por sua vez, objetivou “investigar a integração do sistema motivacional com o sistema que define a estratégia de CV [ciclos de vida]”. Para tanto, desenvolveu dois estudos, no primeiro, utilizou fotografias com conteúdo relacionado a “estímulos de instabilidade ambiental extrema (fotos de catástrofes naturais e guerra) ao grupo experimental, e estímulos de ambiente estável (estímulo controle, com fotos de paisagens) ao grupo controle” (FERREIRA, 2013, p. 100, grifo meu). E, no segundo, fotografias relacionadas a “estímulos sensuais (fotos sensuais de homens e mulheres) e parentais (fotos de pais e mães com seus filhos pequenos)” (FERREIRA, 2013, p. 100, grifo meu).

No âmbito desses estudos, o uso da fotografia como estímulo visual realizado por Ferreira (2013), aliado a outros instrumentos²⁴ aplicados pelo mesmo, foi desenvolvido para investigar:

[...] a sensibilidade de nosso sistema motivacional à pistas ambientais evolutivamente relevantes (envolvidas no enfrentamento dos dilemas evolutivos do CV, como indicadores de instabilidade ambiental, ou de disponibilidade de parceiros sexuais) e

²² Encontra-se na p. 84 desta dissertação.

²³ Para descrição pormenorizada da realização do teste, consultar a tese de Rosa H. Delgado Busnello, intitulada *Como lembramos juntos? Emoção e diferenças individuais na conformidade de memória*, p. 20 da tese.

²⁴ Questionário de Desconto do Futuro (Ambos); Critério de Classificação Econômica no Brasil (Ambos); Questionário das Condições do Ambiente de Criação e Atual (só no Estudo 1); Escala Multidimensional de Estratégia Sexual (Ambos)

o consequente estabelecimento de padrões de respostas que estejam de acordo com as expectativas da Teoria Evolucionista dos CV. (FERREIRA, 2013, p. 87).

Nesse caso, o pesquisador (FERREIRA, 2013) explica que as imagens foram obtidas na internet e a seleção ocorreu mediante processo de avaliação, o qual participaram 10 juízes. Esta consistiu em atribuir notas de 0 a 10 (no primeiro, quanto ao grau de estabilidade do ambiente; no segundo, quanto à sensualidade e carinho). Essa mesma avaliação (atribuição de notas) foi realizada com os participantes. A seguir, descreve-se em detalhe a construção dos instrumentos:

Quanto à composição dos estímulos ambientais (Estudo 1):

[...] inicialmente [foram] apresentadas 64 fotos e tendo sido definitivamente selecionadas somente 20, divididas em 2 grupos, de 10 fotos: ambiente estável e instável. O processo de seleção foi realizado por 10 julgadores através da atribuição de notas quanto ao grau de estabilidade do ambiente da imagem em uma escala de “zero” (pouco estável) a “dez” (muito estável), sendo selecionadas as 10 fotos que apresentavam as notas mais elevadas e as menores notas de estabilidade ambiental. Ao longo do experimento os participantes também deveriam avaliar o grau de estabilidade, em uma escala de 0,0 (pouco estável) a 10,0 (muito estável) (com intervalo mínimo de um décimo entre as opções). (FERREIRA, 2013, p. 101).

Quanto à composição dos estímulos sensuais e parentais (Estudo 2):

[...] A seleção das imagens relacionadas a estímulos sensuais (fotos sensuais de homens e mulheres) e parentais (fotos de pais e mães com seus filhos pequenos) foi previamente realizada por 10 julgadores, através de avaliação por notas de “zero” a “dez”, respectivamente, quanto à sensualidade e carinho. Foram inicialmente apresentadas 55 fotos, das quais foram selecionadas as 40 fotos que apresentavam maiores notas nos critérios acima apresentados, sendo divididas em 4 grupos, de 10 fotos: fotos de homens sensuais, mulheres sensuais, mulheres com bebês/crianças e homens com bebês/crianças. O processo de seleção foi realizado através da atribuição de notas quanto ao grau de sensualidade (fotos sensuais) e carinho (fotos parentais) da imagem em uma escala de “zero” (pouco) a “dez” (muito). Ao longo do experimento os participantes também deveriam avaliar o grau de sensualidade e carinho, em uma escala de 0,0 (pouco) a 10,0 (muito) (com intervalo mínimo de um décimo entre as opções). (FERREIRA, 2013, p. 169).

Na tese de Laus (2012), a fotografia foi utilizada como estímulo visual para avaliar, tanto a influência do corpo ideal (vinculado na mídia) na satisfação com o próprio corpo, como na escolha alimentar de universitários. Nesse estudo, a pesquisadora desenvolveu instrumento baseado em metodologia previamente existente (JOHSSON et al., 1998; QUAIOTI, 2002, citados por LAUS, 2012) denominado Instrumento de Escolha Alimentar (IEA). Este apresenta 22 alimentos divididos em duas categorias: saudáveis e não saudáveis, os quais representassem um lanche da tarde com alimentos brasileiros. Para a sua construção, uma porção de cada um dos alimentos foi fotografada em pratos brancos. Após tratamento nas fotografias, elas foram reveladas em cartão com brilho dimensionado em 13 cm x 13 cm. Inicialmente o instrumento foi validado através de estudo paralelo realizado com 100 participantes. Procedimento que demonstrou ser “apropriado para avaliar a escolha alimentar de adultos” (LIMA, 2012, citado por LAUS, 2012, p. 33).

Na aplicação do instrumento, as fotos eram exibidas em uma mesa para que os participantes as observassem e escolhessem três fotos que representassem alimentos que gostariam de comer em um lanche da tarde. A partir disso foram feitas as classificações entre ‘saudável’ e ‘não saudável’ (LAUS, 2012).

Além disso, para a composição dos estímulos experimentais, a pesquisadora (LAUS, 2012) utilizou fotografias, as quais representassem o ideal de beleza, obtidas em revistas populares e catálogos de moda. Foram obtidas 40 imagens de cada sexo, selecionadas a partir dos seguintes critérios: um/a modelo em cada foto; visibilidade de $\frac{3}{4}$ do corpo do/a modelo; roupas não poderiam estar cobrindo uma grande parte do corpo (mulheres de biquíni e homens de sunga ou sem camisa); modelos com aparência de 18 anos ou mais (CUSUMANO & THOMPSON, 1997; WALLER, HAMILTON, & SHAW, 1992, citado por LAUS, 2012). O processo de seleção das imagens ocorreu mediante realização de um projeto piloto:

[...] conduzido com 10 homens e 10 mulheres (estudantes de graduação e pós-graduação) que avaliaram, independentemente, o quão cada foto representava o ideal de beleza atual, através de uma escala analógica visual variando de 0 (nada representativa) a 5 (extremamente representativa). Uma vez que estudos demonstram que entre uma e nove fotos produzem melhores efeitos experimentais (Groesz *et al.*, 2002), as nove fotos de cada sexo que mais pontuaram foram selecionadas como os **estímulos** experimentais. (LAUS, 2012, p. 33, grifo meu).

Já para a seleção dos estímulos neutros, Laus (2012) utilizou o *International Affective Picture System – IAPS*, para a obtenção de fotos de objetos. Conforme explica (LAUS, 2012, p. 34), “Foram selecionadas nove fotos previamente identificadas como eliciadoras de níveis neutros de valência e de baixa excitação: caneca, botões, disquete, toalha, apito, banquinho, zíper, alicate e relógio”.

Ressalta-se que outros instrumentos²⁵ foram utilizados na pesquisa de Laus (2012). No caso específico da aplicação da fotografia como estímulo, ocorreu em dois momentos, primeiro, com o Instrumento de Escolha Alimentar, conforme já descrito. E, após isso, apresentaram-se os estímulos experimentais (fotos representativas do corpo ideal conforme padrão de beleza atual) e estímulos neutros (fotos de objetos, eliciadores de níveis de neutros de valência e baixa excitação), as quais foram exibidas em slides, com apresentação de 10 segundos, sequenciada por uma tela preta com duração de 3 segundos.

Nas teses de Santos (2011) e Almeida (2016), a fotografia foi utilizada durante a aplicação de entrevistas. No caso do trabalho de Santos (2011), a pesquisadora descreve o uso da fotografia no método denominado foto-entrevista. Segundo relata (SANTOS, 2011), as foto-

²⁵ Ver mais informações sobre os instrumentos utilizados na pesquisa de Laus (2012), no *Capítulo 3: Material e Método* na p. 30. Em específico, mais detalhes da aplicação dos instrumentos utilizados encontram-se nas p. 34 e 35 da tese.

entrevistas foram realizadas exclusivamente com as crianças participantes do estudo, com idade entre 4 e 6 anos. Com efeito, encontra-se na literatura a recomendação de se utilizar fotos e outros materiais em entrevistas com sujeitos crianças “no intuito de ilustrar o tópico de interesse e estimular a narração” (KRÜGER; GRUNET, 2001, citado por SANTOS, 2012).

A aplicação ocorreu, conforme descreve Santos (2012), com a apresentação de cinco imagens²⁶ de uma menina interagindo com um bebê, a cada participante individualmente, em que deveria selecionar a representasse a melhor forma de cuidar de um bebê. A imagem escolhida era retirada e, novamente, a pesquisadora perguntava qual mostrava a melhor forma de cuidar de um bebê e por qual motivo. Com isso, todas as representações eram discutidas. A ordem de escolha era anotada. Os dados obtidos foram comparados interculturalmente, através de informações oriundas de outra foto-entrevista, realizada com crianças da vila rural *Nso*, em Camarões, e crianças alemãs de *Osnabrück* (LAMM, 2008, citado por SANTOS, 2012). A pesquisa de Santos (2012) foi realizada no Brasil, no estado de Sergipe, com crianças de uma creche de um povoado rural.

Como relação à tese de Almeida (2016), sobre “o processo de socialização através dos traços e conteúdos estereotípicos apresentados pelas crianças acerca da cor de pele de crianças brancas e negras.” (ALMEIDA, 2016, p. 82). A pesquisadora utilizou a fotografia em entrevistas com crianças para obter respostas quanto a “preferência de cor de pele de uma outra criança (uma criança negra e outra branca, apresentadas em fotos) quando houvesse a possibilidade de um *contato direto ou proximidade* mais frequentes, compartilhando dos mesmos bens e ambientes.” (ALMEIDA, 2016, p. 89). Conforme relata:

As perguntas foram dirigidas às crianças de forma padronizada e simples, uma por vez, e pedindo as crianças que associassem as respostas binárias (feio ou bonito; burro ou inteligente; não-estudioso ou estudioso; briguento ou comportado; malvado ou bom; pobre ou rico) a si, e aos alvos brancos e negros apresentados em fotos, além das escolhas de um destes alvos para amizade, adoção como irmão, partilha de um doce e de uma tarefa escolar (ALMEIDA, 2016, p. 89).

Diferente das aplicações da fotografia até então citadas, a tese de Silva (2014) descreve um estudo experimental no qual os participantes tiveram suas respostas fisiológicas registradas antes, durante e depois de observarem fotografias calmas e emocionais (eróticas e violentas), estas últimas, acompanhadas de estímulos auditivos. No que tange o uso da fotografia nessa pesquisa, o autor teve como objetivo desenvolver um estudo experimental voltado a replicar o

²⁶ “As fotos dos cartões representavam cinco dos sistemas parentais – cuidado primário, contato corporal, estimulação corporal, estimulação com objeto e interação face a face [...]. Pelo fato de não ser possível ilustrar o “envelope narrativo” adequadamente em uma imagem, este sexto sistema parental foi deixado de fora. O sexo do bebê e das crianças que aparecem nas fotos não tiveram nenhum critério de escolha, a busca era por crianças da região cujos pais autorizassem as fotos e o uso das imagens para fins da pesquisa.” (SANTOS, 2012, p. 79)

Hipotético Efeito Antecipatório Anômalo – HEAA, com isso verificar a possibilidade do HEAA participar da tomada de decisão humana (SILVA, 2014). Para tanto, o pesquisador utilizou um instrumento para registrar a condutividade da pele dos participantes durante o experimento²⁷. Para a exibição dos estímulos, Silva (2014) desenvolveu um instrumento próprio²⁸.

Segundo indica May e colaboradores (citado por SILVA, 2014), estímulos fotográficos possibilitam respostas idiossincráticas. Desse modo, “Uma fotografia avaliada como tendo uma afetividade baixa pode ter, para alguns participantes, uma grande afetividade, e vice-versa.” (SILVA, 2014, p. 54). Com intenção de minimizar esse efeito, Silva (2014) acrescentou estímulos auditivos aos estímulos visuais das fotografias emocionais, contribuindo também, para a ampliação das reações emocionais. O pesquisador pontua que inseriu um breve retardo “no início do som, em relação à apresentação da fotografia, [...] para possibilitar o início do processamento visual (que é mais demorado) antes do início do processamento auditivo.” (SILVA, 2014, p. 54).

Seu estudo foi aplicado em dois contextos: com participantes brasileiros e participantes estadunidenses. Para a composição dos estímulos visuais, utilizou “quatro conjuntos de 200 fotografias, cada um deles com 100 fotografias calmas e 100 emocionais, sendo estas divididas entre eróticas (50) e violentas (50)” (SILVA, 2014, p. 68). As imagens foram obtidas no *International Affective Picture System* – IAPS, com referência as padronizações masculinas e femininas para ambas as populações, de modo que, os conjuntos de fotografias correspondem a cada tipo de participante em seu sexo e contexto específico (SILVA, 2014).

4.3.4 A produção de acervo iconográfico

O uso da fotografia para a construção de acervo iconográfico foi identificado em três (3) trabalhos presentes no corpo analítico (PORTO, 2010; NELSON, 2013; NATALE, 2016). No âmbito dessa função, encontram-se dois tipos de uso da fotografia. Sendo a tese de Porto (2010) a aplicação mais tradicional, que tratou de usar fotografias (e outros recursos) para apresentar a história da Brinquedoteca Hapi, e, nesse sentido, como fonte de informação da história desta instituição. Segundo Porto (2010), no âmbito do seu estudo, dentre os suportes de

²⁷ Monitor fisiológico *J & J Engineering*, modelo I-330-C2.

²⁸ Segundo informa, desenvolveu programa que “produz um impulso TTL de 5 volts, enviando os sinais de marcação dos momentos de exibição das fotografias para o dispositivo I-330-C2 [de registro da resistividade elétrica da pele].

memória utilizados, a fotografia demonstrou-se essencial no processo de contar a história da Brinquedoteca:

Para aproximar-me, como pesquisadora, da história da Brinquedoteca Hapi, debrucei-me sobre imagens congeladas nas fotografias que foram tiradas ao longo da existência desse espaço. E logo compreendi que havia que levar em conta que a fotografia é em si um objeto carregado de história e exige uma reflexão sobre suas características próprias que formam uma linguagem particular sobre os acontecimentos. (PORTO, 2010, p. 17).

Com uso e finalidade diferente da tese de Porto (2010), encontram-se dois trabalhos em que os pesquisadores utilizaram a fotografia para a produção de acervos iconográficos para a composição de bancos de dados autorais, para fins específicos (NELSON, 2013; NATALE, 2016). Vale destacar que ambos os trabalhos também utilizaram a fotografia como estímulo visual²⁹. A identificação desses trabalhos ocorreu mediante verificação da finalidade expressa da produção de um acervo iconográfico. Esse elemento, no âmbito da presente análise, caracteriza essa função da fotografia em relação a forma de uso denominada registro (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002). Visto que, em primeira instância, as fotografias produzidas com a finalidade de compor um banco de dados imagético, são registros fotográficos que seguem o conceito de representação do real. Assim, como dado primário, a fotografia produzida está na classificação do registro imagético, que, posteriormente, passará por outras formas de aplicação.

A produção das fotografias autorais, no âmbito desses trabalhos, apresenta duas finalidades distintas. Primeiro, o uso de fotos autorais, ao invés de imagens localizadas por meio de ferramentas de busca na *internet*, como estratégia para contornar a questão dos direitos autorais, da pessoa física ou jurídica de imagens presentes nos espaços virtuais (NELSON, 2013). Segundo, a produção de uma base de dados nacional adaptada de um instrumento utilizado na pesquisa acadêmica e científica no contexto internacional (NATALE, 2016).

Nelson (2013) justifica que optou por produzir as imagens que seriam utilizadas em sua pesquisa, em razão de que, grande parte das imagens armazenadas em meios *online*, com resolução e qualidade técnica, apresenta certificado *Copyright*, portanto, são protegidas pela Lei de Direitos Autorais. Assim, para Nelson (2013), a produção de suas próprias imagens confere maior autonomia, quanto ao uso realizado:

É interessante, porém, que pesquisadores obtenham maior autonomia no uso de seu material, construindo bancos de dados de **estímulos**, como fotos, que possam ser usadas livremente para finalidade de pesquisa. Isto também pode garantir que futuramente pesquisadores possam criar instrumentos de avaliação sem necessidade de pedir ou pagar permissão especial para os autores ou até correr o risco de ser negada a utilização do material. (NELSON, 2013, p. 53, grifo meu).

²⁹ Encontra-se na p. 82 desta dissertação.

Além disso, Nelson (2013) afirma que, no território nacional, não há banco de dados imagéticos com estímulos faciais emocionais, disponibilizado para o uso acadêmico e científico. Em contrapartida, verifica-se no cenário internacional um grande volume de banco de dados, gratuitos e pagos, com expressões faciais emocionais à disposição do uso acadêmico e científico. Para a produção dos registros fotográficos, Nelson (2013) conta que selecionou palavras associada a uma imagem:

Foram escolhidas palavras com o critério de número de sílabas e acentuação, dissílabas e trissílabas paroxítonas, respectivamente, de estrutura CVCV e CVCVCV (C: consoante; V: vogal). Este tipo de estrutura apresenta uma maior facilidade de emissão. As estruturas de palavras que envolvem a alternância de consoantes com vogais são bastante comuns na linguagem (Locke, 2000). MacNeilage e Davis (2000, 2001) sustentam, inclusive, que a fala foi uma exaptação de funções ligadas a ingestão de alimentos (mastigar, engolir, chupar) e que envolvem ciclos de abrir e fechar a boca. Assim, estas atividades teriam fornecido um quadro básico que teria sido incorporado no ato da fala, tornando o uso da alternância consoante-vogal uma estrutura comum presente na mesma. (NELSON, 2013, p. 53-54).

A produção de um banco de dados de expressões faciais emocionais também foi desenvolvida na tese de Natale (2016). Contudo, diferentemente da proposta de Nelson (2013), essa autora objetivou adaptar ao contexto brasileiro um instrumento pré-existente chamado *Facial Action Coding System* – FACS. Segundo afirma, consiste em “um método de classificar as expressões faciais por meio de um sistema de codificação dos movimentos e/ou conjunto de movimentos de um ou mais dos músculos da face.” (NATALE, 2016, p. 74). Desse modo, propõe com a adaptação desse sistema, “disponibilizar à literatura psicológica brasileira um instrumento capaz de produzir dados científicos sobre as expressões faciais, seus mecanismos e significados contextuais e patológicos” (NATALE, 2016, p. 32).

Verifica-se que, ambos os bancos de dados digitais, tem como proposição futura, serem colocados à disposição da comunidade acadêmica e científica da psicologia brasileira, como instrumentos para a geração de dados científicos por meio de conteúdos imagéticos (NELSON, 2013; NATALE, 2016).

4.3.5 A fotografia como objeto mediador

A definição da forma de uso da fotografia como objeto mediador exigiu maior esforço interpretativo do que as categorias anteriormente descritas. Ainda que através dos mesmos critérios conferidos para a identificação dessas outras categorias, a saber, como os pesquisadores descrevem a aplicação que fazem da fotografia e qual a finalidade do uso desse instrumento no âmbito de suas pesquisas.

Nessa direção, foi possível identificar dois aspectos centrais no uso da fotografia como objeto mediador. Primeiro, o/a pesquisador/a lança mão desse recurso imagético para mediar a relação que se estabelece no espaço da pesquisa. Nesse sentido, a fotografia é o elo, o intermediário que auxilia pesquisadores e interlocutores no processo de construção do conhecimento acerca do objeto de estudo, ao consistir em outra forma de expressão e fonte de informação. Segundo, no âmbito desta funcionalidade, a fotografia não é apenas tratada em sua dimensão de representação do real, de um dado acontecimento. É, para além disso, um objeto multifacetado que, sendo devidamente explorado, possibilita obter vasto conhecimento sobre o objeto de estudo.

Assim, no âmbito das oito (8) teses identificadas que fazem uso da fotografia como objeto de mediação, as finalidades de uso divergem em: guardado/suporte à memória (CAIXETA, 2006; QUEIROZ, 2016); objeto/materialidade mediadora no atendimento individual e contexto grupal (GIL, 2010; GRANADO, 2011; CASTANHO, 2012; SANTOS, 2015); composição narrativa (CABRAL, 2015) e trabalho de tradução (MENEZES, 2013).

Verifica-se que o/a pesquisador/a, quando faz uso da fotografia como objeto mediador, recorre a diferentes formas de obtenção desse recurso visual; pode ser um registro produzido pelo/a informante ou mesmo pelo/a próprio/a pesquisador/a; pode ser uma imagem nunca antes vista pelo/a interlocutor/a; uma foto recortada de um jornal ou localizada em *websites*, redes sociais etc; também pode ser uma fotografia emblemática; um guardado de família ou de um arquivo pessoal.

A tese de Caixeta (2006), por exemplo, utilizou o que a autora denomina como guardados/objetos da memória. Para a coleta desse material, no espaço da realização de entrevistas episódicas, solicitavam-se objetos que foram guardados no passado, no caso especial da fotografia, quando as interlocutoras afirmaram tê-las entre seus guardados, a pesquisadora pedia então para que selecionassem as imagens e objetos e, posteriormente, discutissem a respeito das escolhas. No estudo de Queiroz (2016), por sua vez, utilizaram-se fotografias resgatadas em arquivos pessoais das próprias interlocutoras da pesquisa, que “retomaram as fases da vida do sujeito (infância, adolescência, vida adulta e velhice) para remontar a história do sujeito e sua percepção acerca da estética” (QUEIROZ, 2016, p. 76).

O uso da fotografia como materialidade mediadora para auxiliar a objetivação de significados para os sujeitos está presente na tese de Santos (2015). Nesse estudo, a respeito da produção de sentidos individual e intergeracional de homens com relação ao planejamento familiar, utilizaram-se entrevistas episódicas “enfocando [...] a produção dos sentidos do planejamento familiar e intergeracional dos participantes [...] mediada por imagens e objetos

em relação à produção de sentidos sobre si, o outro e o mundo.” (SANTOS, 2015, p. 90). Além de entrevistas episódicas, recorreu-se, também, a entrevistas abertas e semiestruturadas e as anotações em diários de campo. O pesquisador indica que as fotografias (e outros objetos) eram escolhidas pelos participantes como lembrando a constituição familiar e “Com base nessa fotografia/objeto, foi solicitado que falasse sobre a condição de ser homem, a estrutura familiar, o nascimento dos filhos, o orçamento doméstico entre as mudanças no curso da vida” (SANTOS, 2015, p. 90). As fotografias, segundo Santos (2015, p. 90), auxiliaram a construção narrativa, pois são “[...] artefatos culturais que desencadeiam novas possibilidades de narração, bem como de negociação de significados”.

No caso da tese de Castanho (2012), com objetivo de desenvolver as bases de um modelo psicanalítico para as práticas com grupos em instituições, discutem-se duas técnicas de grupos: “grupos operativos de aprendizagem e os grupos com objetos mediadores”, nesse último, destaca-se a Fotolinguagem©, técnica desenvolvida por Alain Baptiste e Claire Belisle, para o trabalho com grupos, aplicada em diferentes referenciais teóricos, conforme descreve Castanho (2012, p. 149):

[...] o dispositivo psicanalítico da Fotolinguagem© destaca-se dentre os grupos com objetos mediadores. Somada à facilidade que o uso de um **objeto mediador** único oferece à teorização e à prática, justificamos assim nosso uso da Fotolinguagem© como um dispositivo de referência para a criação de dispositivos com objetos mediadores. Na Fotolinguagem©, distinguem-se claramente dois momentos: o de escolha das fotos, a partir de uma pergunta dada pelos animadores do grupo, e o da partilha, no qual cada participante apresenta sua foto e houve comentários dos demais. Os animadores também escolhem uma foto, apresentam-na e comentam sobre as fotos dos outros. (CASTANHO, 2012, p. 149, grifo meu).

Nesse caso, Vacheret (2013) estabelece que, no âmbito do dispositivo psicanalítico da Fotolinguagem©, o objeto mediador, no trabalho grupal, conforme aponta Gimenez (2002), é compartilhado entre várias pessoas. Este aspecto contrasta com o objeto transicional (WINNICOTT, 1971), pois, nesse caso trata-se de um objeto particular, próprio da relação mãe e criança, ainda segundo Vacheret (2013). No corpo analítico desta pesquisa, duas (2) teses se apresentam com uso de materialidades transicionais (GIL, 2010; GRANADO, 2011).

A tese de Gil (2010) apresenta o método de intervenção psicanalítica, denominado *Oficina Psicoterapêutica de Cartas, Fotografias e Lembranças*, como proposta de trabalho com idosos em um enquadre breve. Segundo afirma, sua pesquisa tem o objetivo de “compreender as vivências emocionais presentes na proposta [*Oficina Psicoterapêutica de Cartas, Fotografias e Lembranças*], enfocando, de modo especial, àquelas relacionadas à recordação e à transicionalidade” (GIL, 2010, p. 15).

O enfoque psicanalítico do método proposto por Gil (2010), é fundamentado na relação que se faz entre materialidade (objeto) e psicanálise. Assim, busca-se a descrição desta interface, posto que o método psicoterapêutico da *Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças* trabalha com a relação que os objetos, tais como a fotografia e cartas suscitam no indivíduo para a produção de recordações. No caso específico da fotografia, Gil (2010) desenvolve a relação desta com a psicanálise, com base nos escritos de Walter Benjamin sobre a história da fotografia (GIL, 2010, p. 44):

Walter Benjamin (1940/1994, p. 94), ao traçar a história da fotografia, propõe uma relação entre a fotografia e psicanálise à medida que determina *que a natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar*. Imagens que revelam ações conscientes que são substituídas por outras inconscientes também se contrapõem. Como exemplo, é proposta a imagem de um homem que caminha sem que percebamos sua atitude do momento. Segundo Benjamin (1940/1994, p. 94): “A fotografia nos mostra essa atitude através de seus recursos auxiliares: câmara lenta, ampliação. Só a fotografia revela esse inconsciente ótico, como só a psicanálise revela o inconsciente pulsional. (BENJAMIN, 1940/1994, p. 94 citado por GIL, 2010, p. 44, *grifo do autor*).

No mesmo texto, Gil (2010) também explora as contribuições de Frayze-Pereira (2005), especificamente, o que esse autor tem a dizer sobre a interface arte e psicanálise e sua importância para o entendimento da relação entre homem e cultura. A respeito disso, Frayze-Pereira (2005, citado por GIL, 2010, p. 45) argumenta sobre “a dimensão perceptiva da relação com a fotografia” implicada à subjetividade que está implícita na produção imagética. Nos escritos de Roland Barthes (1981), ainda segundo Gil (2010), Frayze-Pereira (2005) encontra uma reflexão metafórica sobre esse entrelaçamento:

Frayze-Pereira (2005) recorre a Barthes (1981) para falar sobre o sentimento doloroso que se apresenta ao observar determinadas fotografias. Ele atribui esse sentimento a uma relação que se estabelece entre o revelado pela fotografia e o que já está morto, designado como o “isto foi”, que pertence ao passado e que reflete, por sua vez, a própria dor e vulnerabilidade da humanidade frente à morte. É a partir também desta perspectiva de dor, considerada como uma dimensão fundamental no campo psicanalítico, que Frayze-Pereira (2005) afirma que, entre todas as artes, é a fotografia que mais se aproxima da psicanálise: [...] assim como na fotografia, o negativo transforma-se, mediante um processo físico-químico, numa imagem-objeto capaz de suscitar em nós recordações e narrativas, na psicanálise observa-se a conversão do não-sentido em sentido (pictogramas ou palavras), sentido que pode gerar novas elaborações. Sem essa transformação simbólica o que resta ao sujeito é a experiência subjetiva da dor como fenômeno que persiste como mal-estar físico-psíquico, como um estado não nomeado, não pensado. (FRAYZE-PEREIRA, 2005, p. 117, citado por GIL, 2015, p. 46).

Adiante, Gil (2010) aponta as contribuições de Safra (1999, p. 24) sobre a estética do *self*, a respeito da qual o autor afirma que “as vivências de um indivíduo e seu estilo de ser constituem-se esteticamente, e o *self* se constitui, se organiza, se apresenta por fenômenos estéticos”. Em outro momento, Safra (2004, citado por GIL, 2010, p. 46) discorre que “para uma intervenção clínica poder ser realizada por meio de objetos é necessário reconhecer a

mensagem que esse objeto traduz, além de compreender o idioma pessoal do paciente”. Com isso, o autor apresenta os diversos registros do objeto³⁰. Nesse quesito, Gil (2010) propõe uma aproximação entre o registro lírico “aquele concebido justamente por adquirir significado ao fazer parte da vida da pessoa” (GIL, 2010, p. 46) e o uso que emprega da materialidade (objeto) em sua intervenção psicoterapêutica.

Ao abordar a fotografia como elemento de intervenção e investigação psicanalítica, Gil (2010) recorre, em sua defesa, ao conceito de espaço potencial de Winnicott (1967/1975). De acordo com Gil (2010, p. 47), “A fotografia é considerada, nesse contexto, um elemento cultural que está diretamente relacionado à memória e que, também, desta perspectiva, possui vários registros possíveis.”:

Safra (2009) fala sobre a memória subjetiva relacionada ao sentido biográfico que o indivíduo confere à fotografia. É possível também o registro social, (no sentido de um documento) e o registro de como a fotografia mostra o Real, que vai além do registro subjetivo e social. É exemplo de um registro Real a expressão poética que pode ser percebida em uma fotografia. (GIL, 2010, p. 47).

Sobre a *Oficina de Cartas, Fotografias e Lembrança*³¹, Gil (2010, p. 48) a descreve como “baseada em um modo de intervenção psicanalítica que utiliza enquadre clínicos diferenciados à luz da teoria Winnicottiana”. De modo que, através de “materialidades mediadoras”, proporciona o “crescimento emocional e o desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo, criando condições de sustentação emocional e recuperação do gesto criativo, podendo assim gerar mudanças” (GIL, 2010, p. 49, grifo meu):

A apresentação da **materialidade mediadora** em cada oficina é vista como um elemento facilitador do brincar, podendo ser considerado um paradigma do *Jogo do Rabisco* proposto por Winnicott (1968/1994). A materialidade que é usada como mediação na comunicação entre o terapeuta e o paciente tem a função de gerar condições para a expressão do *gesto espontâneo*, fazendo com que o paciente saia de um estado de passividade e possa agir sobre o mundo, recuperando assim a possibilidade de existir de modo criativo no mundo. (GIL, 2015, p. 49, grifo meu).

[...]

Nesse tipo de enquadre se destaca o caráter não interpretativo em que o terapeuta não segue o modelo de “saber sobre o outro”, decifrando o que ficou inconscientemente recalcado, mas parte do princípio de que a possibilidade da experiência do encontro inter-humano se fará acompanhar naturalmente da articulação simbólica (AIELLO-VAISBERG; MACHADO, 2003). (GIL, 2010, p. 49).

Na intervenção clínica proposta na *Oficina Psicoterapêutica de Cartas, Fotografia e Lembranças* é interessante a dinâmica espacial que se constrói no acontecimento de sua prática, em que a composição e organização do espaço que a desenvolve fomenta um processo de

³⁰ Gilberto Safra (2004), em *A poética na clínica contemporânea*, fala sobre registro ético, estético, ontológico, teológico, social e lírico.

³¹ A “Oficina Psicoterapêutica de Cartas, Fotografias e Lembranças” é desenvolvida e pesquisada no Laboratório de Saúde Mental e Clínica Social do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP, nos projetos APOIAR e SER e FAZER – Oficinas Psicoterapêuticas de Criação (GIL, 2010)

construção e enriquecimento do participante. Para Gil (2015, p. 50), “[...] o espaço potencial criado, no conjunto, ocorre a manifestação de uma expressão coletiva, mas também que conserva o particular e singular de cada indivíduo”:

Os encontros são semanais e têm um hora e meia de duração. Sobre um cavalete ou mesa, apoia-se um quadro magnético branco que, auxiliado por ímãs, recebe e sustenta os diferentes materiais trazidos em cada sessão. O beiral do cavalete ou a superfície da mesa fornecem ainda a base para que sejam apoiados objetos que não puderam ser afixados no quadro. Após fixar o material trazido para a sessão, os participantes posicionam-se ao redor do quadro, quando, então, é aberto um espaço para falarem sobre as recordações e experiências que estas materialidades suscitam, bem como sobre tantos outros acontecimentos que fazem parte da vida de cada um. (GIL, 2010, p. 50).

O “espaço potencial criado” (GIL, 2010) fomenta o contato e interação inter-subjetiva em que, através de atividades mediadoras, ou mesmo objetos, como no caso da *Oficina Psicoterapêutica de Cartas, Fotografias e Lembranças*, potencializa ao indivíduo a construção do seu *self*, na comunicação e interação com o outro e, por consequência, com suas subjetividades (SAFRA, 1999).

O que se designa no trabalho de Gil (2010), com relação ao uso da fotografia, é a materialidade capaz de reportar através das lembranças e memórias dos interlocutores, momentos e experiências passadas de sua vida. Contudo, é no acontecimento da Oficina, no falar sobre, na recordação, na comunicação e na interação com o outro, no espaço coletivo que se constitui sua prática, que reverbera articulações simbólicas provocativas de mudanças e crescimento de cada participante individualmente (GIL, 2010).

Esse aspecto também é pontuado no trabalho de Granado (2011), em tese que apresenta aproximação epistemológica com a proposta desenvolvida por Gil (2005; 2010) em sua dissertação de mestrado e tese de doutorado:

Em um atendimento individual, a dissertação de Gil (2005)³² demonstra que **instrumentos mediadores** no contato com o paciente tiveram um efeito mutativo à medida que geraram condições para cada indivíduo utilizar seu próprio potencial criativo. Gil (2010) realizou a Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças como intervenção psicoterapêutica com idosos e teve como resultado crescimento emocional e integração no grupo que se submeteu à oficina. (GRANADO, 2011, p. 60, grifo meu).

A tese de Granado (2011) consiste em relato sobre um estudo de caso de uma paciente com aracnofobia, em que o método clínico do atendimento incluiu o uso de imagens ou objetos como representação de um estímulo que provocasse reações associada à fobia da paciente. Assim a pesquisadora descreve o processo (GRANADO, 2011, p. 67):

³² GIL, C. A. Envelhecimento e depressão: da perspectiva psicodiagnóstica ao encontro terapêutico. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2005, 179p.

Ao escolher os objetos que comporiam sua caixa, a paciente pediu para colocar, em uma pasta aberta, fotos que lembrassem aranha, de cadeira com pés em formato de aranha, de canto de parede. Em uma pasta fechada, pediu que eu trouxesse fotos de aranha de verdade e fotos de teias, também. Combinamos que essas fotos de aranhas e teias ficariam num envelope fechado e que ela abriria quando quisesse. Foi explicado que, em todas as sessões, eu traria pastas com todas as figuras e que somente quando e se ela quisesse ver quaisquer figuras iríamos olhá-las. (GRANADO, 2011, p. 67).

Para Granado (2011, p. 61, grifo meu), “O atendimento a partir de objetos mediadores do contato terapêutico, fundamentado no conceito de transicionalidade de Winnicott³³, tem proporcionado resultados importantes à abordagem psicanalítica do sofrimento emocional”. Vale destacar que ao referir-se a materialidades mediadoras, não se restringe a fotografia, no âmbito da pesquisa de Granado (2011), esse recurso imagético foi adotado como escolha da própria paciente/interlocutora, quando confrontada com as possibilidades de objetos que poderiam ser utilizados.

Os usos da fotografia descritos na sequência, apresentam outras formas possíveis de aplicação desse recurso imagético na condição de objeto mediador. No primeiro caso, está a tese de Menezes (2013), em que se apropria de conceitos próprios da Fotografia, enquanto área do conhecimento, para análise dos dados de sua pesquisa. O autor (MENEZES, 2013) caracteriza sua finalidade de uso como um trabalho de tradução (também como uma construção metafórica). A tese de Menezes (2013) chama a atenção pois, em direção contrária a dimensão material da imagem, emprega-se uma dimensão conceitual, em que os aportes teóricos da área do conhecimento da Fotografia são utilizados para a tradução das entrevistas realizadas com seus interlocutores.

A tese de Menezes (2013) aborda a psiquiatria e a interdisciplinaridade no contexto da atenção psicossocial. Para tanto, sua construção metodológica segue o caminho da interdisciplinaridade, pois, conforme sustenta, realiza o deslocamento de conceitos de uma área para outra. A respeito da dinâmica dessa ação, Menezes (2013, p. 20) cita que:

A traduzibilidade de um conceito significa submetê-lo a uma operação de passagem de um ambiente lingüístico (sic) a outro, conduzi-lo para outro campo, dotá-lo de um sentido novo que não o original, elevá-lo a uma significação mais premente e explorar sua eficácia fora do âmbito de sua gênese, conferir-lhe figuração, visibilidade, espetacularidade, penetração e divulgação para um outro público. (BRANDÃO, 2005, p. 41, citado por MENEZES, 2013, p. 20).

³³ Indicações de leitura: 1) WINNICOTT, D. W. (1941). A observação de bebês numa situação padronizada. In: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Trad. Davy Bgomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 112-132. 2) WINNICOTT, D. W. (1968). O jogo do rabisco (Squiggle Game). In: WINNICOTT, C.; SHEPHARD, R. (org.). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 230-243. 3) WINNICOTT, D. W. (1971). Consultas **terapêuticas em psiquiatria infantil**. Trad. Joseti Marques Xisto Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

No âmbito de sua pesquisa, Menezes (2013) busca fundamentar o diálogo entre a Fotografia e o método científico a partir de três aspectos essenciais para o chamado método fotográfico: ilusão imaginária da fotografia; o *studium* e o *punctum*; e, o dentro e o fora da fotografia.

O primeiro deles, segundo descreve, trata das duas dimensões atribuídas a fotografia: registro do real e caráter documental; e, no tocante a representação do real e sua natureza criativa (KOSSOY, 1989/2001; MENEZES, 2013). Essa ambiguidade é confrontada por Menezes (2013) ao destacar a qualidade da fotografia como documento e sobre a natureza de sua criação. Em que apresenta a fotografia como “um recorte intencional do mundo, informado pelas posições ideológicas, culturais, políticas, religiosas etc. do fotógrafo que a faz, configurando-se assim como uma espécie de tomada de posição de seu autor” (MENEZES, 2013, p. 30).

O segundo, aborda os conceitos de *studium* e *punctum*, concebidos por Barthes (1984), que dizem respeito a relação do espectador com a fotografia. Mais detalhadamente, os conceitos *studium* e *punctum* circunscrevem as relações possíveis entre o espectador e a fotografia diante de seus olhos (BARTHES, 1984). De acordo com Menezes (2013), Barthes (1984), com o conceito de *studium*, “descreve o interesse genérico - provindo do saber polido e da cultura de quem observa – que determinadas imagens suscitam no espectador”, sobre o qual, Barthes (1984, p. 44-45) afirma que:

[...] visivelmente, é uma vastidão, ele tem a extensão de um campo, que percebo com bastante familiaridade em função de meu saber, de minha cultura; esse campo pode ser mais ou menos estilizado, mais ou menos bem sucedido, segundo a arte ou a oportunidade do fotógrafo, mas remete sempre a uma informação clássica: a insurreição, a Nicarágua, e todos os signos de uma e de outra: combatentes pobres, em trajes civis, ruas em ruína, mortos, dores, sol e os pesados olhos índios. Desse campo são feitas milhares de fotos, e por essas fotos posso, certamente, ter uma espécie de interesse geral, às vezes emocionado, mas cuja emoção passa pelo revezamento judicioso de uma cultura moral e política. O que experimento em relação a essas fotos tem a ver com um afeto *médio*, quase com um amestramento. Eu não via, em francês, palavra que exprimisse simplesmente essa espécie de interesse humano; mas em latim, acho que essa palavra existe: é o *studium*, que não quer dizer, pelo menos de imediato, “estudo”, mas a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso, é verdade, mas sem acuidade particular (BARTHES, 1984, p. 44-45, grifo do autor).

Já, com relação ao conceito de *punctum*, Barthes (1984) trata de um interesse que não está na ordem da cultura ou saber do espectador. De acordo com Menezes (2013, p. 32), “[...] vai além das próprias possibilidades de nomeação do espectador, [...] refere-se a um movimento da imagem em relação àquele que a olha. [...] o *punctum* de uma imagem é algum detalhe que, de chofre, toma toda a atenção do espectador”.

O segundo elemento vem quebrar ou escandir o *studium*. Dessa vez, não sou eu que vou buscá-lo (como invisto com minha consciência soberana o campo do *studium*), é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar. [...] A esse segundo elemento que vem contrariar o *studium* chamarei então de *punctum*; pois *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me *punge* (mas também me mortifica, me fere) (BARTHES, 1984, p. 46, *grifos do autor*).

Por fim, o dentro e o fora da fotografia, conceito mais presente nos trabalhos produzidos por Dubois (1983/1998). Na concepção de Menezes (2013, p. 32), “Toda fotografia pressupõe um recorte espacial e temporal do mundo, feitos a um só tempo, mas com implicações variadas. O ato fotográfico é, entre outras coisas, um recorte de uma porção específica da realidade”. Nesse aspecto, no âmbito de sua pesquisa, Menezes (2013, p. 32) trata da “espacialidade da fotografia” e do que está além da imagem concreta e material, do “invisível da imagem”.

Dessa forma, toda fotografia implica uma borda, que – *a priori* – irá delimitar a leitura de determinada imagem. Contudo, aquilo que ficou fora do recorte escolhido, o invisível, o que restou do real, irá fazer parte, tanto quanto o que na imagem se vê, da análise da fotografia. (MENEZES, 2013, p. 32).

Esses três elementos conceituais fundamentam o método fotográfico, que pode ser utilizado na pesquisa acadêmica e científica em dois âmbitos procedimentais (MENEZES, 2013). Para a coleta de dados, “através de recortes intencionados da realidade a ser estudada, informados por conceitos da Fotografia, tais como o *punctum*, a borda, o enquadramento, a opacidade etc.” (MENEZES, 2013, p. 37). E para a análise de informações “através da construção das cenas a serem analisadas, da escolha de seus elementos, da articulação delas com outras cenas em uma espécie de colagem, da análise – a partir de seus elementos – daquilo que se pressupõe fora de seu enquadre etc.” (MENEZES, 2013, p. 37).

A partir dessa fundamentação, o trabalho de Menezes (2013) inova ao propor o uso da fotografia para além de sua configuração física. Na tese em questão, utilizaram-se os pressupostos epistemológicos da Fotografia - o conhecimento imaterial dessa área, as contribuições de teóricos da Fotografia - para a análise de trechos das entrevistas³⁴ realizadas com os interlocutores da pesquisa. Para tanto, o autor desenvolve a transformação dessas entrevistas em cenas para auxiliá-lo no processo analítico.

Segundo Menezes (2013, p. 114), esse complexo movimento de “transformar palavras em cena” se assemelha a construção metafórica, pois ambas assumem a falsidade como elemento de caracterização e produzem novos significados a partir dela (BRANDÃO, 2005;

³⁴ As entrevistas foram realizadas com dois psiquiatras com vivência profissional (passada ou presente) em equipe de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), para “a discutir as peculiaridades de suas formações e/ou de suas vivências pessoais que poderiam vir a influenciá-los rumo ao que se poderia genericamente chamar de uma *atitude interdisciplinar*” (MENEZES, 2013, p. 114, grifo do autor).

MARI, 2005; MENEZES, 2003). Essa mesma compreensão fundamenta o uso que fez do método fotográfico em sua pesquisa, conforme explica, “[assim] como [a] metáfora, comportou falsidades e revelações” (MENEZES, 2013, p. 115).

O sinônimo substitui algo com o qual se pretende uma total semelhança. A metáfora aproxima dois entes dando a ver tanto a sua semelhança quanto a sua diferença: ela interpreta e modifica algo, como na tradução, não recobrando-o inteiramente, mas conferindo-lhe um acréscimo de ser ou um novo atributo, antes oculto. A metáfora também não é símbolo, pois este “representa” totalmente uma coisa em virtude de sua correspondência com ela, enquanto que na relação metafórica enfatizamos um traço de similaridade que “seleciona” e “revela” um aspecto de alguma coisa. (BRANDÃO, 2005, p. 46, citado por MENEZES, 2013, p. 115).

Além disso, o autor compara a atividade de imersão no campo e coleta de dados a experiência de um/a fotógrafo/a em obter as imagens e elaborar uma exposição, em que a partir de uma ideia inicial se desenha um processo de coleta estruturado especificamente para a sua proposta de estudo (MENEZES, 2013, p. 25):

Pensemos no processo de elaboração de uma exposição. Ao se decidir por determinado tema, o fotógrafo vai a campo coletar suas imagens. É certo que o artista tem uma ideia pré-concebida de seu tema, ainda que por vezes pouco formulada. É a partir dessa espécie de hipótese que ele se aparelha para seu trabalho de campo. Fotografar paisagens, por exemplo, pode requerer a luz de determinada hora do dia, objetivas com distâncias focais específicas, películas de uma certa sensibilidade etc. que serão, pelo menos em tese, bem diferentes da luz, das objetivas e das películas usadas para se fotografarem outros temas. (MENEZES, 2013, p. 25).

Tem-se, assim, um processo de construção de um projeto semelhante ao que um/a pesquisador/a propõe quando lança mão do trabalho de campo, pois, tanto a atividade do/a fotógrafo/a quanto a do/a pesquisador/a exige compromisso com a realidade apresentada (MINAYO, 2001; MENEZES, 2013). De acordo com Menezes (2013, p. 27), “Há [...], no processo de se fotografar, um caminho a se percorrer; há um método, uma forma específica de se pensar, uma maneira determinada de se captar a realidade e de apresentá-la”. O trabalho de campo partilha dessa mesma característica, em que, segundo Cruz Neto (2001, p. 52), trata-se de uma atividade de descoberta e criação, no sentido que “se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”.

Por fim, destaca-se a pesquisa de Cabral (2015), que utilizou a fotografia como tecnologia complementar a escrita textual na composição narrativa da tese. Seu trabalho consiste em uma pesquisa cartográfica com a proposta de reapropriação de tecnologias que são mediadoras das experiências que atravessam o dispositivo da sexualidade, conforme Cabral (2015, p. 26-27) descreve na sequência:

‘Pornocartografia’ é um nome provisório qualquer que atribuí a esta geringonça, como a versão de uma possibilidade (dentre tantas outras infinitas) para se mapear tecnologias pelas quais a experiência de “sexualidade” se constrói em nossas corpos.

As dicas que proponho logo abaixo podem funcionar como exercícios de reflexão, experimentação e disparadores de escrita. A escolha desse formato tem a intenção de desmistificar um pouco as possibilidades de fazer cartografia (a despeito do que muitos textos fazem parecer, não se trata de nenhum exercício esotérico). Minha sugestão à pessoa leitora é que se sirva daquelas que lhe fazem sentido e descarte todas aquelas que não lhe ajudam. (CABRAL, 2015, p. 26-27).

Em sua tese, dentre as dicas que sugere para o processo de construção cartográfica, Cabral (2015) cita o uso de tecnologias que permitem a visibilidade das vivências subjetivas da sexualidade, segundo indica (CABRAL, 2017, p. 29):

Experimente tecnologias que permitam amplificar e difratar a visibilidade do que te parece vergonhoso ou abjeto na vivência da tua corpa [palavra utilizada na tese] e/ou prazeres. Por exemplo: através de fotos, vídeos, desenhos, pinturas, coreografias, músicas ou via narrativa escrita. Deixar-se atravessar por estes dispositivos abre a oportunidade para construir novos olhares que desviam das representações dominantes, esboçando micro-prazeres imanentes a esse próprio ato de (contra)representação. [...]. Perceba as tecnologias que te são acessíveis, aquelas com as quais você se vê mais à vontade e quais não. Tudo isso também nos diz muito sobre as redes, relações e técnicas através das quais “nossa” sexualidade opera e é operada. (CABRAL, 2015, p. 29).

Nesse aspecto, o uso da fotografia, aplicado na tese de Cabral (2015), cumpre essa função, enquanto tecnologia estética que amplifica a visibilidade de “novos referentes de sexualidade” (CABRAL, 2015, p. 85) e, assim, instrumentaliza a reapropriação e reinvenção das tecnologias na construção cartográfica.

As músicas, performances, fotos, oficinas e vídeos pós-pornográficos são aqui evocados não enquanto “objetos”, mas como *personagens* que se aliam a construção das minhas próprias ficções, derivando experimentações com a escritura que buscam interferir e (re)articular as normas de sexo e gênero que me cruzam. (CABRAL, 2015, n. p.).

Na tese de Cabral (2015), o recurso textual e o recurso imagético (fotografias) se aliam para “propiciar uma reflexão sobre os temas em questão” (GOLDOPHIM, 1995, p. 169). As fotografias utilizadas por Cabral (2015), tanto registros autorais quanto imagens extraídas de outras fontes, não são meras ilustrações que enfeitam o texto. Elas complementam a narrativa. Reivindicam a “visibilidade pública dos processos de reapropriação tecnológica da sexualidade” (CABRAL, 2015, p. 85).

Com base no que foi exposto, em relação as outras formas de uso aqui desenvolvidas, quais sejam, **registro**, em que o foco está no conteúdo visual; **autofotografia**, que interessa tanto a imagem quanto seu processo de produção, **estímulo visual** que provoca respostas a exibição do conteúdo da imagem, ou mesmo, de **acervo iconográfico**. Na condição de **objeto mediador**, a fotografia é utilizada como um instrumento facilitador/auxiliar do diálogo no processo de construção do conhecimento.

Nesse aspecto, o que determinada fotografia traz de representativo para que o sujeito a utilize para se expressar (?); o que o conteúdo visual representa/revela para o sujeito da pesquisa (?); quais recordações estão associadas à imagem (?). São algumas das questões possíveis que o/a pesquisador/a pode contemplar quando utiliza a fotografia como objeto mediador. Vale ressaltar que o uso de outros recursos metodológicos aliados à fotografia potencializam maior alcance qualitativo.

4.3.6 A fotografia como fonte de informação

As fotografias colaboram como dispositivos da memória individual e coletiva, das narrativas pessoais e comunitárias, da realidade dos acontecimentos. É um artefato social, e como tal, carrega marcas da sociedade, da cultura e do tempo. Conforme sugere Caixeta (2006, p. 48) “As imagens sempre fizeram parte do dia-a-dia da humanidade. Através delas, grupos humanos transmitiram e transmitem idéias (sic), valores, crenças, práticas culturais, [...] conhecimentos sobre si, seu grupo e sua época”. A imagem, fora de sua narrativa constitutiva, tem seu potencial analítico restrito ao recorte da fotografia, ao referente que se encontra registrado. Em que pese esse aspecto, por si só, é uma relevante fonte de informação³⁵, embora restrita (LOIZOS, 2002).

O poder indiciário da fotografia não é o único responsável pela sua importância como fonte de pesquisa. Tão importante quanto é a capacidade de fomentar recordações e lembranças sobre os acontecimentos passados. Kossoy (1999/2009, p. 45) diz que “a fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de certo momento e situação, de certa luz, de determinado tema, absolutamente congelado contra a marcha do tempo”. A fotografia é um guardado das nossas histórias. Ela materializa a recordação do vivido e permite “uma volta infinita ao ponto de observação, uma contemplação detida, longa, múltipla e repetida” (FLUSSER, 1985, p. 11). Para Kossoy (1999/2009, p. 137):

Toda fotografia que apreciamos se refere ao passado. Mesmo as que tiramos, ou as que tiraram de nós, no último fim de semana. Quando falo em passado, quero dizer que o movimento vivido é irreversível e que as situações e emoções que vivemos estão registradas no nosso íntimo sob a forma de impressões. Essas impressões, com o passar do tempo, se tornam etéreas, nubladas, longínquas. Se tornam fugidias com o

³⁵ Não obstante, no campo acadêmico e científico, prevalece o caráter documental e probatório da fotografia, conforme demonstraram os dados desta pesquisa, em que a função de **registro** e de **estímulo visual** aparecem com números quantitativamente superiores em relação as outras formas de uso: **autofotografia**, **acervo iconográfico** e **objeto mediador**. Para além do contexto acadêmico, esse aspecto foi amplamente utilizado por governos, no uso ideológico da imagem (KOSSOY, 1999/2009).

enfraquecimento de nossa memória; desaparecem, por fim, com o nosso desaparecimento físico (KOSSOY, 1999/2009, p. 137).

Nessa razão, a fotografia é um fragmento, um quebra cabeça a ter suas peças encaixadas e assim revelar o todo possível. Esse parece ser o maior desafio do/a pesquisador/a. Conectar as peças. Contemplar o além do que revela o conteúdo indiciário (MAUAD, 1996), o referente. Pois, o que a fotografia carrega como informação “não se esgota na competente análise iconográfica” (KOSSOY, 1999/2009, p. 133). Esse é simplesmente o ponto inicial da análise (KOSSOY, 1999/2009).

A imagem fotográfica tem múltiplas faces e realidades. A primeira é a mais evidente, visível. É exatamente o que está ali, imóvel no documento (ou na imagem petrificada no espelho), na aparência do referente, isto é, sua realidade exterior, o testemunho, o conteúdo da imagem fotográfica (passível de identificação), a segunda realidade, enfim. As demais faces são as que não podemos ver, permanecem ocultas, invisíveis, não se explicitam, mas que podemos intuir; é o outro lado do espelho e do documento; não mais a aparência imóvel ou a existência constatada mas também, e sobretudo, a vida das situações e dos homens retratados, desaparecidos, a história do tema e da gênese da imagem no espaço e no tempo, a realidade interior da imagem: a primeira realidade. (KOSSOY, 1999/2009, p. 131).

A fotografia não é somente o referente, o visível, embora este possibilite “a objetiva constatação da existência do assunto: o “isto aconteceu” (KOSSOY, 1999/2009, p. 134). Nela se faz presente um contexto, uma narrativa, as presenças e ausências no enquadramento, as emoções e recordações que são reveladas. E, não menos importante, a interpretação da pessoa que vê a imagem. (MAUAD, 1996; LOIZOS, 2002; CAIXETA, 2006). A leitura interpretativa que se faz nesse processo é carregada de significados. Conforme Caixeta (2006), Barthes (1984) tratou dessa dimensão da fotografia, quando abordou a questão das mensagens denotativa e conotativa desse tipo imagético:

Barthes (1984) explica esse fenômeno fotográfico muito bem quando trata as mensagens denotativa e conotativa da fotografia. Assim, a fotografia é uma linguagem denotativa, mas sua interpretação tem uma dimensão conotativa. A dimensão denotativa é a foto por si mesma, o real que a foto pretende imitar e a dimensão conotativa é a interpretação dela, de acordo com o sujeito, seu grupo, seu ambiente sócio-cultural e as informações presentes no contexto. As duas dimensões se relacionam dialeticamente entre si. (BARTHES, 1984, citado por CAIXETA, 2006, p. 54).

A fotografia, enquanto materialização da imagem, não limita o conceito a sua existência física, até mesmo porque no mundo contemporâneo essa questão está diluída, a exemplo, os ambientes virtuais que compreendem outro plano existencial. A caracterização que diz respeito à materialidade consiste em sua essência enquanto “signos que representam o nosso meio ambiente visual” (SANTAELLA; NÖTH, 1999, p. 15), que está avidamente presente demarcando as relações cotidianas e sociais. Para Jobim e Souza (2003):

Com a fotografia iniciamos um longo caminho na construção de novos modos de escrita do mundo. [...] Do mesmo modo que a escrita ortográfica nos revelou uma maneira mais sistemática e conceitual de tomarmos consciência da nossa cultura, a "foto-grafia" se constitui como uma escrita atual do homem, mediada por uma tecnologia criadora de uma narrativa figurada. Podemos considerar que, depois da invenção do ato de fotografar, a experiência humana nunca mais foi a mesma, pois conquistamos, a partir desta prótese da visão, um olhar sobre a materialidade do mundo físico e social que antes não era possível, criando em nós uma nova consciência cultural e subjetiva do mundo. Além disto, podemos afirmar que as imagens constituem hoje as narrativas do mundo contemporâneo, trazendo novos elementos para buscarmos uma compreensão mais abrangente do próprio conceito de narrativa. (JOBIM E SOUZA, 2003, p.72).

A fotografia se mostra uma fonte de informação com amplo potencial analítico, pois marca grande presença na vida das pessoas, nelas estão os registros dos diversos acontecimentos (significativos ou não) que ocorreram ao longo de nossas vidas. Os fragmentos do vivido, registros do cotidiano, mecanicamente eternizados, mas que “nunca mais poderá repertir-se existencialmente” (BARTHES, 1984, p. 13), transformados em memórias de um passado, guardadas e colecionadas por nós em álbuns de retratos (MAUAD, 1996).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito desta pesquisa, buscou-se alcançar dois níveis analíticos. O primeiro, com dimensão quantitativa, qual seja: sistematizar, analisar e interpretar os números referentes à produção acadêmica/científica brasileira que faz uso da fotografia no contexto da pós-graduação, especialmente, da pós-graduação em Psicologia. Para tanto, as ferramentas oficiais (*Banco de Teses e Dissertações - CAPES e Plataforma Sucupira*) de divulgação e promoção da produção acadêmica da pós-graduação brasileira foram exploradas rigorosamente.

As informações sistematizadas resultaram em algumas formulações gerais a respeito do uso da fotografia na Psicologia. Por exemplo, a produção está majoritariamente no nível do mestrado, são 230 dissertações contra 62 teses. Verificou-se, também, que há um evidente crescimento quantitativo de produções a partir do ano 2000, em todos os estados brasileiros. Além disso, nota-se que a maioria dos trabalhos são vinculados a Programas de Pós-graduação em Psicologia - PPGP localizados no estado de São Paulo. No entanto, constata-se também indicadores relevantes, em termos quantitativos, em outros espaços.

Contudo, enfatiza-se a necessária contextualização dessas informações aos fatores que justificam sua movimentação ao longo dos anos e nos espaços geográficos e institucionais em destaque. Por exemplo, o mestrado se sobressai quantitativamente em relação ao doutorado, devido ao maior número de programas de pós-graduação com oferta de cursos no nível do mestrado. Para efeito de comparação, no ano de 2015, somente no âmbito da Psicologia, existiam 76 PPGP, dentre os quais, 53 PPGP ofertavam mestrado e doutorado; 26 PPGP somente ofertavam mestrado e nenhum ofertava exclusivamente doutorado. O mesmo cálculo pode ser aplicado à justificativa quanto ao crescimento quantitativo de produções na década passada (2000-2009), pois, em 1998 (primeiro ano de quantificação da ferramenta *GeoCAPES*) eram 28 PPGP em contraste aos 76 PPGP no ano de 2015. Com relação à prevalência de produções oriundas de IES do estado de São Paulo. O elevado quantitativo está amparado na também elevada quantidade de PPGP neste estado. No ano de 2015, existiam 18 PPGP, quando a média nacional era de 3,8 PPGP por unidade federativa.

Em síntese, os resultados alcançados a partir da análise quantitativa é consequência de um procedimento que buscou contextualizar os dados localizados aos indicadores disponíveis em mídias oficiais da gestão da Pós-graduação no Brasil. Desse modo, tornou-se possível relacioná-los e, a partir disso, compreender o desenvolvimento da produção acadêmica no nível da pós-graduação em Psicologia no Brasil, com uso da fotografia como ferramenta de produção de conhecimento, em sua configuração histórica, geográfica e institucional. A aplicação desse

procedimento é fundamental e eticamente necessária em pesquisas do tipo metassíntese, pois, limita o risco de apontar a relevância qualitativa de um determinado espaço e relativizar a de outros. Visto assim, o dado numérico por si só é limitado quanto à amplitude da informação que fornece. Por exemplo, ao olhar para indicadores quantitativos, é possível conhecer quem produz; onde se está produzindo; quais os interesses, entre outros aspectos. Contudo, fora do contexto, essas informações não dimensionam o nível de especialização e dos vínculos acadêmicos que entrelaçam as produções em análise.

Ao configurar a média de produções institucional e geograficamente, identificaram-se 107 trabalhos vinculados ao estado de São Paulo, distribuídos em 10 IES. Somente a USP responde por 45 documentos, valor quantitativamente superior a qualquer outra instituição com vínculo as produções do *corpus* analítico. Na sequência, aparecem PUC/SP com 23 documentos e UFSC com 22 trabalhos.

Contudo, conforme mencionado, há de se considerar outros aspectos que influem na produção de um determinado espaço acadêmico, para citar um deles, o tempo de existência do programa de programas de pós-graduação. A USP³⁶ iniciou a oferta da pós-graduação em Psicologia logo após o momento em que as normas de credenciamento dos cursos de pós-graduação foram definidas pela CAPES, no ano de 1969. No ano seguinte, em 1970, foi criado o mestrado em Psicologia Escolar e em Psicologia Experimental. Em 1974, já havia oferta de doutorado em Psicologia Escolar e Experimental. Após isso, em 1975 e 1976 foram os mestrados em Psicologia Clínica e Psicologia Social, respectivamente. Em 1982 foi a vez do doutorado em Psicologia Clínica e, em 1989, o doutorado em Psicologia Social. A área de Neurociências e Comportamento foi contemplada em 1992, com oferta de mestrado e doutorado. Para efeito de comparação, a pós-graduação em Psicologia na UFSC³⁷, foi iniciada em 1995, com recomendação da CAPES lançada em 1996. Já o doutoramento, somente em 2004. Nota-se, nessas informações, que entre a oferta da pós-graduação em Psicologia na USP e na UFSC, há um longo espaço de tempo, precisamente 15 anos³⁸.

Com base nisso, aponta-se a importância da aplicação de estratégias e uso de ferramentas que potencializam uma maior abrangência analítica, como, por exemplo, a ferramenta de georreferenciamento utilizada no âmbito desta pesquisa.

³⁶ Informações consultadas na página web da Pós-graduação em Psicologia da USP, no endereço eletrônico: <<http://www.ip.usp.br/portal/>>

³⁷ Informações consultadas na página web da Pós-graduação em Psicologia da UFSC, no endereço eletrônico: <<http://ppgp.ufsc.br/>>

³⁸ Pode-se citar também, embora não tenha sido objeto da presente análise, o maior investimento que as instituições públicas e privadas de ensino superior localizadas em São Paulo receberam ao longo dos anos.

O segundo nível analítico correspondeu à etapa qualitativa desta dissertação, com alcance da síntese interpretativa. Nesse aspecto, com base nas 50 teses analisadas, os dados demonstram que as formas de uso da fotografia como **registro** (15), **estímulo visual** (14) e a função de **autofotografia** (13) são as mais usuais no âmbito da pesquisa em Psicologia. A função de **objeto mediador** (8) também apresenta relevância quantitativa, nesse caso, a fotografia é utilizada para mediar o diálogo entre os elementos que compõem a pesquisa – pesquisador/a, interlocutor/a e objeto de estudo. Já em menor número, verifica-se a função de **acervo iconográfico** (3), que, no âmbito dos trabalhos analisados, apresenta duas finalidades: fonte de informação histórica e produção de conteúdos imagéticos, para a construção de banco de dados autorais, tendo em vista os direitos autorais de imagens de terceiros e, de outro modo, para contextualização e validação de instrumentos projetivos no Brasil. Vale ressaltar que em três (3) teses, a fotografia foi utilizada com mais de uma função, em dois casos como **registro** e **acervo iconográfico**; e em um trabalho como **registro** e **objeto mediador**.

Com base nos resultados alcançados, verificou-se que a fotografia tem se firmado como recurso metodológico aplicado conjuntamente a outras ferramentas de pesquisa, que potencializam contemplar com mais profundidade o arcabouço de informações que o recurso fotográfico carrega para além do conteúdo visual. As diversas formas de uso da fotografia, no âmbito da pesquisa em Psicologia, apontam o caráter multifacetado dessa ferramenta, podendo ser aplicada em diferentes propostas investigativas: análises históricas, pesquisas empíricas, etnografias, cartografias entre outros.

Sobre o uso da fotografia em um cenário de avanços tecnológicos e suas repercussões nos modos de fazer pesquisa em Psicologia. Constataram-se novas formas de produção imagética, possibilitadas por dispositivos eletrônicos que preenchem a função da tradicional máquina fotográfica: *smartphones*, *desktops*, *notebooks*, *videogames*, acessórios com micro câmeras embutidas etc. Essa nova configuração, que se verifica na contemporaneidade, torna a fotografia um objeto mais acessível para a pesquisa acadêmica e científica, visto que esses instrumentos eletrônicos fazem parte do cotidiano das pessoas. Outra questão que se coloca nesse contexto tecnológico, trata-se da capacidade desses dispositivos eletrônicos de produzir um número elevado de imagens que são instantaneamente visualizadas, manipuladas e descartadas. Introduzindo, com isso, novas formas de compor narrativas através da fotografia.

Por fim, no que diz respeito ao método aplicado, destaca-se que esta pesquisa avançou em apresentar uma seção que contempla a descrição histórica e pormenorizada do *corpus* analítico. E, com isso, situar possíveis leitores deste trabalho em relação a cada uma das teses analisadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. S. M. de. **O processo de socialização de crianças e o desenvolvimento moral das mães**: estudos da expressão de conteúdos e traços estereotípicos de crianças brancas e negras acerca da cor de pele. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ALVES, M. C. **Desde dentro**: processos de produção de saúde em uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

AMERIKANER, M.; SCHAUBLE, P.; ZILLER, R. C. Images: the use of photographs in personal counseling. **Personnel and Guidance Journal**, v. 59, n. 2, p. 68-73, 1980.

BARCELLOS, L. F. **Interdiscursividade e práticas cotidianas**: modos de fazer/operar a política de reserva de vagas na UERJ. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís de Antero Reto & Augusto Pinheiro. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1995. (Publicado originalmente em 1977)

BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BASTOS, J. A. **Saúde mental e trabalho**: metassíntese da produção acadêmica no contexto da pós-graduação brasileira. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.

BARBOZA, D. **As múltiplas cidades na cidade**: as relações estéticas dos catadores de material reciclável com a polifonia urbana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BAZIN, A. **O cinema**: ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Publicado originalmente em 1940).

BORGES, F. T. **Tem tantos jeitos de ver!** Um estudo sobre os significados de olhar nas perspectivas de quatro mulheres de Goiânia. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2006.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. de A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, maio/ago. 2011.

BRAND, A. F. **O processo de formação identitária e a incorporação, inculcação e encarnação do *habitus* militar**: um estudo etnográfico na PMSC. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-graduação – PNPG 2011-2020 / Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. Brasília: CAPES, 2010.

BUSNELLO, R. H. D. **Como lembramos juntos?**: emoção e diferenças individuais na conformidade de memória. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CABRAL, A. G. **Abrindo os códigos do tesão**: encantamentos de resistência entre o transfeminismo pós-pornográfico. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CAIXETA, J. E. **Guardiães da memória**: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2006.

CANUTO, L. T. **O conceito de infância em artigos brasileiros de Psicologia**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2017.

CANUTO, L. T.; OLIVEIRA, A.A.S.; PINTO, D. T. C.; SANTOS JÚNIOR, P.S. Metassíntese de teses e dissertações com uso de desenho, fotografia e vídeo como investigação e intervenção. In: Encontro Nacional da ABRAPSO, XVII, 2013, Florianópolis. **Anais...** Encontro: Práticas sociais, políticas públicas e direitos humanos.

CARAMASCHI, S. **O conhecimento das expressões faciais de emoções**: tarefas de julgamento, reconhecimento, descrição e produção. 1997. (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

CARRIJO, A. T. **A cartografia da infância multitransbordada**. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CARVALHO, M. C. R. T. **Arranjo espacial e distribuição de crianças de 2-3 anos pela área de atividades livres em creches**. 1990. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1990.

CARVALHO, A. M. R. **Cooperativa de catadores de materiais recicláveis de Assis - COOCASIS: espaço de trabalho e de sociabilidade e seus desdobramentos na consciência**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CASTANHO, P. C. G. **Um modelo psicanalítico para pensar e fazer grupos em instituições**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAVALCANTI, A. E. L. N. **Intervenção artística e transtornos psíquicos: possibilidades de diálogo**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.

CHAVES, M. do C. C. **A luta das famílias pela educação escolar dos seus filhos: um estudo na comunidade do Pontalzinho do Tarumã Açú em Manaus-AM**. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

COLEPICOLO, E. Buscando informação científica de qualidade para a pesquisa em psicologia. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 5, n. 2, p. 133-142, dez. 2014.

COSTA, A. B. **"Tão perto e tão longe": o cotidiano de aposentados nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis** 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

COSTA, S. H. B. **Carnaval: trabalho ou diversão? Atividade, gestão e bem-estar nas escolas de samba** 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2011.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CUERVO, M. R. M. **A feira agroecológica como espaço de produção de práticas culturais: identidade, alimentação e relações psicossociais**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DUBOIS, P. **O Ato fotográfico e outros ensaios**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1998. (Publicado originalmente em 1983)

ESPÍNDOLA, C. R.; BLAY, S. L. Bulimia e transtorno da compulsão alimentar periódica: revisão sistemática e metassíntese. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, v. 28, n.3, set./dez. 2006.

FERREIRA, B. C. **Expressões faciais de emoções de crianças com deficiência visual e videntes**: avaliação e intervenção sob a perspectiva das habilidades sociais. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

FERREIRA, I. Psicologia da imagem: um retrato do discurso persuasivo na internet. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2009.

FERREIRA, J. H. B. P. **Sistema integrado de alocação de esforços**: tomada de decisão frente à instabilidade ambiental e sinais reprodutivos. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FOTOGRAMA. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em:
<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3869/fotograma>>. Acesso em: 06 de Jan. 2018.
Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

GIL, C. A. **Recordação e transicionalidade**: a oficina de cartas, fotografias e lembranças como intervenção psicoterapêutica grupal com idosos. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GILSON, E. Fotografia e beleza. **Diógenes Revista Internacional de Ciências Humanas**, Brasília, v. 6, p. 19-34, 1984.

GODOLPHIM, N. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, v. 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a13.pdf>>
Acesso em: 10 de out. 2017.

GRANADO, L. C. **Psicoterapia psicanalítica da fobia**: o uso de imagens em um estudo de caso. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

JOBIM E SOUZA, S. O olho e câmera. In: JOBIM E SOUZA, S. (Org.). **Educação @ pós-modernidade: ficções científicas & crônicas do cotidiano**. Rio de Janeiro: 7letras, 2003. p. 69-74

KODE, E. **Por um outro cinema** - jogo da memória em Chris Marker. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

KOSSOY, B. **Hercule Florence: a descoberta isolada da fotografia no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2006. (Publicado originalmente em 1977).

KOSSOY, B. **Fotografia & história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. (Publicado originalmente em 1989).

KOSSOY, B. **Realidade e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: AE Editorial, 2009. (Publicado originalmente em 1999).

LACERDA, A. L. de. A 'Obra Getuliana' ou como as imagens comemoram o regime. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 241-264, dez. 1994. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1982/1121>>. Acesso em: 30 maio. 2016.

LAUS, M. F. **Influência do padrão de beleza veiculado pela mídia na satisfação corporal e escolha alimentar de adultos**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

LIBERMAN, F. **Delicadas coreografias: instantâneos de uma terapia ocupacional**. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 137-155.

LOPES, A. E. R. C. **Olhares compartilhados: o ato fotográfico como experiência alteritária e dialógica**. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

LOPES, A. L. M; FRACOLLI, L. A. Revisão sistemática de literatura e metassíntese qualitativa: considerações sobre sua aplicação na pesquisa em enfermagem. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 771-778, 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400020>. Acesso em: 03 dezembro 2015

MACIEL, S. F. de M. **Retratos dos dias**: a produção de sentidos na vida cotidiana de crianças. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

MAMEDE, M. C. **Cartas e retratos**: uma clínica em direção à ética. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MATHEUS, M. C. C. Metassíntese qualitativa: desenvolvimento e contribuições para a prática baseada em evidências. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, n.1, p. 543-545, 2009. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307023853019>> Acesso em: 03 dezembro 2015.

MATTOS, L. K. **Olhos abertos para ouvir, sentir, pensar**: crianças com deficiência visual fotografando a cidade. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, v. 1. n. 2, p. 73-98, 1996.

MAXIMO, C. E. **Experiência de educação/trabalho no SUS**: sentidos para estudantes em oficinas estéticas inseridos no PET-Saúde. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MEDINA FILHO, A. L. Importância das imagens na metodologia de pesquisa em psicologia social. **Psicologia Social**, v. 25, n.2, p. 263-271, 2013.

MELO SILVA, L. L. **Intervenção e orientação vocacional/profissional**: avaliando resultados e processos. 2000. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

MENEZES, M. P. **A interdisciplinaridade na atenção psicossocial**: um olhar fotográfico sobre a psiquiatria. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 2013.

MIGUEL, F. K. **Criação e validação de um teste informatizado para avaliar a capacidade de perceber emoções primárias**. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Francisco, Bragança Paulista, 2010.

NATALE, L. L. **Construção de uma tarefa para estimar a capacidade de reconhecimento de micro e macro expressões faciais emocionais básicas**. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

NEIVA-SILVA, L.; KOLLER, S. H. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 237-250, jul. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 13 novembro 2015.

NELSON, T. **Estudos sobre a avaliação da afasia expressiva**: material e procedimentos. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Para, Belém, 2013.

NOCE, M. A. **O BBT-Br e a maturidade para a escolha profissional**: evidências empíricas de validade. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.

OKINO, E. T. K. **O SDS e o BBT-Br em orientação profissional**: evidências de validade e precisão. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

OLIVEIRA, A. A. S. **Turismo de massa e segregação psicossocial em uma comunidade litorânea no Nordeste brasileiro**: uma análise a partir da experiência de resistência e submissão das crianças. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, A. A. S.; BASTOS, J. A. Saúde mental e trabalho: descrição da produção acadêmica no contexto da pós-graduação brasileira. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 17, n. 2, p. 239-254, 2014.

OLIVEIRA, A. A. S.; TRANCOSO, A. E. R.; BASTOS, J. A.; CANUTO, L. T. Metassíntese: apontamentos para sistematização de revisões amplas e crítica interna à produção científica. In: **Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa**, 4, 2015, Aracajú. *Atas...* Aracajú, 2015, p. 147-152.

OLIVEIRA, E. M. O pioneiro da fotografia no Brasil. [online] **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-pioneiro-fotografia-brasil.pdf>>. Acesso em: 22 novembro 2016.

OLIVEIRA, M. L. **Alice no país das maravilhas e na Emia: Winnicott e a educação.** 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PAIM, A. dos S. **Pele negra sem máscaras brancas: o julgamento da boa aparência em seleção de pessoal.** 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

PALHARES, V. L. **Representações da seca no imaginário dos sujeitos rurais da Inhaúma – MG.** 2010. 179 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2010.

PARANHOS, M. **Apropriação de espaço por adultos com deficiência visual: estudo de caso.** 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008

PEREIRA, Y. L. **Enrubescimento social: evolução, função apaziguadora e modeladora do comportamento.** 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PINTO, P. S. P. **Pequenos cidadãos ações e concepções de crianças sobre o brincar em espaços públicos.** 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

PORTO, C. L. **Álbuns de retratos, infâncias entrecruzadas e cultura lúdica: memória e fotografia na Brinquedoteca Hapi.** 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PROFICE, C. C. **Percepção ambiental de crianças em ambientes naturais protegidos.** 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

QUEIROZ, G. A. de. **Percepção estética do envelhecimento feminino.** 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

REIFSCHNEIDER, E. D. B. **Ambientes restauradores: uma retomada do urbano.** 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2016.

REZNIK, L.; ARAUJO, M. S. **Imagens constituindo narrativas: fotografia, saúde coletiva e construção da memória na escrita da história local. História, Ciência e Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 1013-1036, 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702007000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 maio 2016.

RODRIGUES, H. **Melhora essa cara**: a adesão a valores com foco social como indicadora da habilidade do controle de expressões faciais de emoção. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2016.

ROSA, G. A. M e. **Estetização do self e elaboração psíquica**: repercussões das redes sociais na subjetividade. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Distrito Federal, 2014.

ROTTA, R. R. **Olhares que narram**: perspectivas umbandistas de articulação do sentido. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SÁ, A. K. J. M. de. **Adolescentes e jovens adultos em situação de rua**: uma abordagem dialógica das noções de morte e continuidade do self. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SAMAIN, E. **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfis/v11n1/12.pdf>>. Acesso em: 03 julho 2016.

SANCHES-JUSTO, J. **O ato fotográfico**: memória, prospecção e produção de sentidos na velhice. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 2012.

SANDELOWSKI, M.; BARROSO, J. Classifying the findings in qualitative studies. **Qual Health Res**, v. 13, n. 7, p. 905-923, 2003.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem, cognição, semiótica e mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SANTOS, A. K. **O comportamento de cuidado entre crianças analisado à luz do contexto sociocultural, das ideias infantis sobre cuidado, das metas de socialização maternas e de comparações interculturais**. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SANTOS, J. C. **A produção de sentidos intergeracional de homens sobre o planejamento familiar**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2015.

SANTOS, V. V. F. **Da historicidade como argumento ao argumento da historicidade: sentidos presentes nas publicações da revista Psicologia & Sociedade entre os anos de 1986-2015**. 2016. 92 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

SCHEIDT, L. **Avaliação de resistência de união em esmalte de dentes decíduos hipoplásicos**. 2014. 54 f. Tese (Doutorado em Odontologia) – Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2014.

SHIMADA, M. **Evidências de validade concorrente entre o BBT-Br e a BFP: um estudo com universitários**. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.

SILVA, F. E. **Um hipotético efeito antecipatório anômalo para estímulos aparentemente imprevisíveis poderia afetar a tomada de decisão humana?**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

SILVA, M. A. **Paisagem, experiência e representações sociais: o olhar etnográfico para um fenômeno de cultura**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

SILVA, T. V. A. da. **Quando a pele faz a passagem** - roteiro tese do filme A Pele que Habito. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2014.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (Publicado originalmente em 1977).

SOUSA, K. A. **Salas/celas, sinas e cenas: o cinema no contexto prisional**. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2011.

SOUSA, N. M. **Procedimentos e processos: uma delicada relação na aprendizagem de discriminações por bebês**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

SOUTO, A. P. **Escrever é uma viagem**: A atividade de criação literária no desenvolvimento dos turistas aprendizes. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, M. C. H. de. **Cartografia luminosa de um território em trânsito**. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

TRANCOSO, A. E. R. **Juventudes**: o conceito na produção científica brasileira. 2012. 222 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

VACHERET, C.; GIMENEZ, G.; CURI-ABUD, C. Sobre a sinergia entre grupo e o objeto mediador. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 47, n. 3, p. 1-13, 2013. Disponível em: https://hal-amu.archives-ouvertes.fr/hal-01386388/file/Guy_Gimenez_publication_67_SOBRE%20A%20SINERGIA%20ENTRE%20GRUPO%20E%20O%20OBJETO%20MEDIADOR.pdf. Acesso em: 03 ago de 2017.

ZIBETTI, M. L. T. **Saberes docentes na prática de uma alfabetizadora**: um estudo etnográfico. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Sistematização no Excel para a construção do banco de dados

1. Primeira estrutura do banco de dados no *Excel* – análise quantitativa

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N
QTD.	TÍTULO	TIPO	NÍVEL/PROGRAMA	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	IES	UF	ANO	ACESSO AO TEXTO COMPLETO	ACESSO SOMENTE AO RESUMO	TERMO DE BUSCA	PRESEÇA NO TÍTULO	RESUMO
1	XAMANISMO URBANO	D	MESTRADO EM PSICOLOGIA (PSICOLOGIA CLÍNICA)	EMERSON PINGARILHO MARTINS	SUELY BELINHA ROLNIK	PUC/SP	SP	2011	S		fotográficas / fotografias	N	Dissertação visual poética sobre as linhas de força que permeiam a subjetividade que influenciaram meu trabalho visual, pesquisas fotográficas registrando atitudes em rituais afro-brasileiros, vodus, caçadores africanos, artistas e pessoas de rua. [...] O termo Xamanismo Urbano remete a estética, ao visual e as ações que as

Legenda: Qtd. = Quantidade / D = dissertação / N = não

Nota: As colunas J - Acesso ao texto completo e K - Acesso somente ao resumo tratam do nível de acesso ao documento.

1. Segunda estrutura do banco de dados no *Excel* – análise qualitativa

A	B	C	D	E	F	G
TÍTULO	NÍVEL/PROGRAMA	AUTORIA	PRODUÇÃO [PESQUISADOR / PARTICIPANTE / REGISTRO PRÉ-EXISTENTE / DURANTE A PESQUISA]	TIPO DE PESQUISA	FUNÇÃO	RESUMO
O ATO FOTOGRÁFICO: MEMÓRIA, PROSPECÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA VELHICE	DOUTORADO EM PSICOLOGIA	JOANA SANCHES JUSTO	REGISTRO PRODUZIDO PELO PARTICIPANTE	INVESTIGAÇÃO	AUOFOTO GRÁFICA	Ao trabalharmos com idosos e suas fotografias tendemos a valorizar reminiscências da juventude e fotografias que os conduzem a um retorno ao passado. [...] A presente pesquisa pretendeu enfraquecer o estereótipo do idoso atado ao passado ao investigar possibilidades de prospecção resultantes do encontro do idoso com as fotografias . Como parte de

Nota: Essa sistematização decorre da leitura em profundidade das teses. As informações que constam no banco de dados foram primeiro registradas em uma ficha catalográfica (Apêndice D) e, a partir disso, inseridas na planilha.

APÊNDICE B – Aplicação utilizada para localizar a discussão a respeito da fotografia.

1. Forma de localização a partir do descritor Fot* no sumário da tese.

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO.....	14
O PROJETO TURISTA APRENDIZ (TA).....	16
1 O DESENVOLVIMENTO DIALÓGICO NO PROJETO TURISTA APRENDIZ E NA METODOLOGIA DA CLÍNICA DA ATIVIDADE	22
1.1 REVISÃO DE LITERATURA	22
1.2 A FUNÇÃO DO DIÁLOGO NO CAMPO	30
1.3 O DESENVOLVIMENTO DIALÓGICO	33
1.4 NA PERIFERIA DA PALAVRA.....	35
1.5 A FOTOGRAFIA COMO FONTE DE DIÁLOGO E CRIAÇÃO	39
1.6 OFICINA DE FOTOS – UMA METODOLOGIA INDIRETA DIALÓGICA	41
1.7 A FOTOGRAFIA COMO OBJETO DE APOIO	43
2 A ATIVIDADE COMO BÚSSOLA PARA O DESENVOLVIMENTO	47
2.1 DETURPAÇÕES E APROXIMAÇÕES ENTRE AS OBRAS DOS AUTORES.....	47
2.2 POR QUE O DESENVOLVIMENTO?.....	48
2.3 A RELEVÂNCIA DAS VIVÊNCIAS PARA O DESENVOLVIMENTO OU UMA CRÍTICA AO CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO NAS ESCOLAS	50
2.4 O RACIOCÍNIO VOLTADO PARA A REALIDADE OU UMA CRÍTICA AOS CONCEITOS DE PENSAMENTO E FALA EGOCÊNTRICA	53

Fonte: Souto, 2016

Nota 1: A localização foi realizada mediante aplicação do recurso de atalho do *software Adobe Acrobat Reader DC* na função *Ctrl + F*, que abre uma caixa de diálogo em que se digita uma palavra que será buscada em todo o documento. Nesse primeiro momento, o campo de interesse é o Sumário (conforme demonstra a imagem). Contudo, constatando a ausência do termo de busca Fot* no capítulo e/ou seção de discussão presente no Sumário, a mesma aplicação era ajustada para localizar a palavra Fot* no corpo da tese.

APÊNDICE C: Identificação e seleção das unidades de registros (uso do recurso realce).**5- A Oficina Psicoterapêutica de Cartas, Fotografias e Lembranças**

É importante destacar que a materialidade com a qual trabalhamos nas Oficinas Psicoterapêuticas foi inicialmente determinada como “Cartas, Fotografias e Lembranças”. No entanto, observamos em nossa prática clínica a grande quantidade de objetos que os pacientes trazem às sessões. Por esta razão, optamos nesta introdução teórica por falarmos, inicialmente, de forma mais ampla, sobre a interface da psicanálise com objetos de modo geral, e que também inclui as cartas. Em seguida enfocamos a Oficina Psicoterapêutica de Cartas, Fotografias e Lembranças, sua fundamentação teórica, e apresentamos pesquisas que temos desenvolvido com esse enquadre.

Walter Benjamin (1940/1994, p.94), ao traçar a história da fotografia, propõe uma relação entre fotografia e psicanálise à medida que determina *que a natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar*. Imagens que revelam ações conscientes que são substituídas por outras inconscientes também se contrapõem. Como exemplo, é proposta a imagem de um homem que caminha sem que percebamos sua atitude do momento. Segundo Benjamin (1940/1994, p.94): “A fotografia nos mostra essa atitude através de seus recursos auxiliares: câmara lenta, ampliação. Só a fotografia revela esse inconsciente ótico, como só a psicanálise revela o inconsciente pulsional.”

Em nosso meio, Frayze-Pereira (2005), à medida que trabalha com as implicações entre arte e psicanálise, traz contribuições importantes ao considerar o estudo dessa ciência uma forma de refletir sobre a relação que o homem estabelece com a cultura. O autor aborda a dimensão perceptiva da relação com a fotografia em um sentido em que não é possível conhecer todas as suas facetas, ou melhor dizendo, levando em conta aquilo que não se revela por completo de imediato, mas que traz em si a subjetividade implícita. Nesse contexto, a fotografia traz em si a noção de mistério, ou em suas palavras: “convida a fantasia a entrar em cena. A fotografia não explica nada. Ela fascina.” (p. 100).

Fonte: Gil, 2010

APÊNDICE D – Exemplo de Ficha Catalográfica**FICHA CATALOGRÁFICA****PRIMEIRA PARTE – DADOS REFERENCIAIS**

TÍTULO: Evidências de validade concorrente entre o BBT-BR e a BFP: um estudo com universitários

AUTOR/A: Milena Shimada

ORIENTADOR/A: Lucy Leal Melo-Silva

IE: USP

ANO: 2016

SEGUNDA PARTE – SÍNTESE INTERPRETATIVA

TIPO DE PESQUISA: investigação

PRODUÇÃO: registro pré-existente

FUNÇÃO: estímulo

TEXTO SÍNTESE:

O trabalho de Shimada (2016) busca ampliar os dados do Teste de Fotos e Profissões – BBT-Br para uso com estudantes do ensino superior. Segundo esta autora, o BBT, elaborado na década de 1970 pelo suíço Martin Achtnich, caracteriza-se como um instrumento projetivo. É utilizado para “clarificar os interesses e tendências motivacionais dos indivíduos” (SHIMADA, 2016, p. 64), baseia-se nos pressupostos da Teoria de Personalidade de Szondi (1970). Shimada (2016, p. 64) cita Pasian e colaboradores (2007) com a finalidade de pontuar a proposição do autor supracitado “Achtnich (1991) sugere a existência de variáveis que se combinam de forma dinâmica e, em conjunto com fatores ambientais e socioculturais, influenciam as escolhas de carreira dos indivíduos” (PASIAN *et al.*, 2007).

O BBT apresenta oito fatores/ radicais de inclinação classificatório das inclinações e interesses das pessoas. Em sua composição original, apresenta 96 fotos com ilustrações reais de pessoas envolvidas em atividades ocupacionais (ACHTNICH, 1991, citado por SHIMADA, 2016), de modo a combinar dois fatores/radicais de inclinação (SHIMADA, 2016), pois “nenhum desses oito fatores de inclinação existe em um estado isolado do indivíduo” (ACHTNICH, 1991, p. 11, citado por SHIMADA, 2016, p. 64). A elaboração de Achtnich (1991) conforme citado por Shimada (2016, p. 64-65) indica que “[...]radicais de inclinação primários dizem respeito às atividades profissionais em si.”, assim, “[...] cada atividade adquire sentido somente em relação a um objeto profissional” (p. 65); enquanto “[...] radicais secundários [...] descrevem outros

aspectos das profissões representadas nas imagens do BBT-Br, como objetivos e ambientes de trabalho” (p. 65).

As estruturas de interesses primárias e secundárias, são então investigadas por meio de escolhas e rejeições das atividades, ambientes e instrumentos de trabalho, representados nas imagens que compõem o teste. Destaca-se que a classificação das imagens no BBT é realizada considerando-se as impressões afetivas dos indivíduos sobre as fotos, não apenas os aspectos concretos e racionais de suas representações (PASIAN *et al.*, 2007 citado por SHIMADA, 2016, p. 65).

Nessa direção, Shimada (2016) pontua que para Melo-Silva, Noce e Andrade (2003), o BBT é um instrumento de avaliação dinâmica de interesses, pois, através de sua aplicação, possibilita captar a organização de escolhas e a hierarquização de preferências e rejeições motivacionais.

O BBT contempla ainda análise qualitativa dos dados, em que “associações e reflexões que o sujeito realiza sobre fotos e grupos de fotos escolhidas, revelando peculiaridades interpretativas além daquelas apresentadas na estrutura de interesses (PASIAN *et al.*, 2007, citado por SHIMADA, 2016, p. 65). Em que, continua, “ao envolver cliente e psicólogo num processo de investigação ativa, permite que orientando construa as suas categorias de interesses explore o seu significado e os seus conteúdos (LEITÃO, MIGUEL, 2004, citado por SHIMADA, 2016, p. 65).

A autora argumenta em favor do uso do BBT em intervenções no campo da Orientação Profissional e de Carreira, pois, conforme descreve Jacquemin e colaboradores (2006) citado por Shimada (2016, p. 65) “a divisão da aplicação do instrumento em diferentes fases permite que, gradativamente, a pessoa entre em contato com diversos aspectos – nem sempre conscientes ou esclarecidos – que interferem em sua carreira.”. Outro argumento favorável ao uso desse instrumento sugere que “as imagens do BBT, além de visualmente atrativas, podem retratar aspectos globais das atividades profissionais, sem necessariamente centrarem-se em um aspecto isolado, como usualmente ocorre em outros instrumentos utilizados” (MELO-SILVA; JACQUEMIN, 2001, p. 65-66). Além disso, “a participação ativa do indivíduo em todo processo de aplicação, realizando escolhas e refletindo sobre as mesmas [...] acaba por favorecer o desenvolvimento de sua identidade e autoconhecimento, fundamental nos processos de construção da carreira” (JACQUEMIN; MELO-SILVA; PASIAN, 2010, citado por SHIMADA, 2016, p. 66). No contexto brasileiro, SHIMADA (2016, p. 66) informa que:

Devido a suas amplas possibilidades informativas, o BBT foi incorporados ao contexto brasileiro na década de 1980. Pesquisas foram realizadas objetivando avaliar se as fotos representadas no BBT estavam adequadas à realidade sociocultural brasileira, evidenciando que diversas imagens não despertaram associações suficientes para corresponder ao fator primário proposto por Achtnich (Okino *et al.*, 2003). Desta forma, o BBT foi adaptado ao contexto sociocultural brasileiro, em suas duas versões – a forma masculina foi concluída em 1998 (Jacquemin, 2000) e a feminina, em 2003 (Jacquemin *et al.*, 2006). Salienta-se que a existência das duas versões do BBT serviu ao

intuito de favorecer o processo de identificação com as atividades quando representadas pelo mesmo sexo do respondente (Achnich, 1991), sendo que ambas foram construídas de modo a representar os oito radicais de inclinação de forma equivalente.

[...]

Diversas investigações científicas com o BBT-Br foram desenvolvidas no Brasil nas últimas três décadas, evidenciando sua utilidade clínica. Especificamente em relação a contribuição do BBT-Br para intervenções de carreira, destacam-se estudos referentes a: (a) avaliação de estratégias em Orientação Profissional e de Carreira, destacando o BBT-Br como técnica eficaz no processo de intervenção (Melo-Silva & Jacquemin, 2001); (b) estudos de caso, descrevendo experiências clínicas que ilustram as possibilidades interpretativas do BBT-Br nos processos de orientação com adolescentes (Jacquemin et al., 2010; Melo-Silva & Noce, 2004); (c) estudo follow-up de um situação clínica (Melo-Silva, Pasian, Okino, Marangoni, & Shimada, 2015); (d) avaliação de interesses de adolescentes que procuraram intervenção psicológica em serviços de Orientação Profissional (Melo-Silva et al., 2003; Shimada, 2011); (e) história das cinco fotos preferidas, enquanto procedimento qualitativo complementar e aprimoramento técnico do BBT-Br (Melo-Silva, Pasian, Assoni, & Bonfim, 2008; Santos & Melo-Silva, 1998; Shimada, Oliveira, Risk, Saviolli, & Melo-Silva, 2013).

REFERÊNCIAS USADAS PELO/A AUTOR/A

ACHTNICH, M. *O BBT-Teste de Fotos de Profissões*: método projetivo para a clarificação da inclinação profissional. Trad. José Ferreira Filho. São Paulo: CETEPP, 1991.

JACQUEMIN, A. *O BBT-Br*: teste de fotos de profissões: normas adaptação brasileira: estudo de caso. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia, 2000.

JACQUEMIN, A. A adaptação do BBT: Teste de Fotos de Profissões - para o contexto sociocultural brasileiro. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 4, n. 1-2, 2003. p. 87-96.

JACQUEMIN, A.; MELO-SILVA, L. L.; PASIAN, S. R. O Berufsbilder Test (BBT): Teste de fotos de profissões em processos de orientação profissional. In LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Eds.), **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 211-224.

JACQUEMIN, A.; OKINO, E. T. K.; NOCE, M. A.; ASSONI, R. de F.; PASIAN, S. R. **BBT-Br feminino**: Teste de Fotos de Profissões: adaptação brasileira, normas e estudos de caso. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia, 2006.

LEITÃO, L. M.; MIGUEL, J. P. Avaliação dos interesses. In **Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional**. Coimbra: Quarteto, 2004. p. 179-262.

MELO-SILVA, L. L., & JACQUEMIN, A. **Intervenção em orientação vocacional/profissional**: avaliando resultados e processos. São Paulo: Vetor, 2001.

MELO-SILVA, L. L.; NOCE, M. A.; ANDRADE, P. P. Interesses em adolescentes que procuram orientação profissional. **Psic: Revista Da Vetor Editora**, v. 4, n. 2, 2003. p. 06-17.

OKINO, E. T. K.; NOCE, M. A.; ASSONI, R. de F.; CORLATTI, C. de T.; PASIAN, S. R.; PASIAN, S. R.; OKINO, E. T. K.; MELO-SILVA, L. L. O Teste de Fotos de Profissões (BBT) de Achnich: histórico e pesquisas desenvolvidas no Brasil. **Psico-USF**, v. 12, n. 2, 2007. p. 173-187.